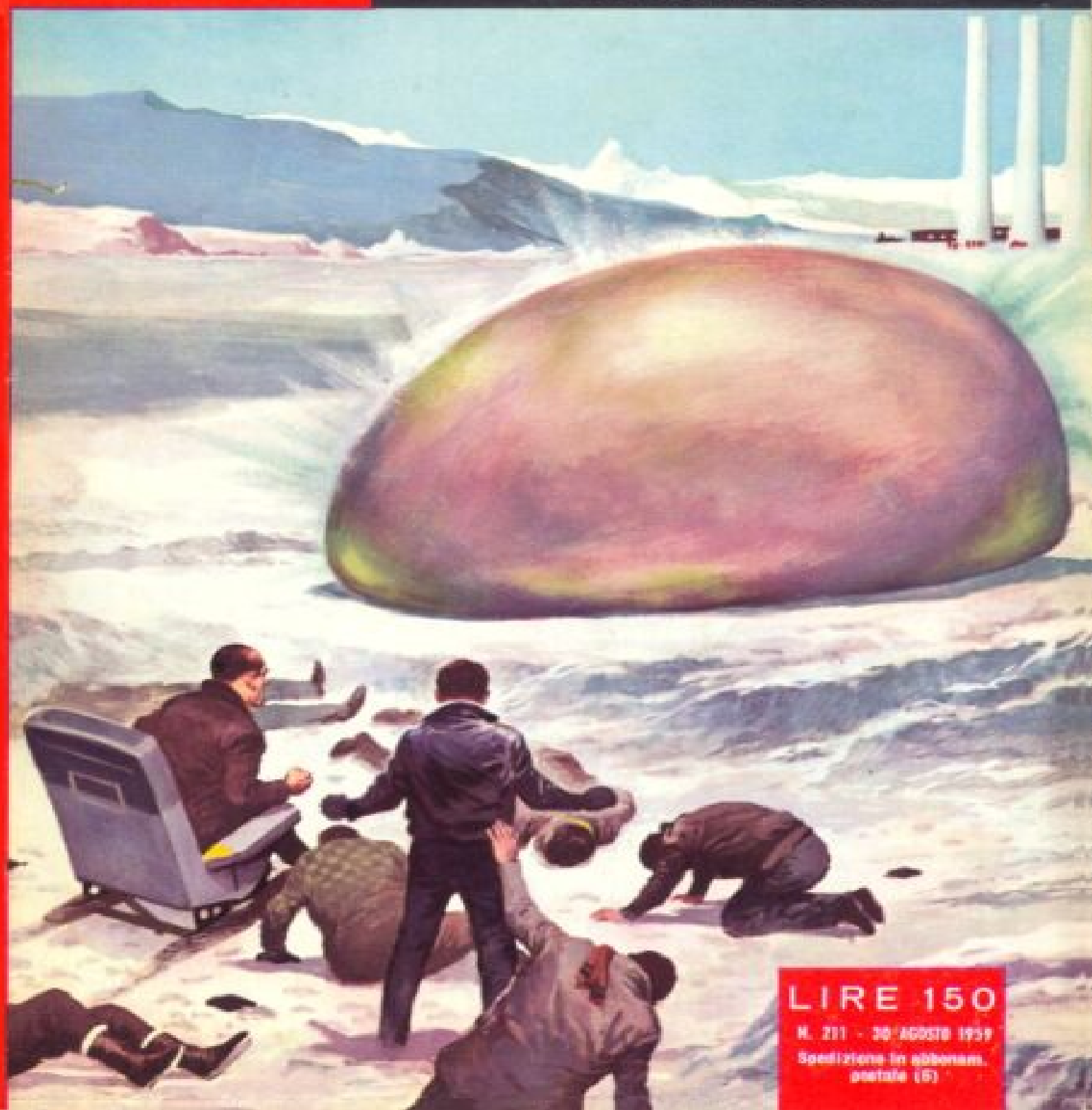
URANIA

LA PIÙ FAMOSA COLLANA
DI FANTASCIENZA

pubblicazione quattordicinale

MONDADORI

IL GRANDE KIRN

di B.R. BRUSS

Quando uma grande parte da Escandinávia ficou isolada do mundo e as missões de reconhecimento não retornaram, somente o Instituto de Parapsicologia de Halburne parecia ser capaz de resolver este enigma. Peter Bjoern, o narrador, seria o primeiro a descobrir a terrível verdade: ao longo dos territórios agora proibidos, o tempo agora estava agora consideravelmente lento. Seria o Instituto de Parapsicologia que descobriria o nome desse ataque brutal: os Djarns! Estranhos personagens que, graças à formidável capacidade psíquica, chegam a paralisar e escravizar os homens. O final deste grande romance nos mostrará que os próprios Djarns eram por sua vez dirigidos por uma entidade demoníaca: O Kirn!

Título do Original em Francês: **LE GRAND KIRN**

Illustration de couverture: Jean-Michel Nicollet

CAPÍTULO I

Se não redigi antes o meu testemunho escrito sobre os singulares e extraordinários acontecimentos de que foi teatro o nosso planeta em 1976 e 1977, apesar de todos me instarem para que o fizesse, foi porque durante três anos não fui capaz de pegar na caneta nem de ordenar minhas ideias, em consequência do tremendo choque nervoso que sofri.

Hoje, completamente restabelecido, considero meu dever aportar meu concurso à história de um período sobre o qual ainda existem muitos aspectos obscuros para o grande público.

Na realidade não vou revelar nada de novo para ninguém. Em seu conjunto, os fatos são conhecidíssimos. Além disso, muitas pessoas do hemisfério norte viram-se envolvidas muito diretamente nos acontecimentos para que tenham deixado de guardar uma lembrança horrorizada dos mesmos. Pelo menos, e esta é minha intenção ao pegar na caneta, poderei facilitar precisões úteis e inéditas sobre o proeminente papel que representou nesta terrível aventura o Instituto de Parapsicologia de Halburne, onde naquele tempo eu estava encarregado de certas pesquisas e para o qual fui recentemente nomeado diretor.

Outro homem teria sido infinitamente mais qualificado que eu para prestar tal testemunho: o pranteado professor Daniel Hersan. Ele pagou com sua vida pelo entusiasmo heroico que exibiu ao longo dessa grande tragédia e sua memória é venerada por todos em nossos dias.

Vejo constantemente sua imagem, naquela manhã de 2 de maio de 1976, que para mim marca o começo real dos acontecimentos. Sem dúvida há de surpreender que eu aponte tal data, já que não foi senão em julho do mesmo ano que as pessoas começaram a se dar conta de que algo extraordinário estava acontecendo em nosso planeta. Mas para mim não há dúvida alguma. E tampouco teve o professor Hersan.

Assim pois, naquela manhã, como todos os dias, entrei no gabinete em que se encontrava o homem que eu mais admirava e respeitava neste mundo - o mesmo gabinete em que agora escrevo estas linhas; uma grande sala quase nua,

cujas duas janelas abriam-se para o parque do Instituto.
Eu tinha pressa em vê-lo, para saber se durante a noite ele havia captado as mesmas indicações que eu havia obtido.
Ele estava sentado em sua mesa - na qual jamais havia desordem alguma nos papéis - lendo seu jornal. No momento em que dei a primeira olhada, compreendi que ele também estava perplexo.
Fazia oito anos que trabalhávamos juntos e havíamos aprendido, não só a nos conhecermos e nos estimarmos, como também a própria natureza das nossas ocupações fazia com que nos compreendêssemos rapidamente; e muitas vezes sem a necessidade de trocar uma só palavra - inclusive quando não entrávamos em comunicação mental de forma direta.
O professor Hersan, que contava então sessenta e cinco anos de idade, parecia muito mais jovem. Era alto e magro, com um rosto longo e ossudo muito expressivo, rematado por dois olhos azuis cujo olhar era habitualmente grave e um pouco sonhador. Em certas ocasiões seus olhos brilhavam, maliciosos e inteligentes. Quando me viu entrar na sala, tirou os grossos óculos de aro de tartaruga que usava e lançou seu costumeiro:
- Que há de novo, Bjoern?
Mas na sua interrogação havia alguma coisa que a fazia mais acentuada que de costume, inclusive um pouco ansiosa. Compreendi no ato que ele desejava saber se durante as horas anteriores eu havia sido objeto de fenômenos telepáticos e a forma como eu os interpretava.
Sua curiosidade me satisfez - apesar da vaga inquietação que experimentava, - posto que temia que ele houvesse dado uma interpretação equivocada ao que me havia ocorrido. Não obstante, hesitei por um momento antes de falar-lhe sobre o que me preocupava. Quantas vezes ele nos havia posto em guarda contra os erros e os entusiasmos!
- Nada de novo - eu disse. - Pelo menos nada que possa anunciar-se como uma notícia concreta...
Ele me olhou atentamente e em seu rosto desenhou-se um leve sorriso, que eu interpretei como um convite
- Você sabe de sobra que certos fatos não podem ser anunciados de forma precisa - ele me disse. - O que não quer dizer que careçam de interesse. Vamos lá, estou escutando.
Tive então a certeza de que ele já sabia o que eu ia lhe comunicar e não hesitei nem um momento.

- Esta noite - eu lhe disse - tive uma premonição muito vaga, mas muito curiosa. Uma premonição que também me parece muito inquietante. Eram duas da manhã e a chamada telefônica de um amigo havia me despertado. Vendo que não conseguiria dormir de novo, fiquei lendo. Mas as linhas logo se embaralharam diante dos meus olhos e me senti invadido por um denso sentimento de angústia. Claro, como eu não tinha nenhum motivo pessoal para estar angustiado, pus imediatamente em prática as duas regras de "esclarecimento psíquico" que devem ser utilizadas em semelhantes casos, e de acordo com o método que você tão magistralmente definiu: a primeira, para tentar fixar a situação no tempo do acontecimento que provoca a angústia; a segunda para procurar determinar o lugar, as circunstâncias e, se possível, os atores. Logo tive a convicção de que não se tratava de entes queridos e nem sequer de pessoas as quais eu conhecera. Quanto à localização era difícil. No máximo, tive a sensação não concreta de que "a coisa" ia acontecer em algum lugar na direção nordeste, mas longe daqui, no outro lado do Atlântico. Foi-me igualmente impossível saber concretamente alguma coisa a respeito do tempo. Minha conclusão foi de que "aquilo ocorreria em um tempo próximo, mas muito indeterminado". Em resumo: depois de haver-me dedicado a diversos exercícios mentais para desfazer a névoa, mas sem conseguir de uma forma exata, por fim tive a quase certeza de que minha premonição referia-se a uma ameaça de caráter geral, de natureza desconhecida, e que afetaria uma parte importante da população do Globo quando acontecesse...
O professor Hersan me olhou durante um momento sem dizer nada. Parecia um pouco emocionado.
- Você acaba de expor - disse - exatamente o mesmo que eu senti esta noite mais ou menos à mesma hora. Igualmente a você, tampouco pude concretizar esta premonição. Mas me parece igualmente inquietante. Ah!, ainda nos falta descobrir muitas coisas antes que a parapsicologia seja uma ciência digna deste nome.
- De que poderia se tratar? - perguntei, como se falando comigo mesmo.
- Esta é a pergunta que também me faço. Se houvesse no ar uma ameaça de guerra, a resposta seria fácil. Mas creio que podemos excluir esta hipótese, pelo menos por algum tempo. Uma revolução? Distúrbios sangrentos em alguma parte importante do mundo? Estas são coisas que sempre acontecem. E não é este o caso agora. Então resta uma catástrofe de caráter natural: terremoto, um transbordamento da maré. Evidentemente isto não é impossível e nada

poderíamos contra isto... Uma propagação relâmpago de uma doença nova e perigosa? Não me parece. Explosão de uma usina atômica? Não creio que seja possível. E além disso não existe nenhuma usina atômica nas regiões onde acho possível concretizar-se a ameaça, já que para mim também me parece que isto está situado no nordeste... Mas de forma muito vaga... Groenlândia... Islândia... Países escandinavos... Não consegui localizar de uma forma mais precisa.
O professor calou-se por um instante e logo continuou:
- O que me surpreende é a intensidade dessa premonição. Meu caro Bjoern, nós nos transformamos em espécies de sismógrafos que detectam, não somente quanto ao espaço, mas também quando ao tempo. A única coisa que podemos afirmar e que está se preparando um grande abalo. É irritante que não possamos dizer mais, posto que talvez seria muito útil.
Calamo-nos por um instante e então perguntei:
- Que faremos? Devemos tornar públicos os temores que experimentamos? Ele ergueu ligeiramente os ombros e prosseguiu:
- Que podemos fazer? O que você acha que poderíamos tentar? Informar as autoridades sobre nossas suposições, nossos temores, nossa inquietação? Evidentemente isto seria o mais sensato a se fazer, mas eles não nos levarão a sério, você sabe.
O professor pôs uma certa amargura em suas últimas palavras. E era uma amargura que eu compartilhava com ele...

* * *

Devo dizer que o Instituto de Parapsicologia de Halburne estava então muito longe de ocupar no mundo o lugar eminente e universalmente reconhecido que tem na atualidade. Tinha somente nove anos de vida e a sua fundação, graças aos enormes sacrifícios que havia feito o professor Hersan, havia sido acolhida nos meios científicos mais com uma certa reserva - e, pode-se dizer, com piadas - que com elogios.
Não obstante, quando nossa escola tinha sido criada, em 1967, em um extenso parque de Halburne, a trinta milhas ao sul de Chicago - e seus belos edifícios modernos têm sido evocados com muita frequência nas revistas e na televisão para que eu tenha que descrevê-los - o professor Hersan já havia realizado uma grande quantidade de descobertas devidamente controladas.
Três anos antes ele havia publicado seu famoso manual As Leis Secretas do

Espírito, que se converteu no breviário de todos os parapsicólogos, muito especialmente no que concerne aos fenômenos de telepatia. Mas suas teses revolucionaram muitas ideias solidamente estabelecidas.
Inclusive, nove anos depois da edificação do Instituto - em cuja construção o professor Hersan havia investido toda sua fortuna com admirável desinteresse - nossos trabalhos eram objeto de não poucas reservas.
Não obstante, ali estavam as provas dos nossos êxitos. E posso falar pessoalmente disto com total conhecimento de causa.
Quando conheci o professor, eu só tinha dezenove anos e tinha uma única ambição: tornar-me seu aluno. Eu havia estudado a fundo as suas obras e havia me apaixonado. Pessoalmente, eu havia me entregado a certas experiências que me haviam permitido comprovar sua perfeita exatidão.
Minha primeira entrevista com Daniel Hersan durou cinco horas, ao cabo das quais, depois de ter-me submetido a centenas de testes e me crivado de perguntas de todo tipo, fui admitido para fazer parte da sua equipe. Seis meses mais tarde eu era um dos seus alunos preferidos. Então me tornei, com John Wild, em seu principal colaborador.
Não é meu propósito contar aqui a história do Centro Parapsicológico de Halburne, nem tampouco dar um breve resumo dos seus métodos. Só recordarei brevemente que o professor Hersan havia partido desta ideia - que mostrou-se plenamente exata - que consiste em afirmar que todo ser humano tem em si, pelo menos em estado embrionário, faculdades psíquicas que normalmente ficam sem serem utilizadas, salvo em algumas pessoas particularmente dotadas. Não obstante, tais faculdades podem desenvolver-se como as demais faculdades naturais, se forem submetidas a um treinamento adequado. Em outras palavras, cada um de nós é suscetível de ter premonições mais ou menos concretas e de entrar em comunicação telepática, de forma mais ou menos clara, com um dos seus semelhantes. Sem falar dos caminhos que se abriam ao hipnotismo (já mais conhecidos, mas mal explorados), a sugestão à distância, a exteriorização psíquica, a levitação, etcétera.
Por minha parte, eu havia me especializado no estudo das premonições e da telepatia.
No momento em que se iniciaram os fatos a que aludimos, eu já tinha em meu ativo um número impressionante de êxitos em matéria de premonições - se podem ser chamados de êxitos as visões premonitórias dos acontecimentos, em sua maior parte catastróficos.

No terreno pessoal, e para citar somente dois exemplos, direi que fui "advertido" no mesmo instante em que aconteceu a morte do meu pai, que morreu em um acidente de automóvel na Noruega - de onde sou originário, - e a de um dos meus tios, que pereceu em um naufrágio de um pequeno iate nas águas dos Açores. Neste último caso eu pude informar - como pude comprovar - os nomes das outras vítimas, assim como dos salvos, muito antes que fosse conhecida a notícia dessa desgraça.
Mas nesses casos, por assim dizer, trata-se de premonições clássicas, do mesmo gênero daquelas que tantas vezes foram assinaladas antes que a parapsicologia se tornasse uma ciência. Por isto, insistirei preferencialmente sobre o que chamarei de "captação coletiva" de fatos "impessoais".
Todo mundo se lembra do terrível choque de dois gigantescos aviões de transporte que aconteceu em abril de 1972 acima do continente australiano. Houve cerca de dois mil mortos. No Instituto de Halburne, fomos sete os que recebemos uma visão premonitória desse dramático acidente, vinte e quatro horas antes de terem encontrado os restos dos aparelhos. A mesma coisa aconteceu no sismo que assolou o norte do Japão em agosto de 1973.
Só cito estes dois fatos - em cuja premonição participei, - porque são característicos e estão presentes em todas as memórias. Poderia citar dezenas de outros igual mente característicos.
No que respeita às comunicações telepáticas, nossas experiências eram diárias. Graças a um severo treinamento, nos princípios de 1976 eu havia conseguido me comunicar telepaticamente - e na prática não importa a distância - não somente com o professor Hersan, como também com três ou quatro dos meus companheiros, especialmente com John Wild e ainda mais com Olga Darboe, que era minha noiva há pouco tempo.
Aqueles que têm somente noções bastante vagas em matéria de telepatia - e são a imensa maioria, - não devem imaginar que as conversas que tínhamos por este sistema fossem comparáveis às que se tem por telefone. Nem sequer hoje em dia chegamos a tanto. A telepatia, mais que por meio de palavras, se exerce pela transmissão de influxos nervosos que se traduzem em imagens. Toda a arte - o que é complicado - consiste em saber interpretar corretamente essas imagens.
Mas no momento em que se produziram os terríveis fatos de que vou falar, havíamos criado, sob a direção do professor Hersan, um "código" que nos permitia sustentar "conversações" bastante concretas.

* * *

Antes de entrar a fundo no assunto, permitam-me ainda evocar uma desgraça que teve uma considerável difusão.

Em 14 de março de 1976 - e esta data não se apagou de nenhuma memória - voou para a Lua o primeiro foguete levando tripulantes humanos. A este propósito, eu queria citar um exemplo duplo de premonição e telepatia.

A tripulação compunha-se de três homens, um dos quais, Harry Spinger, o radiotelegrafista de bordo, que era meu amigo pessoal e amigo do nosso Instituto, onde havia feito uma estadia de dois anos. Spinger era telepata assim como eu.

Mesmo quando os organizadores da expedição, gente muito positiva, não quis nem ouvir falar deste sistema de comunicação - julgando o rádio muito mais seguro - havíamos combinado que tentaríamos pôr-nos em contato no transcurso da extraordinária excursão que ele ia empreender.

É sabido que a Fulgur - tal era o nome da astronave - perdeu-se “em corpo e bens”, em condições que jamais foram elucidadas.

Tentamos então dar a conhecer o que sabíamos - isto desde 15 de março. Mas tropeçamos no ato com a incompreensão das pessoas que queriam continuar esperando, contra toda a esperança. Então, quando se confirmou que a Fulgur jamais daria sinais de vida, fomos acusados de querer explorar os cadáveres com fins publicitários.

Felizmente hoje em dia já ninguém põe em dúvida as recensões que fizemos naquela época e que eram tão somente a expressão da verdade mais estrita.

Por minha parte, entrei em contato telepático com Spinger por três vezes. Nas duas primeiras vezes ele se limitou a me comunicar que tudo ia bem a bordo. Por outro lado, o rádio funcionava normalmente e o mundo seguia anelante as peripécias da viagem.

Quando Spinger fez contato comigo pela terceira vez, o aparelho havia deixado de se comunicar com o globo terrestre havia meia hora e eu estava muito inquieto. Desde os primeiros influxos nervosos que meu amigo me transmitiu, eu compreendi que tudo ia mal a bordo. Ele tentou me dar explicações técnicas que eu era incapaz de interpretar corretamente, mas compreendia que a Fulgur estava em perigo de explodir, já que uma das paredes laterais dava sinais de enfraquecimento.

Durante cerca de um quarto de hora, Spinger permaneceu literalmente agarrado

a mim pelo pensamento, e eu vivi as mesmas angustias que ele. Ouvi literalmente seu grito quando chegou o último segundo e todas minhas faculdades exacerbadas me permitiram ver mentalmente a explosão do foguete.
No mesmo segundo, entrou em meu gabinete - onde eu estava sem fôlego - o professor Hersan e três ou quatro dos meus colegas. Acabavam de ter a premonição dessa horrenda desgraça.
Quando o novo foguete, que deve ser lançado no próximo ano, for partir, sem dúvida nosso concurso não será desdenhado.
Citei todos esses exemplos para demonstrar que mesmo naquela época a "telepatia dirigida", segundo a expressão de Daniel Hersan, não devia ter sido considerada como um mito.
Mas voltemos àquela manhã do dia 2 de maio de 1976, da qual eu falava momentos atrás.
Da mesma forma que nosso "chefe", sempre fui muito madrugador. Naquele dia nosso primeiro encontro teve lugar muito rápido. A maior parte dos demais membros da nossa equipe, ou ainda estava dormindo ou estava tomando o café da manhã. Mas o professor tinha pressa em saber se eles também haviam captado alguma coisa.
Saí pois à sua procura, e no corredor tropecei com Olga Darboe.
Olga, que era minha noiva como eu já havia dito, sempre havia conseguido minha admiração, não só por suas qualidades intelectuais muito notáveis, como também pelo seu sangue frio e pela sua serenidade. Era preciso que acontecessem coisas verdadeiramente extraordinárias e perigosas para que ela começasse a ficar inquieta. Sempre havia sido assim. Eu a havia conhecido quando ainda era uma menina, já que ambos havíamos nascido no mesmo povoado da Noruega, perto de Bodoe.
- Olá Peter! - gritou ao me ver. - Esta noite eu tive uma premonição extraordinária. Alguma coisa terrível está se preparando. Gostaria de saber do que se trata.
Neste momento apareceu John Wild, com quem eu mantinha a mais afetuosa amizade. Ele estava com um aspecto muito mais preocupado que Olga - e era por isto que havia se levantado mais cedo. - Ele também tinha tido a premonição do misterioso acontecimento e isto o inquietava muitíssimo.
Uma hora mais tarde, o estado maior do Instituto estava reunido por completo, no gabinete do "chefe" - ou seja, além dele, sete homens e três mulheres, jovens na maior parte.

Com maior ou menor intensidade, todos havíamos recebido a estranha advertência. Havíamos inclusive recolhido as impressões de alguns dos nossos assistentes e de um certo número de alunos que, embora menos preparados que nós em matéria de parapsicologia, haviam notado neles fenômenos de angústia mais ou menos claros e tinham vindo nos comunicar.
Assim então, a dúvida já não era possível.
Tivemos uma longa conferência para ensaiar, para ver se confrontando os diferentes dados que havíamos recolhido, podíamos ver mais claro. Mas isto não nos fez adiantar muito. Nenhum de nós aportou novos dados de interesse em relação ao que eu mesmo havia anotado. Estivemos todos de acordo sobre a direção - se não sobre o lugar - de onde se manifestava a ameaça: o nordeste. Estivemos igualmente de acordo de que não era imediata; dentro de umas semanas, talvez dentro de alguns meses. O que mais nos impressionou, é que até então não havia se apresentado nada tão inquietante e tão impenetrável para ser investigado.
Luc Seabright, o impetuoso Seabright, um rapazinho de vinte e oito anos, de pele rosada e de cabelos cor de fogo, fez a mesma pergunta que eu havia feito ao professor minutos antes:
- Que faremos? Avisamos às autoridades?
O "chefe" ficou em suspenso por um momento. Era evidente que esta pergunta o preocupava.
- Creio que o melhor - disse, - seria não fazer nada oficialmente. Mas em particular, avisarei a algumas pessoas colocadas em altos postos e com as quais mantenho relações de amizade. Ignoro como vão reagir. Por outro lado, não me ocorre o que poderiam fazer com um perigo assim tão vago e tão indeterminado... Mas continuemos nos mantendo em estado de receptividade... Pode ser que os dias que vão se seguir nos aportem novas luzes... Neste caso, poderemos dar notícias mais concretas às autoridades.
Sem dúvida alguma, esta era a única atitude aconselhável e todos nós aprovamos a do nosso professor. E depois nos separamos.
Nem neste dia, nem durante as semanas que se seguiram, nenhum de nós, nem sequer o professor Hersan, chegou a suspeitar do papel importantíssimo que o Instituto seria chamado a representar no desenvolvimento dos acontecimentos futuros.
Estávamos simplesmente inquietos, porque nós sabíamos algo que os demais habitantes do Globo ignoravam.

CAPÍTULO II

Para melhor compreensão da minha história, vou seguir uma ordem cronológica. Tudo começou na região vagamente indicada por nossas premonições com um pequeno fato insignificante, tão insignificante que permaneceu ignorado por todo mundo, inclusive por nós mesmos, até o final do drama.

Em 5 de maio de 1976, Jarl Olsen levantou-se muito cedo, como costumava fazer, e foi trabalhar no bosque. Ele explorava uma pequena reserva florestal não muito distante de Herborg, na Suécia.

Habitualmente ele era ajudado por seu irmão mais novo, um rapaz jovem de dezoito anos, mas que três dias antes havia quebrado uma perna fazendo rolar, com má sorte, um robusto tronco. De modo que Jarl trabalhava firmemente, a fim de que a ausência do seu companheiro não prejudicasse demais a boa marcha da exploração.

Às onze horas voltou para casa para almoçar. Ao passar perto da casa de Henrik Larum, viu no meio do mato um objeto que brilhava e abaixou-se para recolhê-lo. Tratava-se de uma caixinha metálica de forma oblonga e bastante pesada. A tampa estava levantada em uma das suas extremidades.

Jarl encontrou algumas sementes na caixa. Pequenas sementes redondas e negras que estavam todas marcadas com um ponto branco. Eram sementes desconhecidas para ele. Mesmo que Olsen se dedicasse um pouco à jardinagem, não tinha a presente pretensão de conhecer todas as sementes.

Do fato de que estas estivessem guardadas em uma caixa, deduziu que evidentemente eram destinadas à semeadura.

O primeiro pensamento de Jarl foi:

- Ora! Com certeza foi Henrik que perdeu isto.

E já se preparava para entrar na casa do seu vizinho para devolver-lhe sua propriedade, quando no momento de empurrar o pequeno portão de madeira se arrependeu e em seu rosto apareceu um sorriso brincalhão.

Jarl era um homem simples, um pouco rústico e fundamentalmente honesto. Mas acabara de se lembrar que na semana passada Henrik tinha feito uma

brincadeira com ele - por outro lado, sem malícia. Mesmo mantendo as melhores relações do mundo, ambos gostavam de fazer brincadeiras, embora depois ambos rissem disso. Jarl colocou a caixa em sua bolsa e prosseguiu seu caminho.
Chegando à sua propriedade, antes de entrar em casa foi ao seu horto e dirigiu-se para um campo ainda virgem de sementes. Rapidamente enterrou no chão as sementes contidas na caixa. Então escondeu a caixa em um galpão onde guardava as ferramentas.
Pensou:
- Quero ver a cara de Henrik quando ele vir no meu horto as plantas que deveriam estar no dele. Ficaremos em paz quando eu devolver os grãos, quando fizer a colheita.

E logo se perguntou:
- O que será que isto vai dar? Flores ou legumes?
Por ele teria preferido legumes, porque era um homem prático. Mas logo se distraiu e foi almoçar.
Passaram-se oito dias e ele havia esquecido dessa história das sementes. Nem sequer havia dado uma volta por seu horto. A exploração florestal preenchia todo seu tempo. Mas no domingo pela manhã, de volta da cidade onde havia estado fazendo compras, ocorreu-lhe ir visitar suas semeaduras enquanto fumava um cachimbo.
Esperava-lhe uma surpresa, mas não o impressionou muito. No lugar onde havia semeado os grãos que tirou da caixinha, ao longo do muro onde não dava muito sol, erguia-se uma vegetação extraordinária, com a altura de 60 centímetros, formada por uns talos de cor rosácea e da grossura de um dedo mínimo. Esses talos estavam rodeados de uma pelagem espiral, de uma cor rosa mais viva e, no fim dessas aspirais, pareciam se formar umas gêmulas diminutas.
O que mais surpreendeu Jarl não foi nem a cor nem a forma extraordinária da vegetação, e sim a rapidez com que havia crescido.
- É uma verdadeira pechincha! Com certeza podem-se recolher várias colheitas por ano.

* * *

Passaram-me mais oito dias sem que Jarl Olsen voltasse a visitar seu horto. No

domingo seguinte ele passou a manhã afiando seus utensílios na mó. Estava tirando as mossas de um pesado machado, com o cuidado meticuloso que tinha com todas suas coisas, quando seu filho Kreg, que teria então uns oito anos, veio encontrá-lo embaixo do galpão onde estava trabalhando. O garotinho, que tinha um caráter tranquilo, parecia presa de um a vivacidade desacostumada esta manhã.
Interrogou seu pai com energia:
- Pai, venha agora mesmo ver a horta.
- Para ver o que, Kreg?
- Uns homenzinhos pequenos.
- Uns homenzinhos? Onde?
- Nas plantas...
- Que plantas?
- As plantas que estão ao longo do muro, no final da horta. Jarl acendeu seu cachimbo e voltou a afiar o machado.
- Está dizendo que pequenos homenzinhos... De que tamanho?
- Oh, muito pequenos... longos como um dedo... E completamente vermelhos.
O lenhador estava de bom humor e gostava de fazer brincadeiras com seu filhinho.
- Falaram com você? - perguntou.
- Oh, não. Mas eles movem os braços e as pernas. Venha vê-los.
Jarl não teve pressa alguma. Jamais se apressava, porque dizia que isto não servia de nada. Quando terminou seu trabalho de afiador, decidiu-se a seguir seu filho que se mexia impaciente.
Quando chegaram em frente ao muro, exclamou:
- Ah! Essa é boa!
Mas sua surpresa não foi causada pelos homenzinhos. Foi causada pela altura desmesuradas das plantas. Em uma semana elas haviam crescido de forma surpreendente. Estavam mais altas que o muro.
- Olhe os pequenos homenzinhos vermelhos - gritou Kreg.
Jarl pôs a rir gostosamente.
- Você não se dá conta - disse - que o que você toma por homenzinhos são vagens... Como as vagens dos feijões ou das ervilhas. Só que têm uma forma diferente e são vermelhas. Isto é tudo.
A verdade era que essas curiosas vagens, de um bonito tom escarlate,

aparentavam mais ou menos a forma humana. Tinham umas cabecinhas por cuja extremidade superior estavam unidas à planta, pequenos braços e pequenas pernas e em suas extremidades haviam umas mãozinhas e uns pezinhos, se se olhasse detidamente.
Jarl repetiu:
- São vagens.
Mas o jovem Kreg teimava em sua ideia de que era muito mais apaixonante.
- Estou lhe dizendo, pai, são homenzinhos. Há pouco estavam movendo os braços e as pernas e até me pareceu que davam gritinhos.
- Era o vento que as fazia se mover.
- Não havia vento.
- Então foi sua imaginação que fez isso tudo... Deixe as plantas em paz e vá ajudar sua mãe nas coisas da casa... E que eu não o veja mais por aqui.
Mas à noite, quando voltava do seu trabalho, o lenhador encontrou seu filho que o esperava no caminho, a uns cinquenta metros da casa.
- Que aconteceu, Kreg?
O menino adotou uma expressão séria.
- Ouça pai - disse ele com ar misterioso, como se lhe confiasse um segredo, - não voltei a ver as plantas, já que você tinha me proibido. Mas faz pouco tempo, justamente antes do anoitecer, eu vi os homenzinhos vermelhos que corriam pelo caminho do horto.
Jarl encolheu os ombros.
- Devem ter sido as vagens que caíram... E o vento estava arrastando pelo chão...
- Não, pai! Eles corriam com suas perninhas do mesmo jeito que eu corro. E além disto não havia vento algum.
- Pois eu lhe digo que está equivocado, Kreg... Aposto que o professor lhe emprestou novamente um desse livros em que as cabaças se transformam em carruagens... Eu aconselho que você não fale disto à sua mãe. Ela diria que você tem muita imaginação e não lhe deixaria mais ler todas essas besteiras.... Ande, venha jantar.

* * *

No dia seguinte o lenhador levantou-se com a alva, como era seu costume.
- Ah! - disse a si mesmo, - tenho que ir ver o que está acontecendo com esses malditos legumes...

Aguardava-lhe uma surpresa. O muro, que as plantas haviam acabado ocultando, estava nu. Ao pé do muro havia um leito de folhas já quase murchas, mas nem rastro das vagens. Sacudiu o que restava daquela condenada vegetação sem encontrar nenhuma.
- Ora, ora! - disse, perplexo, - alguém já fez a coleta.
E nem por um momento duvidou de que tinha sido Henrik.
Seu vizinho devia ter reconhecido os curiosos vegetais por cima do muro e devia ter entendido o que tinha acontecido. Para fazer Jarl pagar com sua própria moeda, deve ter vindo à noite para fazer a colheita.
- Bom jogo! - disse Jarl.
E com isto foi à casa do seu vizinho, porque queria averiguar o que eram aquelas plantas que cresciam tão depressa.
Henrik estava no pátio, serrando madeira com sua serra elétrica.
Após os cumprimentos de costume, Jarl, um pouco alvoroçado, abordou o assunto.
- Foi uma boa peça a que você me pregou esta noite! Teve uma boa vingança.
- De que peça está falando? Que vingança? - perguntou Henrik, no mais inocente dos tons.
- Vamos, vamos, não se faça de idiota. Os grãos... A caixa em que havia os grãos negros.
Desta vez Henrik ficou com um ar completamente surpreso. Mas Jarl tinha seu vizinho como um imperturbável desmancha-prazeres e pensou: "Ele está brincando comigo. Não me dirá nada, se é que o conheço". Plantará as sementes e, quando a coisa estiver madura, me dirá: Toma, olha isto!...
Mas apesar disto Jarl insistiu, contando-lhe tudo que havia feito, tudo que havia visto, até chegar à surpresa daquela manhã. Mas o outro ficava com um ar cada vez mais surpreso e não deixava de repetir:
- Grãos? Jamais vi semelhantes grãos... Finalmente Jarl se foi, murmurando:
- Que cara de pau! Não existe quem o derrube...
Mas nem por um momento suspeitou de que acabara de assistir ao acontecimento mais fantástico que havia acontecido na Terra desde que foi habitada por homens.
Nem tampouco lhe ocorreu a ideia de que seu filho de oito anos podia ter razão - pelo menos até certo ponto - ao falar dos "pequenos homenzinhos".

* * *

Foi Knut Olsberg quem teve a sensação do fantástico - e não foi por menos - quando no fim da tarde viu um espetáculo totalmente extravagante.
Knut era motorista de caminhão em uma importante serraria que funcionava em uma cidade a uns oitenta quilômetros ao norte daquela cerca na qual viviam Jarl e Henrik.
Neste dia - 30 de maio - ele estava de folga. Quando tinha um dia livre, ele geralmente o passava colocando armadilhas para raposas no bosque.
Estava voltado para casa de muito mal humor, depois de ter andado um longo caminho sem nenhum resultado, quando parou para comer um bocado de pão e queijo ao abrigo de um arvoredo que margeava o caminho.
O lugar era selvagem e quase sempre deserto. Ele estava sentado no tronco morto de uma árvore e havia posto diante de si sua bolsa e o seu cantil. A noite estava caindo e fazia frio.
De repente foi surpreendido por um ruído insólito, um ruído que não se parecia com nada a que ele estava acostumado a escutar no bosque. Aguçou o ouvido. Parecia um pouco, com mais frequência, ao raspar de uma ponta de aço sobre um vidro e ao mesmo tempo aconteciam como que diferentes modulações, como uma música extravagante e suave.
Levantou-se intrigado e o que viu quase o fez cair de costas, mesmo que não sentisse em momento algum alguma sensação de perigo. Por outro lado, ele era um tipo valente e era preciso mais do que aquilo para infundir-lhe medo.
Mas o que ele via era tão inesperado, tão extravagante, e dizendo melhor, tão contrário ao tudo que se pode ver neste mundo, que não conseguia acreditar em seus próprios olhos.
Pelo caminho vinha avançando, em marcha bastante rápida, o mais extraordinário cortejo que se possa imaginar. Era constituído por uma multidão de pequenos personagens da altura de uma vagem, todos semelhantes uns aos outros e todos de cor vermelho escarlate. Tinham aparência humana, ou seja, andavam em pé, tinha uma cabeça, um tronco, dois braços e duas pernas, pouco mais ou menos na mesma proporção do corpo humano.
Estavam vestidos? Knut Olsberg não pôde determinar. Além disso, seu estupor era tão grande que não pensou em examiná-los detalhadamente. No máximo, notou que seus envoltórios exteriores - pele ou traje - tinham um aspecto reluzente, como se envernizado, igual ao que se nota em certos frutos e em

certos grão.
Esses pequenos personagens caminhavam - ou melhor, corriam - em uma ordem impecável, em linhas de cinco ou seis, emitindo um ruidinho irritante, que era o que havia feito Knut ficar em alerta.

Ao vê-los chegar, o motorista havia corrido para se esconder atrás de umas moitas. Durante uns dez minutos os viu desfilar a poucos metros e, sem se atrever a mover-se e prendendo a respiração, se perguntava se tal cortejo teria fim. Perguntava-se também se não estaria sonhando, se não estaria com febre e delirando.

Aquilo terminou em um instante. Em um abrir e fechar de olhos os pequenos personagens escarlates desapareceram na extremidade do arvoredo e se perderam no bosque. Dirigiam-se diretamente para o norte.
Vinte minutos mais tarde, Knut entrava como o vento no gabinete do seu patrão, um homem gordo, plácido e cordial, que era também prefeito da cidade. Knut gritou-lhe:
- Patrão, acabo de ver uma coisa incrível, extraordinária...
- Que foi? - disse o homem gordo sem levantar os olhos do seu jornal e sem perder sua fleuma natural.
Knut Olsberg contou o que tinha visto, com uma voz um pouco gaguejante.
O patrão da serraria acabou levantando a cabeça e quando o outro terminou, disse-lhe tranquilamente.
- Você está doido, rapaz.
- Mas patrão, eu lhe juro que...
O homem gordo se levantou e pôs sua larga mão sobre o ombro do motorista.
- Ouça meu rapaz, não é a primeira vez que se vê em nossos bosques suecos, e geralmente ao cair da tarde, gnomos, anões e outros personagens, especialmente se há um pouco de névoa... Isto acontece geralmente às mulheres... Mas os homens também podem ter visões semelhantes... Acho que você tomou um copo a mais com seus amigos... Isto não acontece frequentemente, de modo que não há por que se preocupar.. Mas, acredite-me, não conte esta história a ninguém, senão vão se divertir com você.
Ao deixar seu patrão, Knut Olsberg começou a se perguntar se realmente não teria sonhado... E, em consequência, decidiu não mais pensar nessa história que o fazia duvidar do bom equilíbrio dos seus sentidos.

* * *

Três semanas mais tarde, em 19 de junho, um lapão apresentou-se no posto de Strandorj, perto da fronteira entre a Noruega e a Finlândia. O posto consistia de uma instalação meteorológica, um equipamento radiofônico e um pequeno armário de medicamentos para socorros de urgência. Era cuidado por três homens, entre os quais o mais velho, Irjo Kern, tinha a função de chefe.

Irjo Kern era um homem sério, pontual e muito respeitador das ordens que rece bia.

O lapão que visitou o posto naquele dia era muito conhecido dos três homens, pois frequentemente levava-lhes caça ou pescado. Vinha também frequentemente buscar remédios para as pessoas da sua tribo que estavam doentes. Falava bastante bem o norueguês.

Contou uma história inverossímil. Havia ido lá expressamente para contá-la e parecia presa de um grande espanto.

Na véspera, quando voltava de uma excursão de caça com seus cães, ao sair de um estreito caminho, havia topado quase cara a cara com uma criatura extraordinária. Explicou que era uma espécie de homenzinho - um homenzinho que tinha apenas uma cabeça de altura a menos que um lapão de estatura mediana (o que devia ser em torno de um metro e trinta). Essa criatura era vermelha da cabeça aos pés. O lapão afirmava, inclusive, que em sua vida nunca tinha visto nada tão vermelho nem tão reluzente. Aterrorizado, havia imediatamente dado a volta com seus cães. Não se voltou mais que uma vez, depois já de ter percorrido uns cinquenta passos. E tinha visto novamente o estranho personagem. Mas não parecia que ele tivesse intenções agressivas. O lapão teve a sensação de ele também estava fugindo, porém em sentido inverso, e sua silhueta deslizou rapidamente entre a neblina.

Naturalmente, Irjo se mostrou mais que cético ao ouvir essa história. E seus companheiros dissimularam o riso com dificuldade.

Não obstante, o chefe do posto procurou obter do lapão uma informação complementar. Como era na realidade esse estranho visitante? Havia falado? Não estava disfarçado? Ao fazer essas perguntas, não deixava de se dar conta de que aquilo era completamente ridículo.

Pouco pôde acrescentar o lapão ao que havia dito. O homenzinho vermelho tinha uma boca, um nariz, tudo igual a nós. Não tinha tido tempo de ver se ele tinha ou não cabelos, nem se usava traje ou máscara, ou se o vermelho era sua cor natural. Se havia falado? Não. De qualquer forma, enquanto o lapão fugia

apressadamente, pareceu ouvir um grito diferente e agudo...
Que crédito podia-se dar a tal história? Bem pouco, pensou Irjo Kern. Não obstante, depois de hesitar por um instante, e com medo de ser tomado por imbecil, enviou uma breve mensagem a Altengard, onde morava seu superior imediato.

* * *

Tais foram os primeiros fatos captados pelos homens ao longo dos meses de maio e junho de 1976. Mas tudo isto só se soube muito mais tarde. Nenhum dos interessados suspeitou nem por um instante da sua verdadeira importância.
Estou convencido de que desde esses momentos deve ter havido testemunhas de outros fatos análogos. Mas, ou pensaram ter sonhado, ou tiveram medo que zombassem deles. Depois dos acontecimentos, não acharam necessário se darem ao trabalho de dar parte às autoridades do que tinham visto. Muitos, sem dúvida, estavam mortos como tantos outros.
Segundo pude constatar por mim mesmo, a mensagem de Irjo Kern não foi além de Altengard, onde não somente a julgaram sem interesse, como também deu motivo a muita gozação, pagando a festa o que a havia enviado. Agindo assim, o chefe da estação meteorológica de Altengard cometeu uma falta de uma gravidade excepcional; mas perfeitamente compreensível e desculpável
A este propósito, devo relatar aqui um fato que quase todo mundo ignora e que surpreenderá muita gente.
Ao expedir sua mensagem, depois de haver recolhido o relatório do lapão, Irjo Kern fez um gesto que não estava sem relação com as atividades do Instituto de Hal burne.
Vou explicar. No capítulo anterior, eu expus como o professor Hersan sentia-se um pouco inclinado a dirigir uma nota oficial às autoridades que, evidentemente, não teria sido levada a sério. Não obstante, como nos havia prometido, havia dado parte das nossas graves apreensões a dois ou três homens de Estado, em um plano puramente pessoal e amistoso, especialmente ao secretário de Assuntos Exteriores, John Irwood, de quem havia sido condiscípulo em outros tempos e que além disso começava a se interessar pelos trabalhos do nosso Instituto.
Arrostando o ridículo, este alto personagem não tinha hesitado em transmitir por via diplomática, e sob todas as reservas naturalmente, uma nota confidencial

para os seus colegas de três ou quatro países, que o professor havia mencionado como suscetíveis de se verem ameaçados. Indicava também que a advertência provinha do Instituto de Parapsicologia.

Somente o governo da Noruega levou esta nota em consideração e enviou uma circular breve aos seus funcionários, instando-os a avisar com urgência aos seus superiores tudo quanto pudesse parecer anormal em seus setores.

Portanto, ao expedir sua mensagem, Irjo Kern não havia feito nada mais que ater-se a esta ordem.

Se o tivessem imitado em Altengard, e se a notícia desse fato insólito tivesse sido transmitida para a América, apesar do que tinha de absurdo, se enfim tivéssemos tido conhecimento dela em nosso Instituto, talvez muitas desgraças tivessem sido evitadas.

Mas os acontecimentos tinham que seguir seu curso mais e mais dramático e compreendo que a ninguém podem ser exigidas responsabilidade.

Ninguém no mundo - nem sequer o professor Hersan - podia imaginar o que ia acontecer.

CAPÍTULO III

Naturalmente, nós continuávamos em estado de alerta no Instituto de Halburne, durante os meses de maio e junho. Todos os membros do nosso centro - e muito particularmente os membros da seção dedicada ao estudo das premonições, da qual eu sou o chefe - se mantiveram em estado de "receptividade" de forma per manente.
Não entrarei em detalhes técnicos sobre o que significa para nós esta palavra. Me limitarei a dizer que se toda criatura humana é suscetível, a todo momento, de ter premonições mais ou menos vagas, não somente esta faculdade pode ser desenvolvida, como já indiquei, como também é possível convertê-la em permanente, mais manifesta e mais ativa, por um esforço de vontade. De certo modo todos nós éramos como "receptores" perenemente dispostos para receber uma mensagem.
Nunca recolhemos tantas premonições como durante esse período e a razão disto estava na tensão dos nossos espíritos. Mas a maior parte dos fatos que captávamos careciam de relação com o que nos preocupava. Tratava-se principalmente de acidentes, de dramas, de catástrofes - e Deus sabe que acontecem em grande quantidade todos os dias, através do mundo - que localizávamos com a mais absoluta precisão. Mas, além desses fatos correntes cujas ondas trágicas vinham nos visitar, subsistia como uma tela de fundo a própria premonição de um acontecimento muito mais geral e que continuava situando-se nas mesmas paragens: na direção nordeste.
Apesar de todos nossos esforços, não conseguíamos localizar a "coisa" nem determinar sua natureza.
Entretanto ao entrar no gabinete do patrão numa certa manhã, Luc Seabright exclamou:
- Creio que tenho algo novo!
Todos nós lançamos uma exclamação. Todos sabíamos que Luc Seabright era especialmente "receptivo"
Ele deixou-se cair em uma poltrona e enxugou a testa, pois fazia muito calor.

Estávamos nos primeiros dias de julho.
- Alguma coisa nova? - demandou o professor Hersan.
- Ah - suspirou Seabright - não é que se trate de nada concreto. Melhor se diria que eu tive uma visão estranha por três vezes esta noite; e com uma intensidade extraordinária. Mas me é muito difícil traduzi-la em palavras correntes. No máximo, posso tentar descrevê-la dizendo que se tratava de uma espécie de redemoinho escarlate. É, não encontro outras palavras... Um redemoinho escarlate... Algo assim como uma pilha de pimentões vermelhos que estivessem se mexendo...
- Extraordinário - disse Daniel Hersan. - Mas não tenho a menor dúvida de que este fenômeno visual tenha a ver com o que nos preocupa.
Todo mundo foi da mesma opinião. Mas isto não fazia nossas investigações caminharem.
Não obstante, Luc Seabright acreditava poder afirmar que isto estava acontecendo em algum lugar da Escandinávia, provavelmente no norte da península.
- Era o que eu temia - disse Olga, com a voz um pouco nervosa.
Olga Darboe, minha noiva, começava a ficar inquieta por seus pais que viviam em Bergen. Eu próprio, tampouco estava tranquilo por minha mãe que vivia na mesma cidade.
- De que pode se tratar? - murmurou John Wild, que possuía uma natureza muito atormentada.
O professor Hersan baixava silenciosamente a cabeça.

* * *

Naquela noite eu tive a mesma visão que Seabright. Não saberia encontrar palavras mais precisas para dar uma ideia do que as que meu amigo havia pronunciado, uma espécie de redemoinho escarlate... A comparação com um monte de pimentões avermelhados que estivessem se movendo, me parecia absolutamente exata.
No dia seguinte foi a vez do professor Hersan. Depois, nos dias que se seguiram, todos meus colegas foram igualmente visitados pelo "redemoinho escarlate".
Não conseguíamos interpretar o que pudesse significar, mas todos estávamos de acordo com a situação do evento: o extremo norte da península escandinava.

Daniel Hersan não teve dúvidas, deu parte desse singular fenômeno ao seu amigo o secretário de Estado Irwood. Este, embora ainda um pouco cético, consentiu em enviar uma nota ao Governo norueguês. Não resta dúvida de que em Oslo acharam que estávamos sofrendo de um excesso de imaginação e não se fez nada.
Olga se inquietava cada dia mais por sua família. Ela também, claro, tinha todas as noites as mesmas visões que os demais.
Uma manhã, logo na primeira hora, ela entrou em meu gabinete. Estava intensamente pálida. Eu jamais a havia visto assim, já que sempre dava provas do maior sangue frio, como já disse antes.
- Não posso mais aguentar - disse. - Tenho que ir a Bergen para ver meus pais... Tenho o pressentimento de que eles estão em perigo... Tentarei trazê-los para cá; e na mesma viagem trarei sua mãe...
- Acha que há motivo para tanta pressa? - perguntei, porque a ideia de ficar separado de Olga, ainda que fosse por um só dia, não me agradava.
- Acho sim - disse ela gravemente. - Porque eu ainda não lhe disse tudo. Nesta noite eu tive...
- Um fato novo? - perguntei.
- Não. Não é exatamente isso. Trata-se sempre desse redemoinho escarlate que tanto conhecemos... Mas esta noite me pareceu que desse redemoinho saíam braços e pernas... Era uma coisa espantosa... Havia até olhos... Dir-se-ia um monte de lagostas. Lagostas cozidas, de um vermelho intenso, e que também se mexiam.
Fiquei confuso por um momento.
- Não vai acreditar realmente nessa visão, não é? Você sabe, assim como eu, que as imagens premonitórias devem sempre ser interpretadas... De onde acha que saíri am tais criaturas?
- Isto eu ignoro... E pode ser que você tenha razão. Mas me impressionou muito desagradavelmente. Quisera saber o que isto significa. Mas de qualquer forma quero ir buscar meus pais.

* * *

Ela saiu no dia seguinte pela manhã, pelo cruzeiro aéreo direto Chicago-Oslo. Havia-me prometido permanecer ausente pelo menor tempo possível.

- Apenas o tempo para convencer meus pais e a sua mãe de que é necessário ir embora. Mas você já os conhece, eles não vão querer saber de nada. Tampouco vão levar a sério o que eu lhes disser... Dirão que tudo isto são sandices. Terei que achar outro pretexto... E pode ser que isto exija três ou quatro dias. Aproveitarei também minha estadia lá para fazer as autoridades norueguesas compreenderem que um perigo ameaça o país. Duvido que se deem ao trabalho de me escutar!
Eu havia acompanhado Olga ao aeroporto. Eu a vejo ainda na passarela que dava acesso ao enorme aparelho voador. Dirigiu-me um último sorriso com seus olhos azuis e logo sua silhueta alta e esbelta, coroada pela massa dos seus cabelos loiros, desapareceu na nave aérea.
Eu próprio estava mais inquieto do que me atrevia a confessar. Era uma inquietação mais dolorosa, porquanto carecia de objeto concreto. E nessa mesma noite eu também tive a visão das pernas, dos braços e dos olhos que se movimentavam no monte escarlate. Fiquei positivamente horrorizado.
Quando na manhã seguinte falei disto ao professor Hersan - que também havia tido a mesma visão, - ele me disse:
- Tudo isto é muito estranho e me deixa desconcertado, já que até agora sempre soubemos interpretar, mais ou menos corretamente, todas nossas premonições, inclusive aquelas que nos pareciam mais obscuras no momento... Isto devia-se, sem dúvida alguma, a que todas as comunicações que recebíamos através do espaço tinham uma origem humana... Pois agora eu tenho a impressão de que nos achamos diante de um fenômeno de natureza absolutamente nova... Eu...
Imediatamente se calou.
- O que ia dizendo, professor? - perguntei.
- Não sei... Talvez à força de treinarmos, ficamos sensíveis a fatos que até agora não se manifestavam para nós... Pode ser que estejamos completamente equivocados, dando o caráter de uma ameaça ao que percebemos... Pode ser que estejamos captando simplesmente um fenômeno elétrico, magnético, que desenvolve imagens estranhas em nós... Mas também pode ser que se trate de alguma coisa terrível, horrível... Não, não sei... Na verdade estou no escuro... Continuemos atentos, mais do que nunca atentos.

* * *

Desde sua chegada a Oslo, tive notícias de Olga que me tranquilizaram.

Havíamos combinado de entrar em comunicação telepática quatro vezes ao dia: às sete, ao meio-dia, às dezoito e às vinte e três horas.
Minha noiva havia feito uma viagem magnífica.
Na sua segunda comunicação me deu conta das suas gestões com as autoridades O influxo nervoso que ela lançava para mim me provava, pela sua própria rapidez, que ela devia estar terrivelmente irritada e consideravelmente furiosa.
Através das imagens que eu captava à toda velocidade, eu entrevia que ela havia visitado um alto personagem, para o qual Hersan havia obtido umas linhas de apresentação. Desde as dez primeiras palavras pronunciadas por Olga, este alto personagem havia dado mostras de impaciência. E quando minha noiva lhe havia sugerido mandar uma expedição aérea de reconhecimento acima das regiões ameaçadas, ele não havia dissimulado sua ironia e havia posto um ponto final à entrevista.
Olga estava inclusive convencida de que se não houvesse se apresentado com uma recomendação tão importante como a que levara, teria corrido o risco de terminar a noite em um asilo de alienados.
Tudo isto não me surpreendeu nem um pouco. Hersan e eu já havíamos previsto este fracasso.
Quanto ao resto, tudo continuava perfeitamente tranquilo na Noruega. E as pessoas a quem ela falou da "ameaça" - incluindo seus próprios pais - riram na sua cara.
- Não demore muito, querida - eu disse.
- Mais cinco dias no máximo, - transmitiu. - Sua mãe parece mais disposta e me escutar que meus pais. Creio que ela me ajudará a convencê-los. Se for preciso, você mandará um telegrama, dizendo que está seriamente doente.
Olga havia saído no dia 15 de julho. Nos dias 16, 17 e 18, tivemos todos os dias nossas quatro comunicações telepáticas, conforme combinado, quase todas muito claras e facilmente decifráveis.
Antes da sua partida, havíamos pensado que quando ela se aproximasse do "centro perturbador" talvez captasse indicações mais precisas. Curioso, foi justamente ao contrário. Suas percepções ficaram mais vagas e menos intensas.
No dia 18 à noite, ela me anunciou que finalmente havia acabado de convencer seu pai, mas que ele lhe pedia quatro ou cinco dias de prazo para pôr suas coisas em ordem.
- Eu não pude negar - retransmitiu-me Olga. - Fico com eles porque tenho medo que mudem de parecer. Inclusive, amanhã eu os acompanharei a Bodoe.

Ficaremos ali somente vinte e quatro horas. Antes de ir, meu pai quer fazer uma visita à propriedade que temos lá, e que você conhece bem, para ver se está tudo em ordem.
Não fiz objeção alguma. Não poderia fazê-la. Por outro lado, Olga me parecia menos nervosa.
No dia 19 ao meio-dia, ela me informou que os três acabavam de chegar a Bodoe, que fazia um dia esplêndido, que estava encantada com esta visita a um lugar que gostava especialmente, já que tanto ela como eu havíamos passado a maior parte da nossa infância naquela região. Me deu notícias de algumas pessoas que eu conhecia. Nossa conversa telepática durou quase um quarto de hora. Ao terminar, ela me disse:
- Eu me pergunto, Peter, se não exageramos o perigo. Mas de qualquer forma sou da opinião de que é melhor tomar precauções.
Ela devia sair de Bodoe com seus pais ao meio-dia do dia seguinte e estar de volta a Chicago, o mais tardar no dia 23.
Às dezoito horas do mesmo dia, Olga me contou que havia dado um agradável passeio de barco pelo fiorde e que estava colhendo flores no jardim que rodeia a casa da família.
Mas quando às vinte e duas horas fiquei em estado de receptividade para receber sua última comunicação do dia, só recebi o silêncio, por assim dizer. Olga não "respondia". Foi em vão que lancei para elas os influxos nervosos mais potentes que eu pudesse emitir. Nada. Silêncio. Noite.
Fui colhido pela mais viva angústia.
Parecia-me impossível que ela tivesse esquecido a hora da nossa comunicação. Mesmo que, por uma razão ou outra, ela tivesse esquecido de ficar em estado de receptividade, o vigor das minhas chamadas a teria posto em alerta. Logo, algo anormal estava acontecendo.
Eu estava quase esgotado pelo desgaste nervoso quando decidi pegar o telefone. Pedi o serviço de comunicações internacionais. No minuto seguinte me passaram para a Noruega. Mas não para Bodoe; consegui Bergen. E foi para que me dissessem que as comunicações com Bodoe estavam interrompidas há três horas mais ou menos, por razões desconhecidas.
De imediato, minha angústia se transformou em espanto. O que podia acontecer na região de Bodoe?
Corri para a casa do professor Hersan, que se preparava para ir para a cama. No mesmo instante ele compartilhou minha emoção.

O que mais me inquietava não era a interrupção das comunicações telefônicas, que podiam ser motivadas por qualquer insignificante acidente técnico, e sim pela interrupção das minhas comunicações telepáticas com Olga, ao mesmo tempo. Os dois fatos reunidos tomavam uma feição verdadeiramente espantosa.
O professor tentou me tranquilizar.
- Não compreendo o que possa acontecer - disse. - Mas é certo que nada de mal aconteceu a Olga nem aos seus pais, nem a ninguém daquela região, uma vez que se fosse assim todos nós teríamos recebido a premonição...
- Tem certeza? - falei. - Você não acha que estamos diante de fatos de uma natu reza diferente? Então?
- Não, homem, não! - respondeu Hersan.
Mas eu compreendi claramente que ele dizia isto para eu que não me inquietasse ainda mais.
Durante as duas horas seguintes tentamos obter informações sobre o que acontecia na parte setentrional da Noruega. Pudemos nos inteirar que as comunicações estavam cortadas, não somente com Bodoe, como também com outras cidades e aldeias da mesma região. O mesmo acontecia na Suécia e na Finlândia, onde os territórios situados ao norte do golfo de Botnia não respondiam às chamadas telefônicas nem tampouco as radiofônicas.
Era evidente que ali estava acontecendo alguma coisa anormal. Todos nossos temores estavam agora bem fundamentados. Era impossível consegui precisão sobre as causas do estranho silêncio que agora reinava na Escandinávia, ao norte de uma linha que passava aproximadamente por Bodoe, Lulea e Uleaborg. O pessoal ali não parecia muito preocupado e continuava falando-nos de incidências de caráter técnico.
Havíamo-nos reunidos todos na casa do patrão para trocar impressões. Às duas da madrugada, os canais de televisão ainda não haviam feito menção alguma dessa coisa extraordinária, da qual, evidentemente, nós éramos os únicos que se preocupavam nos Estados Unidos.
Imediatamente gritei:
- Estou partindo!
Já não podia aguentar mais. Não podia viver com semelhante insegurança sobre a situação de Olga. Acabava de decidir que iria para Bodoe pela via mais rápida e mais direta, ou seja, usando meu avicóptero pessoal.
Todos compreenderam minha atitude e todo mundo aprovou.
Corri para meu quarto para fazer imediatamente meus preparativos. Ao descer,

vestindo meu macacão de aviador e levando na mão uma pequena maleta, quando seguia ao longo do corredor que se comunicava com nossos laboratórios, vi que ainda havia luz no quarto de John Wild. Entrei para me despedir do meu amigo que tinha voltado ao seu trabalho. John gostava de trabalhar à noite e dizia que assim o deixavam mais tranquilo.
Ele era o chefe da seção que se ocupava dos problemas relativos ao hipnotismo, das sugestões, das autossugestões e outros ramos afim. Guiado pelos conselhos do professor Hersan, ele havia feito descobertas muito notáveis durante os dois últimos anos.
John me olhou fixamente com seus grandes olhos e me disse:
- Pedi permissão ao chefe para lhe acompanhar. Ele hesitou bastante, perguntando se já não era bastante que dois dos nossos membros estivessem ausentes e que, além disto, a coisa podia encobrir algum perigo... Mas eu insisti tanto que ele acabou cedendo.
Apertei silenciosamente a mão de John, muito emocionado por esta prova de amizade. Não me teria atrevido a pedir que alguém me acompanhasse, mas estava encantado de levar um amigo comigo.
Quando decolamos da pequena esplanada preparada para isto, diante dos hangares, eram três horas da madrugada. Daniel Hersan, ao nos despedirmos, havia apertado nossas mãos por muito tempo e nos havia dito:
- Sejam prudentes.

CAPÍTULO IV

Na Noruega eram onze horas da manhã do dia 20 de julho, quando chegamos à vista das costas da Escandinávia, um pouco ao norte de Bodoe. Nossa viagem havia sido muito rápida. Fazia um tempo magnífico mas eu sentia meu coração oprimido.
Desde nossa saída eu não havia parado de estender meus pensamentos para Olga, com a esperança de que o contato se restabelecesse, talvez entre seu espírito e o meu. Mas nada, o silêncio persistia.
Diminuí a velocidade e fiz funcionar o mecanismo que transformaria nosso aparelho a reação em helicóptero, na última etapa do trajeto, o que na realidade nos permitiria aterrissar em qualquer lugar.
Antes de aterrissar, eu desejava dar uma olhada sobre o que pudesse estar acontecendo no solo.
Ao nos aproximarmos da costa, John Wild puxou meu braço e disse:
- Tome... coloque isto na cabeça...
E me estendeu uma espécie de coifa pequena, ao que parecia, fabricada com borracha e que se parecia muito às que os banhistas cuidadosos usam quando não querem molhar a cabeça. Mas tratava-se de algo muito diferente.
- Acha que é preciso? - perguntei.
- Nunca se sabe... Será o mais prudente.... Jamais se tomam bastantes precauções.
Fiz o que ele mandava. Tirei o capacete de aviador e coloquei na cabeça aquela coifa leve. Depois nos aproximamos da praia a pouca altura.
Bodoe era uma pequena cidade marítima curiosamente situada em um ponto bastante setentrional da costa abrupta da Noruega. Oferece um aspecto pitoresco em meio às águas que a rodeiam por quase todos os lados.
Me tranquilizei ao notar que permanecia como sempre a havia visto, quando chegava a ela por via aérea. Graças a Deus não havia sido destruída por nenhum cataclismo nem por um incêndio gigantesco.
- Tudo tem um ar normal e tranquilo - disse John. - que também observava com

atenção o panorama que se estendia abaixo de nós.
Tranquila, sim, sem dúvida alguma. Mas, normal? À medida que nos aproximávamos ficamos menos seguros.
A primeira coisa que nos impressionou foi justamente isto: a extraordinária calma que parecia reinar abaixo de nós.
Fazia alguns instantes que estávamos sobrevoando a cidade, ainda que a bastante altura. Tirei meus binóculos do estojo e olhei.
Bodoe nunca foi um lugar movimentado. Não obstante, em certos lugares, especialmente perto do porto, deveríamos notar uma considerável atividade. Deveríamos ver automóveis e barcos em movimento e inclusive notar a presença de alguns helicópteros no céu. Mas não vi nada e não pude conter uma exclamação de surpresa.
É verdade que havia automóveis pelas ruas e barcos no porto, mas estavam imóveis. Isto me transtornou e me causou um espanto indefinível.
Passei meu binóculos para John e ao cabo de alguns instantes eu o ouvi lançar também uma exclamação.
Então nos olhamos nos olhos, com uma muda interrogação. Que significava aquilo?
- Temos que ver mais de perto - murmurou meu companheiro.
Fiz nosso aparelho descer rapidamente e logo estávamos a uns sessenta metros acima do chão. Sobrevoamos o porto, os estaleiros navais, duas ou três fábricas onde fabricam conservas. Nossa estupefação aumentava a todo instante e corria paralela ao nosso pânico.
Já não precisávamos dos binóculos para ver claramente o que acontecia abaixo de nós. Víamos inclusive, com toda clareza, os passeantes nas ruas, os trabalhadores nos pátios das fábricas, os carregadores e os marinheiros no porto ou em cima dos barcos. Eles também estavam imóveis como os carros e as embarcações, com uma imobilidade espantosa e inexplicável. E no entanto pareciam estar de pé, sós ou em grupos.
Já estávamos voando quase rente aos tetos e era um espetáculo alucinante ver todas essas pessoas estáticas em seus postos e como petrificadas, às vezes em atitudes que nos pareceram curiosos e teatrais.
Não pude reprimir um calafrio
- Que faremos? - perguntou John Wild.
- Estou pensando em aterrissar, se você estiver de acordo.
- Claro - ele disse, - não viemos para cá para partirmos novamente sem tentar

ver as coisas claramente.
Eu conhecia Bodoe como a palma da minha mão. A propriedade dos pais de Olga estava situada não longe do porto, a dois passos do centro comercial e, consequentemente, o mais animado da cidade e que havia prosperado consideravelmente há vinte e cinco anos. Sobre um terreno bastante extenso, uma casa grande e bonita, com base de cimento e superestrutura de madeira, com uma de suas fachadas de frente para o mar e outra para uma grande praça, onde duas vezes por semana acontecia a feira do pescado. Dentro da cerca da propriedade, mais além do jardim que rodeava a casa, via-se uma serraria e vários armazéns
Aterrissar no local não era muito fácil, devido às árvores do parque ornamental e aos obstáculos que ofereciam os armazéns, então pousei na própria praça do mercado, em um largo espaço livre e não longe da loja de uma farmácia.

* * *

Saltamos do nosso aparelho inundados pela emoção e pelo temor. Eu temia o pior para Olga.
Havia gente na praça. Se os tivéssemos fotografado e tivéssemos mostrado a fotografia a alguém, perguntando: "Que acha você de diferente?", a resposta teria sido: "Absolutamente nada... Representa o local de uma praça onde as pessoas passeiam tranquilamente".
Mas elas não estavam precisamente passeando. Eram como estátuas espalhadas aqui e acolá. Jamais achei que a imobilidade pudesse ser tão impressionante. O que eles tinham? O que lhes estava acontecendo? Dir-se-ia que nos encontrávamos no país da bela adormecida do bosque. Mas não tínhamos vontade alguma de fazer uma comparação dessa natureza e muito menos de rirmos.
Estariam mortos apesar de estarem de pé? Me parecia inimaginável. E, não obstante...
Seguido de John, me aproximei de um grupo de três pessoas que estavam diante da botica do farmacêutico, duas mulheres e um homem. Pareciam estar conversando. O homem estava com a mão levantada. Os rostos dos três eram de uma absoluta naturalidade. Nenhum traço de espanto e nem mesmo de inquietação. Uma das mulheres, a mais jovem, tinha inclusive o ar de quem estivesse rindo.

John pegou o homem pelo braço e o sacudiu, como se sacode alguém para acordar. Esteve a ponto de fazê-lo cair e teve que sustentá-lo. Inclusive foi difícil tornar a colocá-lo de pé, como se tratasse de um manequim desequilibrado, então tentou tomar seu pulso.
Era um homem que devia ter uns cinquenta anos e que estava vestido como costumam vestir-se as pessoas de profissão liberal. Talvez fosse um professor ou um médico.
Passaram-se dois ou três minutos que me pareceram um século.
- Está vivo - disse John. - O pulso bate, mas com uma lentidão extraordinária. Só detectei três pulsações em três minutos e meio. Isto é verdadeiramente raro.
Enquanto meu companheiro falava, o rosto do homem começou a se modificar imperceptivelmente. Uma expressão de surpresa desenhou-se em seu rosto e logo se intensificou. Ele entreabriu a boca, a mão que sustentava no ar pareceu que baixava lentamente. Vi como a mesma expressão de surpresa se desenhava pouco a pouco nos rostos das mulheres; lentamente, muito lentamente...
Era espantoso, mas eles estavam vivos, e isto era o essencial. E até se moviam, mas com uma enlouquecedora lentidão. Todos se moviam, agora estávamos certos, depois de tê-los observado. O que até então nos havia feito crer em sua imobilidade, era a extrema lentidão dos seus movimentos. Mas eles se moviam... Estavam vivos... E nem sequer pareciam surpresos por seu estado.
John e eu nos olhávamos, estupefatos.
- Como explicar semelhante coisa? - gritei.
- Não vejo explicação alguma - disse meu amigo, - mas constatei. Tudo o que posso dizer é que houve uma modificação profunda do ritmo vital em todas as pessoas que examinamos. Lembra das teorias de Daniel Hersan sobre o que se chama "tempo fisiológico"?... A duração do tempo, para as pessoas daqui não é a mesma para nós...
Então me ocorreu uma objeção:
- Então por que não fomos englobados neste fenômeno geral quando chegamos aqui?
John refletiu por um instante. Minha pergunta o deixava perplexo. Mas logo exclamou:
- Provavelmente é por causa dos capacetes protetores que temos na cabeça.
Uma luz se fez em meu espírito. Eu havia esquecido a precaução que tomamos.
- Não há dúvida alguma possível - falei. - É graças a estas coisas que pudemos permanecer normais. Vamos logo, tenho pressa em ver Olga.

* * *

Encontramos minha noiva em seu jardim, diante da casa. Ela também estava - ou melhor, parecia - imóvel. Usava um traje claro e tinha flores na mão.
Gritei:
- Olga!
Mas não pareceu que ela tivesse me ouvido.
- Não faça gestos intempestivos - murmurou John, - ou vai assustá-la.
Observemo-la sem nos movermos.
Vi como a surpresa ia lentamente se mostrando no rosto da minha amada; e logo depois a alegria. Ela demorou dois minutos para levantar sua mão direita e outros dois para estender-me. Peguei sua mão e levei precipitadamente aos lábios. Logo, compreendendo que tinha feito uma idiotice, me imobilizei novamente. Vi que se formava nas feições de Olga, com uma insuportável lentidão, uma expressão de estupefação e quase de medo.
John me puxou de lado.
- Você deve ter feito medo a ela - disse. - O menor dos nossos movimentos deve lhe parecer de uma rapidez insensata. Mas não temos tempo para perder em efusões nem em delicadezas. Ignoramos o que possa acontecer de um momento para outro e nada nos assegura que nossos gorros nos protegerão por longo tempo, se é que são eles que estão nos protegendo. E se não, é possível que de um momento para outro nós também caiamos nesta estranha letargia. Há lugar para seis pessoas no nosso avicóptero. Na minha opinião, é melhor que embarquemos imediatamente sua noiva e seus pais, e que partamos imediatamente. Depois teremos tempo para refletir sobre tudo isto.
- De acordo - falei. - Você tem toda razão.
Fui imediatamente procurar o pai e a mãe de Olga. Encontrei sua mãe sentada em um banco e fazendo crochê. O pai eu encontrei na serraria, examinando uma peça de madeira. Pareciam igualmente estáticos.
Um quarto de hora depois havíamos transportado os três para nosso avicóptero. Foi preciso a ajuda de Deus para colocá-los nos assentos, especialmente o senhor Darboe, que era bastante pesado. Depois disto saltei para os comandos e voamos, deixando para trás aquela cidade ferida por um mal estranho e inexplicável.

* * *

Esperávamos que Olga e seus pais recobrassem seu ritmo normal quando nos distanciássemos da Escandinávia. Mas quando desembarcamos na esplanada de Halburne eles continuavam no mesmo estado e nós estávamos muito inquietos pensando no que poderia acontecer-lhes.

O professor Hersan e os colegas que acudiram foram ficaram pasmados ao vê-los. Imaginaram que estariam desmaiados ou talvez feridos.

Nós os transportamos imediatamente para a enfermaria do Instituto, onde foram submetidos a um minucioso e profundo exame.

O exame confirmou o que já supúnhamos Não somente estavam vivos, como provavelmente conservavam a lucidez, coisa que ao mesmo tempo nos alegrou e nos pareceu espantoso.

Tudo demonstrava que não estavam adormecidos e que não se encontravam em estado de letargia nem de catalepsia. Mas suas funções orgânicas - e provavelmente suas funções mentais - haviam sofrido um apaziguamento extraordinário. Seus corações não davam mais que uma batida a cada dois ou três minutos. Respiravam, mas a uma cadência de extrema lentidão, de uma forma que não teria sido perceptível sem o utilização de certos aparelhos. Um fato curioso: suas temperaturas eram normais.

Jamais havíamos visto coisa parecida e, não obstante, todos havíamos feito estudos médicos bastante profundos.

Os rostos de Olga e dos seus pais, que tinham uma expressão tão natural no momento que os havíamos encontrado, mostravam agora traços de uma surpresa per manente e quase de medo.

Tentamos por todos os meios tirá-los deste estado raro. Aplicamos estimulantes injetáveis, fricções, massagens, mas tudo foi inútil.

Minha inquietação aumentava. Eu me perguntava se aquilo tudo não teria um triste final para eles. Não me afastava um só momento do lado da cama de Olga, que me olhava com seus grandes olhos azuis, carregados de estupefação.

Constantemente - mas sempre com uma lentidão extraordinária - tentava levantar-se sobre suas almofadas e até queria descer da cama. Eu precisava colocá-la novamente em seu lugar e apoiar sua cabeça sobre as almofadas a cada dois minutos.

Passaram-se horas sem que seu estado se modificasse e eu já começava realmente a enlouquecer.

* * *

Foi o próprio professor Hersan que veio me buscar.
- Venha - disse ele. - Deixe Olga aos cuidados de uma enfermeira, que nos avisará se acontecer algo novo. Não creio que haja perigo no momento, nem sequer acho que sua noiva esteja doente... Mas venha. Antes de tudo você deve se recobrar, está precisando muito, de verdade. Depois nós faremos uma conferência para examinarmos as informações que começam a chegar... Pode ser que elas nos sirvam para resolver este enigma e para cuidar com mais eficácia dos seus entes queridos.
Segui-o maquinalmente, sem compreender muito a relação que pudesse existir entre as informações que tivessem recebido e os cuidados que devia dar a Olga e aos seus pais. Tenho que dizer que me encontrava horrivelmente fatigado. Eu havia passado uma noite inteira sem dormir e estávamos a mais da metade da noite seguinte.
Luc Seabright nos esperava em um corredor. Ele me levou ao refeitório, onde eu comi algum alimento a toda pressa e que foi difícil engolir, pois sentia minha garganta obstruída.
Até então eu não havia me preocupado em saber se o mundo já começava a se inquietar pelas coisas estranhas de que era teatro o norte da Escandinávia.
Meu olhar caiu sobre um jornal abandonado em cima da mesa e li este título: "Procura-se a causa da interrupção das comunicações telefônicas em parte da Suécia e da Noruega. Tratar-se-ia de um fenômeno magnético?"
Este título, que ocupava um lugar modesto de duas colunas na última página do jornal, não tinha nada de alarmante.
- Isto é tudo que eles pensam? - perguntei a Luc, mostrando-lhe o jornal, enquanto ele me olhava comer e respeitava meu silêncio.
- Ah - respondeu ele, - parece que os jornais não se deram conta da gravidade do assunto. Mas amanhã, com certeza, terão mudado de tom.
- Vamos ver o patrão - falei, engolindo o último bocado.
Todos nossos colegas já estavam reunidos no gabinete de Hersan. Sentei-me entre eles.
O professor colocou seus grossos óculos, releu duas ou três notas que tinha diante de si e nos disse:
- Vocês leram os jornais. Não lhes ensinaram nada. A maior parte deles parece

haver tratado levemente um fato que entretanto devia inquietá-los, inclusive se não tinham muitos fatos precisos. Graças à valente expedição de Bjoern e de Wild, nós sabemos muito mais que ninguém. Sabemos que os habitantes das regiões interessadas foram bruscamente postos em um estranho estado de relaxamento das funções vitais. Desde a sua volta, Peter, e enquanto você permanecia junto ao leito da sua noiva, nós tentamos formular algumas hipóteses sobre as causas deste fenômeno e nenhuma nos parece satisfatória. E enquanto isso pensamos em todo tipo de coisas, especialmente nas profundas e inexplicáveis variações dos campos magnéticos, na mudança de intensidade dos raios cósmicos e sei lá que coisas mais. Nada vale a pena ser levado em conta.
Mas eu, pessoalmente, por intermédio do meu amigo o secretário de Estado, Irwood, recebi informações que podem ser capazes de nos esclarecer algo. Procedem da Noruega. Naturalmente, Oslo, mais que nenhuma parte, foi afetado pelo que está acontecendo. O governo, depois de ter tentado inutilmente restabelecer as comunicações com as regiões que ficaram silenciosas, decidiu enviar aviões de reconheci mento. Eles já saíram mas não voltaram.
Logo se soube que todo o tráfico procedente daquelas regiões estava parado. Nada chega de lá. Funcionários da zonas vizinhas, com as quais têm comunicações - funcionários e particulares - foram, por terra ou por mar, utilizando avicópteros leves, até Bodoe, que não se encontra a mais que uns sessenta ou oitenta quilômetros dos lugares de onde saíram. Nenhum deles voltou ou deu sinais de vida.
Tais são os fatos dos quais fui confidencialmente informado e que ainda não foram divulgados, por temor de alarmar o público. John Wild estava comigo quando recebi estas informações. Ele teve conhecimento delas ao mesmo tempo que eu. Imediatamente eu fiz algumas sugestões do maior interesse e queria que ele as expusesse.
John Wild levantou-se. Estava muito pálido e visivelmente fatigado, já que ele tampouco havia dormido muito. Era um rapaz magro, de aspecto frágil, com um rosto enxuto e de traços finos e agradáveis, coroado por cabelos de um loiro quase sem cor. Mas o seu olhar tinha uma intensidade que revelava uma energia extraordinária. Olhou para mim e falou nestes termos:
- O professor Hersan acaba de nos dizer que os que foram reconhecer a zona silenciosa não voltaram. Só encontro uma explicação para isto: quando eles chegaram à zona, foram atingidos pelo mesmo apaziguamento das faculdades que já havia sido notado nos demais habitantes. Entretanto Peter e eu fomos a

Bodoe e voltamos. Por que? Não encontro para isto mais que uma explicação: nós havíamos posto nossos "protetores psíquicos" em nossas cabeças...
Vi como se produziam movimentos entre nossos colegas e compreendi que a maior parte deles ainda ignorava este detalhe que John lhes havia falado. Quanto a mim, compreendi imediatamente as deduções que ele havia feito e adivinhei o que ia nos dizer.
- Vocês sabem - prosseguiu - que esses "protetores psíquicos" foram expostos à luz há seis meses, pelo professor Hersan e por mim mesmo. Não ignoram as tremendas possibilidades que surgiram dos trabalhos levados a cabo pela seção de pesquisa sobre hipnotismo e sugestão, seção da qual tenho a honra de ser o chefe. Vocês assistiram às diferentes experiências, no curso das quais meus assistentes e eu sugestionamos diversos indivíduos à distância. Vocês também assistiram àquelas experiências, mais impressionantes ainda, durante as quais matamos à distância, com o simples uso de poderes psíquicos que conseguimos dirigir contra cobaias e coelhos. Teríamos podido igualmente matar homens. Isto explica o motivo pelo qual não foi divulgado nada dessas experiências. Isto explica igualmente porque o professor Hersan e eu nos dedicamos a procurar um dispositivo protetor. Já que nada nos assegura que outros, cujas intenções fossem menos puras que as nossas, chegassem a realizar as mesmas descobertas; e se vissem tentados a fazer mal uso delas.
John Wild calou-se por um instante e enxugou a testa. Então continuou, sendo escutado atentamente por todos:
- Para mim não existe dúvida alguma. O que atingiu os habitantes do norte da Escandinávia neste momento, é de ordem psíquica. Devemos atribuir isto a um fenômeno natural de caráter desconhecido, ou trata-se de atividades de sábios mais poderosos ainda que nós? Ignoro. Mas aí estão os fatos. Tudo acontece como se as pessoas obedecessem a uma poderosa sugestão de origem indeterminada. Duvido muito que um homem, ou um grupo de homens, possam provocar efeitos tão extensos. Deveríamos então admitir a explicação de um fenômeno de ordem não natural, o que por outro lado não é mais tranquilizador.
John calou-se por um instante, olhou-me e disse:
- Em um terreno prático e imediato, acredito firmemente, Peter, que devemos tentar tratar da sua noiva e dos seus pais por meio do hipnotismo.
O professor Hersan levantou-se:
- Compartilho completamente com os pontos de vista de John Wild - disse. - O

que você opina, Peter?
Eu pensava que a esperança acabava de renascer em meu coração. E dei meu consentimento no ato.

* * *

Olga foi transferida para o laboratório de John Wild e instalada na cadeira onde sentavam-se os indivíduos que serviam para seus estudos.
Eu tinha noções bastantes extensas sobre os métodos que meu amigo usava, mas estava longe de possuir os mesmos conhecimentos sobre a matéria. A ciência só pode progredir se cada um se entregar exclusivamente ao ramo que escolheu.
John acionou alguns aparelhos que pôs em contato com Olga e então colocou-se diante dela e olhou-a intensamente. Passaram-se dez minutos sem que nada acontecesse. Eu via as gotas de suor que se formavam no rosto do meu colega. Olga conservava sua atitude de temerosa surpresa.
Mas logo vi que seu rosto mudava de expressão. Fez um gesto para se levantar, mas deixou-se cair novamente na poltrona, exclamando:
- Mas o que está acontecendo com todos? Por que estão gesticulando dessa forma frenética? É como se vocês estivessem loucos...
Passou a mão na testa com ar extraviado, olhou em torno e murmurou:
- Mas eu estou em Halburne!... O que foi que aconteceu? Pegou minhas mãos e lançou-me um olhar angustiado.
- Está melhor, Olga - murmurei. - Já está curada.
- Curada? Mas eu não estava doente...
John a tinha livrado dos aparelhos que a prendiam na nuca e nas pernas. Ela se levantou e se deixou cair nos meus braços.
- Oh, Peter! O que está acontecendo? O que houve com meus pais?...
- Não se preocupe - falei. - Tudo está bem e vou lhe explicar... Tomei seu pulso, que batia a uma cadência normal.

* * *

Na realidade Olga não havia tomado conhecimento do que acontecera em Bodoe. Tinha a impressão de que sua vida seguia seu curso normal. Para ela, os instantes que havia vivido durante mais de vinte e quatro horas parecia que não

fazia nem dez minutos que tinham acontecido e eu tive que lhe fazer uma exposição muito detalhada para convencê-la de que não era assim

Ela procurou então recordar certas coisas. Segundo ela, a mudança de ritmo devia ter acontecido em 19 de julho às dezoito horas e trinta minutos, ou seja, poucos instantes depois da nossa última comunicação telepática. Estavam ainda em pleno dia, mormente nesse ponto da Noruega, onde as noite de verão são tão curtas. Assim então, quando nós chegamos ali, ela tinha a sensação de que ainda vivia no mesmo dia.

Não obstante, certas coisas a tinham surpreendido. Para começar, aconteceram na vizinhança dois ou três acidentes de automóvel que, por outro lado, careceram de importância. Esses acidentes, expliquei-lhe, deveram-se ao fato de que os condutores, ao mudar bruscamente seu ritmo vital, não tinham podido controlar seus carros. Com certeza houve muitos outros na região.

- O motor da serraria que fica perto da minha casa - disse também Olga - acelerou de repente e meu pai teve que desligá-lo.

Não havia acontecido tal coisa. Mas os que estavam ao seu redor tiveram esta impressão porque seus próprios ritmos haviam diminuído. Olga também me disse que seu relógio havia se quebrado e que tinha ficado girando de uma forma louca. Evidentemente, os mecanismos não obedeciam à psicose que afetava os seres humanos.

Finalmente, o que mais havia impressionado minha noiva era, conforme ela disse, um eclipse do sol que havia durado alguns minutos enquanto estava em seu jardim.

Tive que refletir para compreender o que foi que ela tomou por um eclipse do sol e que os jornais não haviam anunciado. Tratava-se simplesmente da noite, que para ela e para todas as pessoas da região havia durado, segundo lhes pareceu, somente alguns instantes.

Era igualmente fácil explicar a sensação de gesticulação frenética que ela havia sentido ao ver John e eu - e depois todos - em Halburne. Parece que ao embarcá-la em nosso avicóptero ela teve uma perda de consciência que durou por todo o trajeto.

Que alegria eu sentia ao vê-la normal novamente! Não estava fatigada, absolutamente e logo recobrou seu otimismo natural.

- Que aventura! - dizia - Que fantástica aventura!

John Wild teve mais dificuldade para despertar seus pais, com certeza porque eles estavam menos acostumados que Olga aos exercícios mentais. Mas mesmo

assim conseguiu com bastante rapidez. Mas não posso expressar o assombro do senhor e da senhora Darboe quando voltaram à normalidade. Não queriam admitir, de modo algum, o que nós lhes contávamos.
Mas então minha mãe chegou. Eu havia enviado um telegrama a Bergen para que ela se reunisse conosco sem demora.

CAPÍTULO V

No dia seguinte os jornais apareceram cheios de manchetes enormes, abaixo das quais haviam longos artigos em que os jornalistas não haviam feito nada mais que desenvolver o pouco que se sabia oficialmente. Mas como eles também destacavam que os observadores que tinham sido enviados ao que se chamava "zona silenciosa" não tinham voltado, começou a surgir uma certa inquietação nos comentários, o que logo se estendeu para o público.
Durante os quatro ou cinco dias seguintes não houve mudança na situação. Falando de outro modo, os que se arriscavam a entrar na região "perigosa" - e cada dia eram menos numerosos - deixavam de voltar, da mesma forma que os que os haviam precedido. Os próprios governos escandinavos hesitavam antes de mandar outras patrulhas, aéreas ou de qualquer outro tipo.
O parecer geral era que seria melhor esperar por novos acontecimentos. Os jornais lançavam a esperança de que talvez se tratasse de um fenômeno passageiro que sem dúvida ia terminar dentro em pouco; e nós compartilhávamos essa esperança.
Daniel Hersan havia dirigido um relatório ao seu amigo, o secretário de Assuntos Exteriores, no qual expunha o que John Wild e eu havíamos descoberto em Bodoe. Pedia-lhe também que fizesse dessa informação o uso que julgasse conveniente
O homem de estado expressou seu agradecimento e sua felicitação - era a primeira vez que nosso Instituto recebia felicitações oficiais - e nos fez saber que havia julgado preferível não divulgar a informação. Mas que a havia comunicado aos outros países escandinavos, os quais haviam adotado a mesma posição discreta.
Rogava também ao professor Hersan, de forma premente e amistosa, que se dispusesse a comunicar-lhe quantas informações pudesse recolher.
Por fim começavam a nos levar a sério.
Não é preciso dizer que nós continuávamos em estado de "receptividade". Mas não detectamos outra coisa mais que a "agitação vermelha", sem chegar a

interpretá-lo de forma clara. Não obstante, por duas ou três vezes eu havia recebido chamadas telepáticas desconcertantes. Mas eram sempre muito fortes e indecifráveis.
Os jornais - que no fundo não tinham nada de substancial a dizer - continuavam falando de "perturbações magnéticas". Dois ou três repórteres audazes aceitaram ir à "zona perigosa". Não voltaram...
Claro está que este gigantesco e intrigante assunto continuava nos interessando mais que a ninguém. Mas mesmo neste momento não nos ocorria a maneira de intervir. Que teríamos podido fazer? Limitávamo-nos a esperar como todo mundo. E os dias sucediam-se sem novas notícias.

* * *

Mas de repente, no dia 13 de agosto - e esta é uma data que ninguém esqueceu - surgiu um fato que desta vez enlouqueceu toda a opinião mundial.

Era meio-dia, quando a televisão interrompeu bruscamente um concerto que estava transmitindo para anunciar que ia difundir uma notícia de maior importância.
Nós estávamos almoçando na sala de jantar, onde duas vezes ao dia reunia-se o estado maior do nosso Instituto. Ficamos imediatamente na escuta, certo de que a notícia que íamos ouvir estaria relacionada com o que estava acontecendo na Escandinávia. Com efeito, não nos enganávamos.
Apareceu na tela um locutor visivelmente emocionado. Tinha um papel nas mãos que tremiam ligeiramente, e leu o seguinte texto:

"Esta manhã, às dez e trinta, hora de Chicago, o misterioso fenômeno que fazia com que as populações do norte da Escandinávia estivessem separadas do resto do mundo ampliou-se subitamente para uma zona muito mais extensa Como havia acontecido antes, observou-se primeiro uma interrupção geral nas comunicações e nas emissões radiofônicas, públicas ou privadas, emanadas nesta zona. Alguns minutos mais tarde já não era possível duvidar de que se tratava de uma ampliação do mesmo fenômeno que engendrava os mesmos efeitos. Continuava sendo possível penetrar nas regiões novamente afetadas, mas nenhum dos que nelas penetraram voltaram a dar sinal de vida.
A zona afetada é considerável. Engloba totalmente a Suécia e a Noruega, uma

parte da Finlândia, quase toda a Dinamarca e desce pela Alemanha, até o sul de Hamburgo. Estas indicações são aproximadas, já que o traçado da zona afetada ainda não foi estabelecido de maneira precisa, mas de todo modo dão uma ideia da extensão do fenômeno.
Todas as nações da Europa estão em estado de alerta. As grandes capitais consultam-se entre si, com o propósito de convocar urgentemente um congresso de sábios. Achamos que este congresso terá lugar em Paris, o mais tardar amanhã.
Por outro lado, hoje podemos publicar um documento datado de quinze dias atrás e que não havia sido divulgado até agora para não alarmar o público em geral. Mas agora que o fenômeno adquiriu tal amplitude, servirá melhor para tranquilizar aquelas pessoas que têm parentes ou amigos na "zona silenciosa" e, de modo geral, a todos que se preocupam pela sorte das pessoas de certo modo prisioneiras atrás dessa cortina misteriosa. Temos nos perguntado se não teriam sofrido uma desgraça que afetaram a todos. Para dizer a verdade, a situação em que se encontram é das mais estranhas. Mas pelo menos podemos dizer que eles estão vivos..."

O locutor fez uma pausa e nós nos olhamos. De que documento ele ia falar?

"O documento ao qual acabamos de aludir é uma informação do professor Hersan, fundador e diretor do Instituto de Parapsicologia de Halburne..."

Isto era o que imaginávamos, sem que estivéssemos completamente seguros.
O locutor leu a informação do nosso "patrão", cujo textos todos conhecíamos com todos os detalhes, no qual se explicava a viagem que eu havia feito a Bodoe em companhia de John Wild.
Teríamos gostado de conhecer o efeito que tal revelação produziu entre o público e não demoramos em saber que foi fantástico. O mundo inteiro ficou pasmado ao inteirar-se do que estava acontecendo por trás da cortina misteriosa.
Quando o locutor terminou, acrescentou alguns breves comentários, convidando os ouvintes a não ficarem exageradamente alarmados e dando a esperança que os sábios, finalmente informados oficialmente problema, saberiam encontrar a causa deste estranho fenômeno e fazê-lo desaparecer.
Nós não compartilhávamos deste otimismo de forma alguma.

* * *

Ainda não havíamos terminado nosso almoço e o professor Hersan foi chamado ao telefone.
Quando voltou, estava um pouco pálido e nos disse:
- Era o secretário de Estado, John Irwood, que me ligou. Ele me pediu para ir com toda urgência a Washington, pois deseja falar comigo. E pediu que eu vá acompanhado dos colaboradores cuja presença eu julgue interessante. Creio que não tenho direito a me negar. Ignoro o que ele espera de nós. Eles parecia muito preocupado e com muita pressa, por isto eu não lhe perguntei nada. Suponho que ele vá querer conhecer certos detalhes complementares sobre meu relatório. Parece-me conveniente que Peter Bjoern e John Wild me acompanhem.
Vinte minutos depois estávamos no avicóptero do Instituto e uma hora mais tarde estávamos em Washington, onde nos introduziram de imediato no gabinete do secre tário John Irwood.
Embora eu já tivesse visto frequentemente seu retrato nos jornais, fiquei impressionado por sua altura, por seu olhar inteligente e pelas suas maneiras afáveis. Ele havia interrompido uma conferência com seus principais colaboradores para nos receber. Agradeceu-nos por havermos chegado tão rapidamente e entrou imediatamente no assunto.
- Todos os governos do mundo - disse, - e em especial os da Europa, estão muito inquietos. O nosso não está menos. Quanto a impressão produzida no público, segundo as primeiras informações que começo a receber, é muito pessimista. Se os americanos guardaram mais ou menos a calma, está uma loucura em toda a Europa, principalmente nas regiões vizinhas à zona afetada.
Na Alemanha, especialmente, já se registra um começo de êxodo. As pessoas fogem do perigo, pois têm a convicção de que o fenômeno vai estender-se ainda mais. E pode ser que não estejam errados. Mas eu não os fiz vir para informá-los de coisas que vocês já sabiam. Quero pedir-lhes um favor, um grande favor...
Calou-se por um instante e olhou-nos nos olhos.
- Estamos à sua inteira disposição - disse o professor Hersan. - Por outro lado, não teríamos esperado seu convite para pô-lo ao corrente de tudo quando possamos saber de novo em nosso Instituto através dos caminhos da Parapsicologia.
- Não duvido - assentiu John Irwood. - Mas não se trata exatamente disto. Os relatórios que vocês possam obter por este meio serão sempre bem recebidos,

mas preciso pedir-lhes outra coisa, outra coisa muito importante.
- Faremos o que você desejar.
- Inclusive se houver algum perigo?
- Se pudermos ser-lhes úteis, o perigo é somente uma consideração secundária.
- Agradeço por ter dito isto, Hersan. Não esperava menos de você.
- De que se trata?
- Vou dizer. Para começar, não devo esconder que muitas pessoas, inclusive os meios oficiais, põem em dúvida a autenticidade dos fatos apontados em seu relatório e inclusive começaram a me censurar por tê-los publicado. Mas eu o conheço, Hersan, e sei que você jamais adiantaria nada que não estivesse de acordo com a verdade. Somente seus dois colaboradores aqui presentes puderam entrar na zona silenciosa e voltar. Somente o Instituto de Parapsicologia possui os meios para repetir semelhante expedição...
- Quando quiser - disse a seguir Hersan. - E desta vez irei eu mesmo. John Irwood lhe estendeu a mão.
- Não esperava menos de você - disse, - e agradeço-lhe de todo coração.
John e eu afirmamos ao mesmo tempo que estávamos dispostos a tentar a aventura novamente.
- Peço-lhes que ajam com urgência - respondeu Irwood, - e aconselho-os a não se entreterem muito no local. Na minha opinião, conviria que nesta expedição só fosse um pequeno número de pessoas. Inclusive, o melhor seria que fosse somente um, como uma expedição avançada, para fazer um curto reconhecimento. Depois, se este tivesse êxito, poderia ser recomeçada a operação em grupo.
- Eu me ofereço como voluntário para o primeiro reconhecimento - gritei.
- Eu também - disse John.
- Entrem em um acordo - disse Irwood, dirigindo-nos um sorriso de simpatia. - e deixem que eu dê a todos os mais calorosos agradecimentos. Vocês vão prestar um serviço inapreciável à humanidade.
Combinamos que nossa expedição seria organizada sem demora. E com isto nos despedimos do homem de estado.
No avicóptero que nos conduzia a Halburne, estive a ponto de discutir com John Wild, pois ele queria ir primeiro. Como eu não desejava menos que ele, foi o professor Hersan quem fez as pazes. Eu era o maior e mais antigo aluno do Instituto e a honra desta perigosa missão seria minha.
Mal o aparelho pousou na esplanada diante dos hangares e fomos assaltados por

uma multidão de jornalistas. Mas o professor Hersan negou-se a fazer qualquer de claração.

Eram quatro da tarde. Achou-se preferível que eu não chegasse à Europa em plena noite. Como o trajeto requeria algumas horas, minha partida foi fixada para as oito da noite. Deste modo eu chegaria ao velho continente de madrugada.

Minha mãe se mostrou muito preocupada quando soube ao que eu me propunha, mas se rendeu às minhas razões. Quanto a Olga, ela manifestou a intenção de acompanhar-me e foi preciso toda a autoridade do professor Hersan para que ela deixasse de suplicar para ir comigo no avicóptero.

* * * Meus preparativos foram rápidos.

Havíamos combinado que eu ficaria ausente somente por um dia e que procuraria ver o máximo possível. Meu primeiro objetivo era Hamburgo. Estimou-se que era mais provável que eu fizesse descobertas importantes em uma grande cidade que em qualquer outro lugar. Logo, depois de uma rápida olhada sobre a Dinamarca, eu voaria para a Noruega e me deteria em Bergen. Depois, a pedido de Olga, eu alcançaria Bodoe. Ela desejava que se fosse possível eu trouxesse uma amiga sua, a quem ela gostava de verdade, e ao seu marido. Eu também os conhecia muito bem. Os Lyndstron, assim se chamavam, eram pessoas muito simpáticas.

Antes de partir, tive tempo de ler as últimas edições dos jornais. Estavam cheios e manchetes enormes e reproduziam nossos retratos. Nunca o Instituto de Parapsicologia havia sido objeto de tanta honra. Mas os comentários punham mais ou menos em dúvida, se bem que de forma dissimulada, o valor das informações do professor Hersan, mas apesar de tudo publicavam-nos em grandes caracteres.

Não falavam da viagem que eu ia realizar. Nós havíamos combinado com Irwood, julgando conveniente não dar-lhe publicidade alguma. Às oito horas saí de Halburne e dirigi a proa para o Leste. Confesso que estava um pouco emocionado.

* * *

Foi uma viagem estranha e muito penosa, moralmente. Sem dúvida teria sido muito menos se eu não estivesse sozinho.

O dia mal despontava quando alcancei o continente europeu. Justamente antes da minha partida, John Irwood havia feito descrever para nós um traçado o mais exato possível da linha de demarcação entre a "zona silenciosa" e o resto do mundo. Minha primeira tarefa consistia em percorrer esta linha. Apesar do horário matutino, começava a reinar uma certa atividade nas cercanias imediatas. Mas somente de um lado: o lado sul. Do outro, as aldeias que eu sobrevoava ofereciam o mesmo aspecto de Bodoe, quando eu e John chegamos. Viam-se pessoas, mas elas estavam, ou melhor, pareciam imóveis.
Aqui acontece a mesmo coisa que lá, pensei.
Então fiz uma observação que não havia feito em Bodoe Os animais também não se moviam. Eles também estavam reduzidos àquela vida de pausa. Me perguntei se aconteceria o mesmo com as plantas, mas evidentemente isto seria mais difícil de averiguar.
Não tardei em observar outra coisa. Entre a zona dos "lentos" e a de atividade normal existia uma faixa de terreno, em certos lugares bastante larga, na qual não havia absolutamente ninguém. Isto me surpreendeu, mas refleti e compreendi que os que tinham permanecido em estado normal não se atreveriam a se aventurar pelos lugares perigosos e, sem dúvida, preferiam manter distância.
Depois de haver percorrido uma centena de quilômetros a baixa altitude, voei diretamente para Hamburgo, de onde eu não estava distante. Logo eu estava sobrevoando a grande cidade marítima.
Apesar de estarem nas primeiras horas da manhã, as ruas estavam cheias de gen te. Mas era um universo estático. Os barcos permaneciam imóveis no porto e os veículos, igualmente, nas ruas. Voando ao rés dos telhados, notei que muitos automóveis estavam em cima da calçadas em posições insólitas. Deduzi então que devia ter havido muito acidentes no momento que o ritmo vital dos habitantes havia mudado bruscamente.
Decidi aterrissar e pousei em uma esplanada onde se encontravam uma dúzia de avicópteros do mesmo tamanho do meu.
Eu tinha trazido um plano da cidade e procurei o lugar onde me encontrava. Então olhei ao meu redor.
Que espetáculo tão singular! Na própria esplanada havia pouca gente, mas além da balaustrada que marcava os limites do parque, as pessoas se apertavam em uma grande multidão, nas atitude mais variadas.
Meu primeiro cuidado foi confirmar se continuavam vivos.
Aproximei-me de uma mulher gorda que estava com um largo sorriso nos lábios

e peguei sua mão. Tomei seu pulso, registrei sua pulsação e vi como pouco a pouco se formava no seu rosto a mesma expressão de surpresa que eu havia notado nos rostos do pessoal de Bodoe e perto das quais nós havíamos parado.
Outros pedestres que voltavam os olhos para mim, lentamente, também manifestaram pouco a pouco o mesmo pasmo
Fui ao centro da cidade e vi que em todas partes se oferecia o mesmo espetáculo, um espetáculo ao mesmo tempo natural e alucinante, um espetáculo inimaginável, muito mais impressionante do que o que eu já havia visto na pequena cidade norue guesa, e também muito mais angustiante.
Todas aquelas pessoas eram meus semelhantes, mas mesmo assim eu me sentia como o único da minha espécie. Continuavam vivendo, movendo-se lentamente - e como eram lentos! - e no entanto era tão difícil eu me comunicar com eles como com uma formiga ou um caracol.
Os que me viam deviam estar perplexos e talvez assustados pela rapidez dos meus movimentos, que deviam parecer-lhes fantásticos, pela rapidez louca do meu andar, apesar de que eu andava a passos lentos.
Entrei nos armazéns e nas confeitarias. Eu podia me imaginar em um museu Grévin. As pessoas que bebiam cerveja tinham seus copos suspensos diante delas. Se eu os observava durante cinco minutos, notava que seus braços haviam se elevado entre dois e três centímetros. Deviam precisar de uma hora para pegar o copo, levá-lo à boca, tomar um gole e baixá-lo de novo.
Nas ruas vi várias vezes policiais ou bombeiros que carregavam feridos em macas e que aparentemente estavam tão imóveis como os demais.
Devia tratar-se de pessoas que haviam se ferido nos acidentes de automóveis. Esses acidentes haviam ocorrido vinte e quatro horas antes, e não obstante as macas ainda iam a caminho, às vezes até muito perto do carro acidentado.
À medida que avançava, ia me invadindo uma sensação de mal-estar que beirava o medo. Começava a fazer calor. Em uma cervejaria onde entrei para beber alguma coisa, peguei um copo de uma bandeja que um garçom levava e bebi-a. Aquele homem dever ter demorado pelo menos cinco minutos para compreender o que eu tinha feito, se é que jamais chegou a compreender.
Eu começava a me dar conta de quão difícil seria nosso trabalho. Teríamos que vir novamente com aparelhos, encontrar um meio de nos comunicar com os “lentos”, determinar em que medida as variações de caráter eletromagnético, que tivessem podido se manifestar nesta zona, estavam em relação com o estado dos habitantes, averiguar se haviam ocorrido fenômenos naturais de ordem

desconhecida.
Por minha parte, eu não experimentava nenhum transtorno funcional. Sentia-me perfeitamente lúcido. Meu protetor psíquico funcionava bem e isto era o essencial.
Mas não tinha razão alguma para me entreter em Hamburgo. O sentimento de solidão que eu experimentava em meio a todos aqueles seres vivos, cujos gestos permaneciam em suspenso, era pior que o que sentiria estando sozinho em um deserto. Era algo intolerável

* * *

Voltei ao estacionamento onde estava meu avicóptero, liguei-o e voei para a Dinamarca.
A oeste deste país, em uma faixa bastante estreita ao longo da costa, ainda reinava uma atividade febril. Creio que a maior parte das pessoas fazia seus preparativos para fugir de um lugar tão ameaçador. Na zona "silenciosa" encontrei novamente as mesmas cenas do norte da Alemanha.
Desci em Copenhague justamente na frente do Parlamento. Tive a curiosidade de entrar e pude fazê-lo sem ser detido por ninguém, mesmo diante dos guardas de vigilância. Mas muito antes que pudessem fazer um gesto para me parar ou para pedir meu passe, eu já estava no salão de sessões.
Os parlamentares estavam reunidos. Um deles, de pé na tribuna, estava com a boca aberta e dava a impressão de que estava falando. Sem dúvida estava falando, mesmo que eu não notasse o menor som. E isto levantava um problema que eu não podia compreender. Mas sem dúvida alguma, os demais tinham o ar de gente que está escutando e, claro, eles o ouviam. Mais uma pergunta que deveria responder mais tarde...
Mas nem mesmo ali me entretive. Este espetáculo era impressionante demais, mais impressionante que o visto nas ruas.
Tampouco me demorei muito em Bergen, onde cheguei no final da manhã. Em Bergen acontecia o mesmo que em todas as outras partes. Depois de ter comido rapidamente, me dirigi para Bodoe. Eu ia entrar na zona que tinha ficado silenciosa em primeiro lugar e estava convencido de que ali poderia fazer observações mais interessantes ainda.
Com efeito, fazia mais de vinte dias que os habitantes desta região encontravam-se em estado de "lentidão". Como teriam evoluído? Quais seriam agora suas

reações? Qual seu comportamento?
Na primeira vez que os vi, eles ainda não tinham tido tempo de se dar conta das mudanças, se não deles, pelo menos ao redor deles. Eram como aqueles que eu acabava de deixar para trás. Mas, e agora? Se haviam permanecido lúcidos - e tudo me fazia crer que sim, segundo o testemunho de Olga, - não podiam ter deixado de perceber o ritmo da sucessão dos dias e das noites que para eles havia se modificado profundamente, que seus relógios giravam a uma velocidade louca, que os motores haviam se transformado em máquinas perigosas...
Como haviam interpretado esses fenômenos que deviam ter-lhes parecido espantosos? Deviam ter formulado todo tipo de hipóteses, sem compreender que era seu ritmo vital que havia mudado.
Era com eles, mais do que nada, que me interessava entrar em comunicação. Eu refletia sobre isto enquanto chegava à vista de Bodoe.

CAPÍTULO VI

Quando cheguei acima do porto norueguês, tive uma surpresa que me encheu de alegria.
O pequeno porto nórdico havia recobrado sua atividade. Não havia dúvida alguma. À medida que eu descia para o solo, via cada vez mais distintamente como os automóveis corriam nas ruas. Então percebi claramente os passantes que iam e vinham.
Na verdade os barcos no porto estavam imóveis, mas este detalhe não me causou alarma, já que nos molhes a atividade me pareceu bastante intensa.
Assim então havia terminado o pesadelo, pelo menos para Bodoe. Achei inclusive ter visto ao longe um avicóptero parecido com o que eu pilotava.
Manobrando para aterrissar, dei um suspiro de alívio. Poderia comunicar boas notícias ao resto do mundo. Mas talvez as comunicações telefônicas e radiofônicas já estivessem restabelecidas Em último caso, eu seria o primeiro a estabelecer contato com os "lentos" que haviam recobrado seu ritmo de vida habitual. E sem dúvida eles poderia me dar informações do maior interesse sobre a surpreendente aventura que haviam vivido durante certa de um mês. Com certeza muitas coisas ficariam sem explicação, mas o que agora estava claro para mim é que o fenômeno tinha tido somente um caráter temporário.
Durante alguns minutos voei acima dos telhados, observando o que se passava nas ruas que estavam com seu aspecto ordinário. Vi alguns homens que carregavam caixas em um caminhão, crianças que saíam da escola, mulheres que voltavam do mercado levando seus cestos. Devia ser meio-dia e havia um bom sol.
Na grande praça contígua ao porto, os pescadores reparavam suas redes. Todos esses espetáculos me pareceram familiares e tranquilizadores.
No alto da cidade observei algumas construções que me surpreenderam um pouco, uma vez que não me lembrava de tê-las visto antes. Em todo caso, elas não existiam quando fiz a última viagem para Bodoe um ano antes, em condições normais. Eram umas altas torres brancas, como depósitos de água ou

grandes silos, alinhadas uma ao lada da outra e em número de cinco ou seis.
Dirigi meu avicóptero para aquele lado. Aquelas torres erguiam-se em um vasto terreno plano, onde até então não havia mais que campos, ao lado do aeroporto.
"Sem dúvida trata-se de alguma fábrica em construção", pensei.
Mas não conseguia entender qual seria sua destinação. É verdade que eu não tinha nada de engenheiro. De qualquer forma eu me surpreendi muito. Bodoe havia se industrializado bastante durantes os últimos anos.
De perto, essas altas torres brancas me pareceram muito maiores que de longe. Como era possível que eu não as tivesse visto na vez anterior? É verdade que naquele dia eu estive muito mais ocupado observando o comportamento das pessoas que em examinar a paisagem. E se John Wild as viu, não devem tê-lo surpreendido, pois era a primeira vez que ia à Noruega.
Naquele local reinava uma grande atividade. Uns trinta caminhões descarregavam materiais sobre uma plataforma de cimento. Vi que havia outras torres em construção. Centenas de operários trabalhavam na obra.
"Bem - pensei, - eles não demoraram em voltar ao trabalho!"
Porque eu não duvidava nem por um instante que as pessoas de Bodoe deviam ter saído recentemente da sua semi-letargia, talvez naquela manhã mesmo. Se não tivesse sido assim, teríamos sabido.
Dei meia volta e me dirigi para o porto. Eu já começava a ficar com fome e pensei que o melhor que podia fazer era ir para perto da casa da minha noiva e entrar em contato com os que ali viviam. Esperava encontrar particularmente o velho Anders Fremstad, que dirigia a serraria e que morava em um pavilhão dentro do local.
Fremstad, que eu conhecia há longo tempo, tinha a missão de dirigir os trabalhos da propriedade durante a ausência dos seus patrões. Era um homem sério e eu desejava conhecer sua opinião.
Coloquei-me na praça semideserta e imediatamente me dirigi para a casa.
No jardim tropecei com a velha Greta, a mulher de Fremstad, que na propriedade exercia um pouco o papel de governanta e que se ocupava principalmente das coisas da casa.
Ela dirigiu-se para mim com a maior naturalidade
- Bom dia, senhor Bjoern. Então veio nos fazer uma visita! Como está a senhorita Olga? Já faz muito tempo que não temos o prazer em vê-la... Entre em casa, já é hora de comer. Você deve estar com fome...
As palavras de Greta me deixaram sem fôlego. Ela se dirigia a mim como se

nada tivesse acontecido. Eu já conhecia sua calma proverbial, mas de qualquer forma...
- Certo, certo! - falei - Você se recompôs rapidamente das suas emoções... Ela adotou um ar surpreso.
- Que emoções?
- Isso que lhe aconteceu... O que aconteceu aqui nesses últimos tempos...
- Nesses últimos tempos? Não aconteceu nada conosco, senhor Peter. Não aconteceu absolutamente nada. A não ser que agora na cidade há alguns falecimentos a mais que de costume por causa desta maldita doença... Mas foras isto, tudo vai bem por aqui.
Minha estupefação não conhecia limites. Greta me olhava muito tranquila, como sempre, com um leve sorriso.
Como explicar aquela atitude? Não era lógica.
A velhinha sempre havia tido sinais de loucura. Era muito supersticiosa e muito covarde. Por acaso os acontecimentos haviam-lhe estropiado os miolos. Com certeza era isto.
Em seguida imaginei outra hipótese: será que os habitantes de Bodoe haviam recomeçado sua vida no ponto em que a haviam deixado, sem saber o que lhes tinha acontecido? Me parecia espantoso.
Mas achei que no momento era melhor não insistir e perguntei-lhe:
- E seu marido?
- Anders? Bah, deve estar nos "lobos", como todo mundo.
- Nos "lobos"?
Eu não compreendia o que ela queria dizer.
- Com certeza - disse ela, como se surpresa pela minha pergunta.
- O que é isso de "lobos" - perguntei.
Ela encolheu ligeiramente os ombros. Dir-se-ia que eu lhe havia perguntado uma coisa extraordinária.
- Os "lobos"? Por acaso você não sabe o que são essas grandes torres que estão construindo perto do campo de aviação?
- E quem se ocupa da serraria?
Isso tudo me parecia bastante esquisito.
- Oh, a serraria! Ela segue como Deus quer!
Como se a serraria não tivesse importância alguma. Havia algo nos modos daquela mulher que começava a me aborrecer. Decididamente, me parecia que sua razão não andava muito boa.

- Anders não vai demorar em vir para comer - me disse.
Eu tinha pressa que ele chegasse, para poder interrogá-lo. De qualquer forma, in sisti:
- Desde quando começaram a construir as torres? Eu não as vi na última vez em que estive aqui.
- Desde quando?... Espere um pouco... Deve fazer umas três semanas... Oh! Eles trabalham tão depressa que dá gosto...
Três semanas? Aquilo não era possível. Três semanas antes todos estavam em estado de "relaxamento". Greta estava descarrilando por completo e então decidi não levar minhas perguntas adiante. Disse-lhe que tinha muita sede e que aceitaria um refresco com muito gosto.
Ela desapareceu dentro da casa e voltou com uma jarra de cerveja muito fria. Bebi um copo depois do outro com muito prazer. Depois fui me sentar em um banco e acendi um cigarro.
- Você quer comer agora? - ela me perguntou.
- Não. Prefiro esperar Anders. Se eu não incomodar, comerei com vocês.
- Será uma honra, senhor Bjoern. Mas tenho que ir preparar a comida. Me deixou sozinho e eu fiquei um pouco hesitante e bastante perplexo.
Atrás da grade do jardim eu via passar as pessoas e os automóveis. Tudo estava calmo naquele formoso dia. Bodoe estava igual como eu sempre a havia conhecido.
Mas, por que diabos Anders Fremstad estava trabalhando na construção daquela fábrica? Não me parecia próprio dele. Podia ser que o trabalho da madeira estivesse em uma época calma e talvez ele tivesse o costume de se empregar fora quando isto acontecia. Eu não conhecia bastante os costumes da casa para formar uma opinião. O que me surpreendia é que ele tivesse ido trabalhar precisamente no dia que os habitantes de Bodoe acabavam de sair do seu letargo.
Enquanto fazia estas reflexões, ouvi o portão da cerca ranger e vi-o entrar no jardim.
Era um homem de uns sessenta anos, grande e de costas largas, muito vigoroso para sua idade.
Adiantou-se para mim com a mão estendida e com um sorriso iluminando seu rosto curtido pela vida ao ar livre.
- Bom dia, senhor Peter Bjoern! A que devemos a feliz surpresa da sua visita?
- Você já deve imaginar - falei.

Suas sobrancelhas tomaram a forma de acentos circunflexos
- Na verdade não - disse - não tenho ideia... Mas suponho que me trás boas notícias dos proprietários.
- Estão na América com sua filha.
- Ahn? Na América? Eles não me avisaram... Mas eles não me põem sempre ao corrente das suas viagens... O que importa é que esteja bem. Já começava a estra nhar por não ter notícias suas.
Ao ouvi-lo falar, experimentei uma sensação de mal estar. Ele também se comportava como se nada tivesse acontecido.
- Você não me falou nada sobre o que lhes aconteceu - falei. Novamente ele moveu suas sobrancelhas, acentuando a surpresa.
- Mas... não nos aconteceu nada!
- Você não se deu conta de que, por assim dizer, vocês estiveram dormindo durante quase um mês inteiro?
Ele me olhou espantado. Vi claramente que se perguntava se eu tinha ficado louco. Mas logo riu.
- Ah! Sempre com suas brincadeiras, senhor Bjoern.
Eu hesitava em continuar interrogando, mas mesmo assim perguntei:
- E ninguém em Bodoe se deu conta de nada? Ele levantou a mão.
- No que toca aos demais, eu não poderia dizer-lhe. Mas no que me respeita, posso afirmar-lhe que não notei nada de extraordinário na cidade durante esses últimos tempos. Disseram-lhe que tinha acontecido alguma coisa?
Prudentemente eu bati em retirada.
- Não... são coisas que falam... Parece que há pessoas daqui que dormiram durante várias semanas. Por isto - acrescentei, rindo, - eu lhe perguntei se você também havia dormido.
- Eu não. Ninguém, que eu saiba... A única coisa que se pode contar é essa maldita doença que matou tanta gente. Caem de repente, como se atingidos por um raio. Chamam-na de morte azul, porque os que adoecem ficam azuis como a fachada da nossa farmácia, dez minutos depois da morrerem. Os médicos dizem que é um novo micróbio, mas que não há porque se alarmar. Na verdade, parece que a coisa está melhor. Há três semanas atrás houve muitas vítimas. Durante quatro ou cinco dias as pessoas caíam como moscas. Mas logo se acalmou. E no momento parece que tudo terminou...
- É estranho - falei.
- Oh! Você sabe que as doenças são todas mais ou menos estranhas,

principalmente as que ninguém conhece.
Houve um momento de silêncio.
Eu me sentia cada vez mais perplexo.
- E você, o que está fazendo agora? - perguntei, para ver como ele se saía. – A serraria está funcionando bem ou há pouco trabalho?
Ele me respondeu exatamente como sua mulher havia feito, encolhendo os ombros:
- Oh, as serraria! Ela vai como Deus quer...
Estava claro que era o que menos o preocupava. Acrescentou:
- Trabalho nos "lobos".
- Ah sim? Você trabalha nos "lobos". Sua mulher já me disse.
- É natural, não é verdade? Faço como os demais.
- Que demais?
Ele olhou-me com ar surpreso.
- Os demais... Quer dizer, todo mundo... Eu pertenço ao turno da manhã... É o que mais me convém. Uns vão de manhã... Outros à tarde... Outros à noite... É natural, não é verdade? E quatro horas de trabalho não é um tempo muito longo.
Não me parecia absolutamente natural e comecei a me perguntar se o excelente Anders Fremstad não estaria também "tocado", apesar do seu ar tranquilo.
- E o que você faz exatamente?
Ele me olhou com olhar malicioso.
- Vamos, basta um momento de graça. Mas você não vai dizer, senhor Bjoern, que também não trabalha nos "lobos", lá onde mora...
Contentei-me em sorrir, com um ar que deve ter sido bastante estúpido. Não queria contradizê-lo, mas estava claro que ele tampouco estava bom do juízo. Como é lógico, comecei a sentir uma certa inquietação, pensando se o estado de "apaziguamento vital" que os habitantes de Bodoe haviam sofrido, não teria tido como efeito o desequilíbrio das suas faculdades mentais.
Eu tinha pressa em dar uma volta pela cidade e especialmente para ver os amigos de Olga: Maria Lyndstron e seu marido Gabriel. Eram pessoas muito simpáticas e muito inteligentes. Ele era engenheiro químico. Quanto a ela, tinha estudado medicina mas não exercia.
Eu contava com eles para fazer um relatório concreto sobre os acontecimentos. Talvez eles tivessem sua própria hipótese sobre qual poderia ter sido a causa de

tudo.
Mas antes almocei. E o fiz com muito apetite, porque tinha fome e porque Greta era uma grande cozinheira. Mas durante a refeição me abstive de fazer novas per guntas.

* * *

Eram duas da tarde quando saí da casa da minha noiva.
Devo destacar aqui um detalhe cuja importância se verá em seguida. Eu continuava levando na cabeça a leve coifa que John Wild tinha me dado. Me incomodava tão pouco, que quando entrei no jardim havia até esquecido da sua existência. Foi o velho Fremstad que me lembrou quando comecei a comer.
- Que chapéu diferente você usa, senhor Bjoern - disse.
Sem dúvida estava surpreso por eu me sentar à mesa sem me descobrir.
Maquinalmente fiz um gesto para tirá-la, mas logo me arrependi, não sei exatamente porque. Sem dúvida por um vago sentimento de prudência. Mas eu tinha que explicar porque conservava aquele capacete extravagante.
- É uma espécie de atadura - disse. - Faz oito dias que me feri na cabeça em um acidente de automóvel. Oh, nada grave, mas o médico me aconselhou que fique durante alguns dias com este capacete até que a ferida esteja cicatrizada. Contém um produto que me evita sofrer enxaqueca.
Ao cruzar a praça, pensei que este boné singular podia chamar a atenção das pessoas e eu não queria ser notado. De forma que, antes de prosseguir, fui ao helicóptero e peguei minha boina, que pus por cima.
Os Lyndstron moravam na outra extremidade da cidade, perto da fábrica de conservas da qual Gabriel era diretor. Pelo caminho eu ia examinando as pessoas que cruzavam por mim, esperando que de um momento para outro tropeçasse com algo conhecido. Mas a casualidade quis que eu não me encontrasse com ninguém. Viam-se especialmente mulheres e crianças e todos tinham um ar perfeitamente natural. As crianças estavam sorridentes e brincavam com a agradável despreocupação própria da sua idade.
Ao chegar à praça onde toda manhã acontece a feira, e que a esta hora estava quase deserta, notei um grupo de uma dúzia de pessoas, sobretudo mulheres.
Aproximei-me intrigado.
Ouvi uma gorda matrona que gritava:
- Vão correndo buscar um médico!

Um deles disse, com um gesto de ombros:- Um médico? - Como se não soubesse que não adiantará nada! Ao chegar mais perto, vi o motivo daquele grupo ter se formado.
Um homem estava estendido no chão, inanimado. Teria uns trinta anos. Era alto, de aparência robusta, com um rosto agradável e terrivelmente pálido. Estava vestido como quem exerce uma profissão liberal.
A gorda matrona que havia falado em ir buscar um médico, havia se inclinado sobre ele. Tomou-lhe o pulso e se levantou, dizendo:
- Não resta dúvida de que está morto. Uma mulher jovem chorava.
- É o seu marido? - perguntou a matrona.
- Sim, é o meu marido. Oh, é espantoso!
- Ele estava doente?
- Não, não tinha nada... Ele se levantou esta manhã como de costume... Passou a manhã lendo e escrevendo... Durante o almoço estava alegre... Mas a um momento atrás, quando saímos juntos, ele me disse que não queria voltar mais aos "lobos" e que queria me levar a um passeio ao campo... E ao chegar aqui, não faz nem cinco minutos, caiu de repente... Oh, é horrível! Tenho certeza que está morto.
Enquanto ela falava, vi como no rosto do seu esposo apareciam umas placas azuis. Primeiro eram de um azul pálido, mas logo se espalharam pouco a pouco, cobrindo toda a superfície da pele, transformando-se em um azul intenso.
Esta cena me impressionou muito. Jamais havia visto nada parecido, jamais havia lido nada que se referisse a uma doença tão estranha em meus estudos médicos.
- Está bem claro que ele morreu - disse o homem que havia falado antes - e que um médico não poderia fazer nada. Bem se vê que se trata da morte azul!
Notei sinais de terror nos rostos das mulheres. A gorda matrona encolheu os ombros para a jovem esposa do morto e levou-a um lado para uma conversa:
- Venha... Não fique aqui... Dá muita pena vê-la... Eu achava que esta peste tinha terminado... Faz cinco dias que não tinha acontecido um caso novo... E já começou outra vez.
Eu não me atrevi a fazer perguntas. Estava muito impressionado. Para mim não restava dúvidas: esta doença, de caráter absolutamente novo e fatal, não deixava de ter relação com os fenômenos de "lentidão vital" que a população tinha sido vítima. E me perguntava com horror se toda a população sofreria o mesmo mais cedo ou mais tarde.

Como eu estava distante do otimismo que havia me animado a ir para Bodoe!
O fenômeno inicial havia desaparecido Mas podia ser que ainda estivéssemos longe de conhecer todas as consequências que pudessem surgir no futuro...
Afastei-me, apressando o passo.

* * *

Os Lyndstron tinham uma bela casa à beira mar. Foi a própria Maria Lyndstron que veio me receber e que me acolheu com um sorriso encantador.
- Oh, Peter, que surpresa! Olga veio? Como você está? Vocês ainda não se casaram? Gabriel ficará contente em vê-lo. Que sorte que ele esteja aqui. Está em seu gabinete... Você vai tomar café conosco...
Um instante depois eu estava sentado em uma poltrona, diante de um dos grandes janelões do confortável gabinete de Gabriel Lyndstron
Ele tinha vinte e nove anos. Seu rosto era afável e enérgico e em seus olhos se adivinhava uma certa inclinação para o humorismo. Sempre havia dado provas de um grande senso prático, de uma certa audácia em seus projetos e, por assim dizer, de um certo gosto pelo perigo. Sua mulher, ao contrário - que era quase tão bonita quanto Olga - era muito ponderada e havia uma grande doçura em suas maneiras.
Eles formavam um par perfeito. Junto deles eu sempre me havia sentido em um clima equilibrado, são, razoável. Mas ainda fico corado quando penso na conversa que tivemos naquele dia. Fico conturbado como se tivesse entrado em outro mundo; um mundo misterioso, incompreensível e, de certo modo, terrível.
Fui imediatamente ao fundo do assunto.
- Então, meus amigos, o que pensam sobre o que acaba de nos acontecer? Os dois tiveram a mesma reação da velha Greta. Pareciam surpresos.
- O que nos aconteceu? - disse Gabriel - Do que está falando?
Compreendi que eles haviam perdido as lembranças. A partir desse momento fiquei convencido de que o mesmo acontecia a todos os habitantes de Bodoe. O fenômeno havia levado parte das suas memórias.
Tentei orientá-los. Contei-lhes o que eu sabia, falei-lhes sobre minha visita prévia à cidade e disse-lhes que naquela mesma manhã eu tinha visto o mesmo em Hamburgo e em outros lugares. Eles me escutaram atentamente e logo Gabriel me interrompeu.
- Ouça, meu caro, você sabe que gosto de brincadeiras e do bom humor, mas

não poderíamos falar de outra coisa?
Me perguntei se não estaria sonhando.
Falar de outra coisa? Expliquei-lhes o que acabara de ver na praça do mercado.
- Ah! A morte azul... - disse Gabriel - Aposto que se trata de algum indivíduo que se esqueceu de ir aos “lobos”.
- Mas, o que na realidade são esses “lobos” Gabriel sobressaltou-se, quase.
- Vamos, não vai querer me dizer que não sabe.
- Ignoro totalmente.
Ele assumiu um ar incrédulo e quase desconfiado.
- Você continua contando piadas. Mas você sabe que este não é um tema que se preste para isto.
Em sua voz havia um certo tom de menosprezo. Notava-se que havia se irritado por alguma razão, para mim completamente insuspeita. Maria também me olhava com ar de reprovação.
Pareceu-me mais prudente perguntar a ela sobre a “morte azul”, pois havia estudado medicina em companhia de Olga. Podia ser que ela tivesse uma opinião sobre este assunto.
- O que pensa sobre esta doença rara?
- Oh, ela não tem nada particularmente raro. É uma doença como as demais, uma espécie de congestão cerebral, provocada por causas ainda mal definidas e, segundo meu parecer, mais morais que físicas. As pessoas que se afastam de certas regras da vida estão mais propensas que as outras... Como se a natureza quisesse castigá-las por seu desvio. Está dentro da ordem natural das coisas.
Esta explicação me pareceu um pouco sucinta, e contudo me sobressaltou.
Tinha cada vez mais a impressão de que os Lyndstron - e igualmente a eles, todas as pessoas da cidade - viviam em um estado mental um pouco diferente do que haviam tido até então.
Durante alguns minutos a conversa recaiu sobre temas sem interesse. Falávamos como se nos estudássemos mutuamente. Quando perguntei a Maria se continuava lendo muito, ela respondeu:
- Ler é completamente inútil.
Gabriel, a quem perguntei sobre o andamento da fábrica, exclamou:
- Oh, a fábrica...!
Exatamente no mesmo tom que Greta usou quando me disse: “Oh, a serraria” E não obstante, acrescentou:

- Vai bem... assim...
Eu estava ansioso para obter informações mais completas sobre os estabelecimentos que todos chamavam de "lobos" e que começavam a me parecer bastante misteriosos, mas não sabia como fazê-lo. Cada vez que eu fazia uma pergunta direta, sentia surgir a incredulidade e a desconfiança. Existia entre nós um terrível mal estar que só ia aumentando
Perguntei à queima-roupa:
- Você também trabalha nos "lobos"?
- Claro que sim - disse ela - É o mais natural.
Ela me respondia da mesma forma como fez o velho Fremstad.
- E você também, claro, no lugar onde vive.
- Não, eu não - respondi.
Tive a impressão de que ela ia ficar colérica e me lançou um olhar irritado.
- Acabe com esta brincadeira - gritou.
Compreendi finalmente que era absolutamente necessário não contrariá-los, deixando para mais tarde tentar encontrar outro sistema de penetrar naquele mistério. Sentia-me realmente angustiado.
- Eu estava brincando - falei.
Eles se acalmaram um pouco e falamos de outras coisas enquanto tomávamos o magnífico café que uma jovem servente acabava de nos trazer. Por duas ou três vezes ainda - e mesmo quando eu já havia decidido não mais me aventurar naquele terreno perigoso - notei coisas insólitas em suas expressões.
Mas os dois estavam encantadores outra vez.
Chamaram e um homem de uns quarenta anos foi introduzido no gabinete. Eu o conhecia de vista e quando me apresentaram, lembrei que já o havia encontrado outras vezes na casa dos Lyndstron. Chamava-se Forhms e era médico.
Depois de trocarmos algumas frases de cortesia ele voltou-se para Gabriel e disse-lhe:
- Meu caro, eu vim lhe lembrar que temos um encontro dentro de meia hora; com os Djarns, de serviço nos "lobos".
Esta frase me pareceu completamente obscura e não pude evitar a pergunta:
- O que é isso de Djarns?
Gabriel me lançou um olhar exageradamente severo, enquanto que o recém-chegado me olhava com ar perplexo.
O jovem engenheiro aproximou-se e pôs as mãos no meu ombro.
- Peter, não tente me fazer crer que não sabe os que são os Djarns. Não estou

lhe reconhecendo, Peter. Se é uma das suas brincadeiras, está equivocado. Você também deveria saber que é brincando assim que se chega à morte azul. Você costuma se fazer de idiota, mas eu lhe rogo que não venha fazer isto na minha casa...
E com isto, ele saiu com Forhms, sem acrescentar mais palavras.
Fiquei mudo com esta saída, transtornado e inquieto. Que estava acontecendo? Eu estava atolado no centro de um mistério, mais impenetrável ainda que aquele ante cuja presença nos encontramos, John Wild e eu, um mês antes.
Retomar a conversa com Maria, me pareceu agora completamente inútil. Era evidente que ela compartilhava com os sentimentos do marido e me olhava com um olhar hostil.
Eu só tinha pressa em sair, em deixar Bodoe e voltar para o Instituto de Halburne, para refletir sobre tudo isso com a cabeça fresca; e submeter o alucinante problema ao professor Hersan e seus colaboradores.
Me despedi de Maria Lyndstron. Ela não fez nada para me reter e me conduziu até o dintel da sua porta; e ao se despedir me disse:
- Você está errado, Peter, ao se comportar como está fazendo...
Fui embora, quase correndo, para o lugar onde havia deixado meu avicóptero. As pessoas com quem cruzei pelo caminho, mesmo tendo um ar perfeitamente normal, quase me davam medo.
Quando estava a ponto de chegar à praça onde havia deixado meu aparelho, ouvi que me chamavam.
- Ei, senhor Bjoern. Onde vai com tanta pressa? Parece que o esperam, hein? Hoje em dia já não se cumprimenta os amigos?
Voltei-me e reconheci Herman Teasa, um homem gorducho e bonachão, com quem em outros tempos eu havia saído para pescar. Ele tinha uma loja no porto.
- Bom dia, Herman - respondi. - Perdão por não tê-lo visto, como está sua vida?
- Oh, vai tudo bem... Estou de serviço à noite nos "lobos"... Para mim é a hora mais cômoda, porque não preciso dormir muito... E você? Deve estar de serviço pela manhã?
- Sim, pela manhã - respondi.
Do forma que era verdade: todos trabalhavam nos "lobos". Mas em que? Com que propósito? E para quem?
Depois de algumas palavras banais, nos despedimos.
Um instante mais tarde eu saltava no meu avicóptero e ligava. Não obstante, antes de partir direto para o oceano, voltei a sobrevoar novamente as misteriosas

torres brancas. A atividade ali reinante era ainda superior à que havia na minha chegada. Mas agora eu olhava aquelas construções com um ânimo muito diferente.

Que significavam? Eis aqui uma coisa que deveremos esclarecer mais tarde. Mas eu me sentia incapaz de fazê-lo por minha conta. Sentia terrivelmente a necessidade de entrar em contato com pessoas normais.

CAPÍTULO VII

- Isto é espantoso! - murmurou o professor Hersan.
Acabava de ler meu relatório sobre o que eu havia visto e feito durante minha vi agem.
Todo o estado maior do Instituto de Halburne havia-se reunido para me escutar, na sala onde habitualmente celebrávamos nossas conferências.
Eu havia feito uma exposição o mais completa possível, não esquecendo detalhe algum, já que o menor detalhe, a última das palavras coletada, podiam nos esclarecer e ajudar-nos a estabelecer alguma hipótese.
Todos os que estavam ali presentes tomavam notas enquanto eu falava; e uma fita magnetofônica gravava integralmente minhas palavras.
- Isto e espantoso! - repetiu o professor. - Mais espantoso do que poderíamos imaginar.
Eu só via rostos aterrorizados ao meu redor. Olga, particularmente, estava muito abatida, já que ela conhecia pessoalmente as pessoas de quem eu falava e via claramente, com sua imaginação, os lugares onde atualmente erguiam-se aquelas estranhas construções que os habitantes de Bodoe chamavam de "lobos".
- Foi uma sorte você não ter tirado a coifa protetora - disse Daniel Hersan. - Tenho motivos para crer que se você tivesse tirado não teria voltado. Será conveniente prevenir urgentemente o secretário de Estado, Irwood.
Ergueu o telefone que tinha diante de si e chamou Washington. Como haviam sido dadas ordens para que lhe concedessem absoluta prioridade para se comunicar com o homem de Estado, conseguiu a conferência em menos de um minuto.
Ele o pôs brevemente ao corrente do resultado da minha missão, mas John Irwood nem sequer esperou que ele terminasse. Hersan desligou o telefone e disse:
- Ele vem pessoalmente para se reunir conosco. Vem no seu avião, pois considera absolutamente necessário entrevistar-se conosco aqui mesmo.

Aquilo não nos surpreendeu. Agora todo mundo tinha que compreender a gravidade da situação e Irwood a compreenderia melhor que ninguém, sobretudo depois do que acabávamos de lhe comunicar.
O professor voltou-se para mim e disse:
- Devemos refletir sobre os elementos da informação que você nos trouxe. Como você já deve ter refletido sobre tudo isto durante o caminho, eu agradeceria, meu caro Bjoern, que nos confiasse suas deduções.
É verdade que eu havia refletido muito. Não havia feito outra coisa durante todo o trajeto de volta. Mas como podia chegar a alguma conclusão concreta?
- O que me parece claro - falei - e que, por outro lado, se depreende da minha informação, é que toda a população de Bodoe vive atualmente em condições mentais absolutamente distintas das normais. Trata-se de uma espécie de loucura coletiva provocada pelo período de "apaziguamento vital" que sofreram? Não creio. Tudo isto se parece mais com uma espécie de hipnose.
- A palavra me parece exata - disse John Wild. - Desde o começo da sua exposição que eu tive esta impressão.
- E eu também - disse Hersan. - E todos vocês também, com certeza... Todo mundo estava de acordo sobre este ponto.
- Mas - continuei, - falta-nos saber se trata-se de uma hipnose, por assim dizer, espontânea e derivada do seu estado anterior, ou, ao contrário, provocada com um determinado propósito. Com certeza vocês serão da minha opinião se lhes digo que as constatações que fiz me fazem inclinar terrivelmente para a segunda hipótese.
- Completamente de acordo - disse Hersan.
- Se eu me atrevesse a usar uma palavra antiga que descartamos do vocabulário de parapsicologia, eu diria que essas pessoas me davam a impressão de estarem "enfeitiçadas".
- Sim - disse John Wild, - é isto: enfeitiçadas... Esta palavra, no fundo, embora seja pouco científica, expressa claramente o que você quer dizer. E isto supõe, não uma causa natural, e sim uma vontade inteligente e particularmente poderosa. Esta história dos "lobos" na realidade é muito estranha...
- Muito estranha - interveio Hersan. - E isto é o que mais me preocupa. Que toda uma população, ou pelo menos os homens, segundo entendi, tenha-se posto a trabalhar na construção de uma espécie de fábrica e que o faça sem protestar, inclusive, segundo parece, com uma certa alegria. Eis aqui uma coisa que esconde não sei o que de inquietante. Essas pessoas me dão a sensação de

estarem trabalhando como se tivessem sido "condicionadas" expressamente para isto...
- Condicionadas - falei, - com efeito, este é o termo científico. E o que mais me impressionou foi a espécie de reprovação de que fui objeto quando me mostrei de certa forma um "não conformista". Inclusive, cheguei à conclusão de que os "refratários" devem ser castigados, sem que a população tinha disto uma consciência muito clara.
- Está se referindo à "morte azul" - perguntou Luc Seabright.
- Sim. Creio que seja interessante ressaltar dois ou três detalhes. O homem, cujo cadáver eu vi na praça do mercado de peixes, não havia ido aos "lobos" quando deveria ir. Estou tentado a acreditar que entre uma coisa e outra há uma relação de causa e efeito. Recordem, por outro lado, o que me disse Gabriel Lyndstron ao se despedir de mim. E precisamente a respeito da "morte azul";
Dave Aslim, que dirigia a seção e que se ocupava dos fenômenos de exteriorização psíquicas, sinalizou que desejava falar.
- Você nos disse Peter - enfatizou, - que as disfunções haviam sido numerosas no princípio, segundo o que lhe contou Greta Fremstad. Pode-se supor que naquele momento um certo número de pessoas, em razão de sua estrutura mental, se mostraram imunes ao feitiço, ou se assim preferem, ao condicionamento. Daí se pode deduzir que a "vontade ativa" - e este é o único nome que podemos lhe dar no momento - os atingiram com um procedimento desconhecido para livrar-se delas. Mais tarde outras pessoas, em virtude de causas que igualmente nos escapam, puderam recobrar a lucidez. E por sua vez foram atingidas, como o homem cujo cadáver você viu.
John Wild levantou a mão e falou:
- Pode-se inclusive pensar que a morte foi provocada por um influxo psíquico que desconhecemos. De nossa parte, só temos feito pesquisas com animais. Mas pude constatar que depois de mortos suas aparências físicas se modificam sensivelmente, muito mais que depois de uma morte natural ou causada por alguma arma. Sobre um ser humano, a disfunção pelo choque psíquico pode ser que seja suscetível de provocar a mudança rápida da cor da pele que você comprovou...
- Tudo isto me parece muito admissível - disse o professor Hersan. - E todo o problema, sem dúvida alguma, agora consiste em determinar qual a natureza dessa "vontade ativa" e com que propósito atua... E agora eu gostaria de

examinar o ponto do seu relatório que me pareceu mais perturbador, meu caro Bjoern...
- Sem dúvida você se refere - falei - à frase pronunciada pelo doutor Forhms, quando chegou à casa dos Lyndstron..
- Isso mesmo.
- Esta frase impressionou muito a todos nós - acrescentou Jane Sears.
- Forhms havia dito a Lyndstron: "Dentro de meio hora temos um encontro com os Djarns de serviço..." E quanto perguntei, estupefato, quem eram esses Djarns, Gabriel Lyndstron me respondeu como vocês já sabem...
- Sim - respondeu Hersan, - não há dúvida de que este ponto é o mais inquietante de todo esse espantoso assunto.
- Eu bem que queria me inteirar mais - falei, - mas tive a impressão claríssima de que ninguém, absolutamente ninguém, me teria dado detalhes sobre este propósito, visto que ninguém teria acreditado que eu não sabia o que eram os Djarns. E eu lhes juro que tinha pressa de voltar para cá.
- Oh, compreende-se perfeitamente - exclamou Olga.
- Foi sobre isto que eu mais refleti enquanto voltava. O que me havia surpreendido tinha sido a expressão: os Djarns de serviço... Nosso amigo Dave Aslim dizia a um minuto atrás que ainda não podíamos dar um nome à "vontade ativa" que dirige todo este mistério. Eu acho o contrário, que podemos dar-lhe um e que é precisamente este: os Djarns. Mas isto não faz nos adiantarmos muito... Quem são os Djarns? É evidente que eles constituem um elemento estranho em Bodoe. De onde veem? Quem são? Pelo menos têm um rosto humano?...
- Isto é espantoso - repetiu Hersan.

* * *

Nossa conferência prosseguiu durante três quartos de hora. Finalmente, a essência das nossas deduções podia resumir-se assim:
A população da "zona silenciosa" foi sugestionada e condicionada por seres desconhecidos que ela mesma designa com o nome de "Djarns".
O período de "relaxamento vital" - que deve ter sido um período preparatório dirigido pelos Djarns - durou muito menos tempo do que havíamos pensado. A velha Greta, ao declarar que a construção dos "lobos" havia começado três semanas antes, sem dúvida falou a verdade. John Wild, como eu, não se

recordava de ter visto essas estranhas torres quando da nossa viagem conjunta a Bodoe. Portanto, os habitantes não devem ter vivido lentamente mais que três ou quatro dias. Depois foram devolvidos ao seu ritmo normal, mas continuaram privados de todo contato com o resto do mundo e foram "condicionados" para trabalhar nos "lobos"; e os refratários eram castigados com a morte.
Quanto aos "lobos" em si, tudo o que se pode dizer com certa verossimilhança é que são úteis para os Djarns.
Em resumo: sabíamos poucas coisas, mas sabíamos infinitamente mais que o resto do mundo.
A taquígrafa acabava de trasladar as notas para o papel, quando nos anunciaram a chegada de John Irwood, que foi imediatamente introduzido no recinto. Parecia terrivelmente preocupado.
Daniel o pôs ao corrente - com maiores detalhes que pelo telefone - sobre tudo quanto sabíamos e as conclusões a que havíamos chegado.
Ele baixou a cabeça.
- De onde podem ter saído esses Djarns? - murmurava.
Nós lhe contamos da hipótese que nos havia ocorrido, e que havíamos discutido por um momento, segundo a qual eles poderiam ter vindo de outro mundo.
- É possível - disse ele. - Mas não admito isto. Acredito muito mais nas manobras de alguma potência estrangeira. Ainda que todas as nações tenham renunciado sinceramente à utilização da energia atômica em caso de conflito, visto que isto levaria à destruição da nossa espécie, a paz em que vivemos continua sendo precária. E sem dúvida existem pessoas no mundo que têm buscado, e pode ser que tenham encontrado, meios de dominação menos perigosos e menos destrutivos. Eu particularmente, penso que em nosso país temos nos descuidado do tipo de descobertas similares às que vocês fazem em seu Instituto. Talvez outros tenham se interessado muito mais e provavelmente chegaram muito mais longe nesta linha de ideias do que vocês mesmo conseguiram. Nosso governo está muito intranquilo, porque não existe meio algum de defesa contra uma arma deste gênero. Não lhes ocultarei que ele conta sempre com vocês para obter novas informações e para que nos ajudem em tudo que puderem...
- Vocês podem contar com nossa colaboração, você já sabe... Mas, infelizmente, nossos meios são limitados... Somos muitos poucos...
- Eu sei, mas o governo está disposto a pôr às suas ordens todo o pessoal e todos os meios que precisarem. Nossos chefes militares não acreditam muito em

sua eficácia, mas eu sim. E a maior parte dos meus colegas são agora do meu parecer. Vocês podem formar novos alunos rapidamente?
- Claro que não com rapidez, mas procuraremos ir o mais depressa possível.
- Vocês me falaram de coifas protetoras, graças às quais pode-se ir sem perigo às regiões afetadas. Não acham, se a coisa é possível, que seria interessante fabricá-las em grande escala?
- Isto é perfeitamente possível - respondeu John Wild. - E se os meios forem postos à nossa disposição, podem inclusive ser feitas com a máxima urgência.
- Perfeito. Fica entendido que se vocês tiverem outras propostas para fazer-me, dentro desta mesma linha de ideias, se fará o necessário imediatamente.
- Muito obrigado - disse o professor. - E você pode contar conosco para que trabalhemos o máximo possível. Tem alguma ideia sobre o que se poderia fazer nos próximos dias?
- Não, senhor. Confesso que não tive tempo de pensar nisto. Mas você é o cérebro e é melhor que você mesmo decida.
Daniel Hersan refletiu por um instante.
- Na realidade - disse, - creio no momento o melhor é prosseguirmos com nossa investigação sobre as regiões afetadas. Mas, segundo meu critério, não é para Bodoe onde interessa voltar. Seria mais útil para nós uma visita à zona que ontem foi afetada pela "lentidão". Se de fato nossas deduções são exatas, os habitantes dessa zona recuperarão seu ritmo normal dentro de dois ou três dias. Se estivermos no local neste momento, poderemos ver como as coisas acontecem. Não duvido que os Djarns também intervirão ali. Da mesma forma podemos prever que eles farão construir "lobos". Talvez então possamos formar uma ideia mais precisa da situação.
- Isto me parece muito razoável - disse John Irwood.
- Tenho a intenção - respondeu Hersan, - de ir eu mesmo inspecionar o terreno desta vez, acompanhado de dois ou três dos meus colaboradores. Nossa investigação com certeza se prolongará por vários dias, já que ignoramos o momento exato em que se produzirá o retorno ao ritmo normal. Depois disto, precisaremos de pelo menos dois ou três dias de trabalho para fazer nossas observações. Inclusive, pode ser que deixemos um dos nossos sobre o terreno para que prossiga a investigação.
- Perfeito - concluiu o secretário de Estado.
John Irwood me pareceu bastante nervoso. Deve-se convir que não era para menos. Por outro lado, a opinião pública no mundo inteiro começava a

emocionar-se seriamente.
O secretário de Estado não nos ocultou que não confiava muito no poder militar para conjurar a ameaça. Estava quase convencido de que nem armas clássicas, nem sequer as atômicas, seriam de alguma eficácia contra meios tão sutis e tão misteriosos. Por duas ou três vezes, durante o curso da conversa, voltou ao tema da necessidade de formar novos alunos no Instituto.
- Assim que eu chegar a Washington - disse, - de depois de ter deliberado com meus colegas, lançaremos uma chamada ao exército, às universidades e aos grandes centros técnicos, a fim de que comecem com a maior urgência a selecionar os indivíduos mais adequados para receber rapidamente o ensinamento de vocês. Quais são as qualidades que se convém preferencialmente exigir-lhes?
- A primeira das condições - disse Hersan - é que estejam convencidos do caráter sério e científico dos nossos trabalhos e da utilidade do nosso comprometimento. Os céticos não servirão de nada. Além disto, basta que tenham uma sólida cultura geral, que sejam inteligentes e enérgicos e que desejem servir e se submeterem à nossa disciplina. Se além disto, tiverem feito estudos biológicos ou médicos, ou estudos filosóficos, não será nada mal. Mas não é uma condição indispensável...
- Entendido - disse Irwood. - Mandarei redigir uma circular neste sentido.
- Tome nota também que os melhores elementos podem ser recrutados entre as pessoas nervosas, mas que sabem dominar seus nervos.
- Tudo anotado.

* * *

Quando John Irwood ia sair, chamaram-no ao telefone de Washington e o professor Hersan o fez passar para o salãozinho contíguo.
Quando após uns minutos ele saiu da sala, parecia ainda mais preocupado que antes.
- Acabam de me ler uma mensagem oficial de Moscou - disse.
- Ah! - dissemos, esperando uma revelação sensacional e dramática, talvez um ultimato.
Irwood notou nossa surpresa e nossa emoção.
- Não, não é o que vocês estão pensando. Trata-se de uma mensagem muito confusa. Ontem à tarde, perto de uma aldeia do norte da Rússia, cujo nome eu

não entendi bem, aterrissou um grande avicóptero. Alguns camponeses que estavam perto do local se aproximaram e viram descer dez ou doze pessoas. Duas delas eram de pequena estatura e estavam estranhamente vestidas de vermelho.

- De vermelho? - exclamou Olga.

- Sim, de vermelho. Pelo menos assim diz a mensagem, inclusive a mensagem especifica que era vermelho vivo. Tiveram especialmente medo deles, aos quais chamam de "os homenzinhos escarlate". Imaginaram que aqueles homens se dirigiriam para a cidade, mas não foi isto o que aconteceu. Os passageiros do avicóptero distanciaram-se apenas uns quinze passos do seu aparelho e então tiraram da uma bolsa uns objetos que pareciam réguas dobráveis metálicas e dois ou três aparelhos. Instalaram vários tripés...

- Talvez se tratasse simplesmente de pessoas que levantavam algum plano topológico...

- Espere! Um dos camponeses correu para a aldeia, escapando por trás de uma cerca. Avisou aos soldados que estavam acantonados ali e estes foram lá, mas quando os singulares viajantes os viram aparecer, recolheram depressa seus aparelhos, subiram em seu avicóptero e levantaram voo logo a seguir. O chefe do pequeno destacamento militar não hesitou um momento em mandar disparar contra eles, mas o aparelho não foi atingido e prosseguiu em seu voo para o oeste, ou seja, para a Fin lândia.

- Isto é tudo? - perguntei.

- Não, não é tudo. Ao ouvir esta informação eu me perguntei se os russos não estariam zombando de nós, fingindo uma surpresa ao inventar esta história sem pé nem cabeça, já que é inútil dizer-lhes que quando falei que suspeitava de uma potência estrangeira que tivesse conseguido o que poderíamos chamar de uma arma psíquica, era à Rússia que eu me referia... Mas a informação transmitida foi acompanhada de uma nota oficial dirigida ao nosso governo. Nesta nota, por outro lado muito correta, especifica-se que desde que as autoridades tiveram conhecimento do fato, haviam lançado uma esquadrilha em perseguição do misterioso avicóptero; mas foi tudo inútil. Por outro lado, uma minuciosa investigação prova que ninguém nessa região se dedicava a trabalhos topográficos, pois as autoridades russas tiveram a mesma ideia que você, professor. E agora chego à parte mais importante, pelo me- nos no que se refere às nossas relações com a Rússia A nota oficial não oculta que entre os meios dirigentes de Moscou existe a dúvida se os fenômenos inexplicáveis que

aconteceram no norte da Europa e o incidente que acabo de relatar-lhes, não teriam sido deliberadamente provocados por nós, os americanos, com o propósito do domínio mundial. A nota nos pede que proclamemos solenemente diante do mundo, que nós não estamos metidos nisto tudo. Acrescenta que a Rússia, por seu lado, está disposta a fazer uma declaração análoga, para apaziguar os temores que nós pudéssemos ter. Finalmente, declara que no caso em que nossas intenções sejam boas, será desejável uma colaboração mais intensa entre todas as nações do planeta, para lutar contra este flagelo que ameaça toda a humanidade.
Irwood calou-se e nós ficamos silenciosos.
- E o que você pensa desta nota? - perguntou Hersan.
- Estou perplexo. Ou os russos estão sendo sinceros, como espero, ou estão fazendo um jogo de uma extrema perfídia. Mas se estão sendo sinceros, de onde pode ter vindo este pavoroso ataque?
Como ninguém podia responder a esta pergunta, houve um novo silêncio. Olga foi a primeira a rompê-lo.
- Me impressionou muito essa história dos homenzinhos vermelhos. Há várias semanas, em nossas premonições, temos visto, e continuamos vendo, o que nós chamamos de um "formigueiro escarlate". Pode ser que haja relação entre as duas coi sas?
- É possível - assentiu Daniel Hersan, com ar distraído.
- E pode ser que esses personagens vermelhos sejam os Djarns - enfatizei.
- É possível - repetiu Hersan.
- Tudo isto é muito estranho - disse John Irwood.
Levantou o telefone para falar com Washington e quando seu secretário atendeu à linha, disse-lhe:
- Transmita da minha parte uma mensagem oficiosa para Moscou. Diga-lhes que nós estamos dispostos a fazer a declaração solicitada. Diga-lhes que mandaremos um comunicado oficial dentro de uma hora. Dentro de alguns instantes parto de Hal burne.
Apenas havia desligado, e soou nova chamada.
Era Washington outra vez. Pegou no telefone e quando terminou, nos disse:
- É uma nova informação de Moscou. Há duas horas atrás uma parte importante do norte da Rússia ficou silenciosa. Leningrado encontra-se nesta zona. Ainda não há informação exata sobre os territórios afetados...
- Isto continua - murmurou Hersan.
- Sim. E eu estranharia muito se desta vez se tratasse de uma notícia falsa. O

acontecimento tende a provar que os russos estão sendo sinceros.... Além disso, provavelmente está relacionado com o incidente informado anteriormente.
- Talvez fosse melhor - disse o professor - que um de nós fosse imediatamente inspecionar a região afetada, para comprovar se está realmente em estado de "calma".
- Sim. Esta seria a melhor prova de que os russos não estão mentindo. Mas já é hora de voltar a Washington. Mantenham-me ao corrente do que comprovarem. Por outro lado, me parece que a partir de agora terei ocasião de visitá-los frequentemente.
Acompanhamos o secretário ao seu avicóptero. Antes de subir, ele deu uma olhada aos edifícios do nosso Instituto e pareceu refletir por um instante.
- Depois de tudo - disse, - talvez fosse melhor que puséssemos vocês em estado de defesa... Os misteriosos Djarns que dirigem o ataque, quer sejam homens ou outros seres, não tardarão muito em saber que vocês estão melhor aparelhados que ninguém para contrariar seus propósitos. Daí a pensar em destruí-los, é somente um passo... Vou mandar que enviem um destacamento para vigiar dia e noite as cercanias do Instituto. Precauções bastantes nunca são demais.
- Eu não havia pensado neste aspecto do assunto - disse Hersan. - Mas sem dúvida você tem razão.

CAPÍTULO VIII

Alguns minutos depois da partida de Irwood, Luc Seabright subia em seu avicóptero pessoal e tomava a rota para a Rússia. Apressando-se, ele ainda poderia fazer suas observações antes que fosse noite naquele país. Sua missão consistia unicamente em sobrevoar a região que acabara de ser afetada e assegurar-se de que seus habitantes realmente encontravam-se em estado letárgico.

Nós retomamos nossa conferência e nos ocupamos unicamente do lugar onde iríamos pousar - Daniel Hersan e alguns de nós. - e da escolha daqueles que acompanhariam o professor.

Naturalmente, todo mundo foi voluntário e tivemos que deixar com o "patrão" o trabalho de escolher. Ele designou a mim e a Fred Townby, que exercia no Instituto o papel de coordenador dos diferentes serviços. Depois de alguma hesitação, terminou consentindo que Olga, minha noiva, nos acompanhasse.

Logo depois nos lançamos sobre um mapa para escolhermos o lugar onde levaríamos a cabo nossas investigações. Eu havia pensado em Bergen, naturalmente, porque tratava-se de uma cidade que me é muito conhecida, mas esta escolha logo apresentou certas dificuldades. Nos pareceu que era necessário que todos os membros da expedição conhecessem perfeitamente a língua do país que visitássemos; e nem Daniel Hersan nem Fred Townby falavam norueguês.

O professor não conhecia mais que o alemão e o francês e, portanto, devíamos ir para a Alemanha. Olga falava a língua de Goethe correntemente. De minha parte, eu a conhecia bastante bem, mas Townby a ignorava. Para substituir Townby, designou-se Hans Wieburg, que era de origem alemã. Eu me alegrei muito por esta escolha, porque Wieburg era meu braço direito no serviço que eu dirigia e éramos muito unidos.

Restava decidir o ponto da Alemanha onde pousaríamos. No começo pensamos em Hamburgo, mas pensando melhor fomos do parecer de que

seria mais fácil observar as coisas em uma aglomeração menos importante. Wieburg propôs Baustadt, uma pequena cidade sobre o Báltico que ele conhecia muito bem, já que havia vivido nela alguns anos antes.
Quanto à data da nossa saída, fixamos logo para o dia seguinte. Hersan achava, e com razão, que era absolutamente indispensável que estivéssemos sobre o terreno quando acontecesse a mudança do ritmo na vida dos habitantes e que era melhor esperarmos alguns dias que chegarmos tarde.
John Wild se encarregaria da direção do Instituto durante a ausência do professor. Aliás, ele era o mais indicado para passar os testes mais importantes aos candidatos a parapsicólogo.

* * *

Como pudemos observar, John Irwood havia dado as ordens rapidamente.
Ainda não era meio-dia quando vimos chegar o destacamento militar encarregado de assegurar nossa guarda.
Uma hora mais tarde, um comboio de caminhões entrava por sua vez em nosso "campo" com uma nuvem de trabalhadores, que estavam encarregados de instalar as casas pré-fabricadas que albergariam os futuros alunos sobre o vasto terreno de Hal burne.
Finalmente, no meio da tarde, dois ônibus pararam diante da grande escadaria do Instituto e uns cinquenta jovens, homens e mulheres, desceram deles. Eram liderados por senhores que se adivinhava que eram seus professores. Era o primeiro contingente de candidatos que uma Universidade vizinha nos enviava.
Lançamo-nos logo a seguir à tarefa de examiná-los. Hersan havia redigido uma curta lista de testes a que deveríamos submetê-los.
Comprovamos que a primeira seleção havia sido feita com bastante acerto. Todos os "sujeitos" eram notáveis e demonstravam o maior entusiasmo. Aceitamos uns quarenta por cento deles, o que constituía uma proporção considerável. Em seguida John Wild deu-lhes a aula inaugural em um grande anfiteatro do Instituto e os fez assistir uma série de experiências que os surpreendeu muito.
A maior parte nos confessou que até então jamais havia suspeitado da importância do Instituto de Parapsicologia.
A noite ia caindo quando Luc Seabright chegou. Este rapaz gordo, jovial e ruivo, parecia muito impressionado pelo que havia visto. As regiões da Rússia que ele

havia sobrevoado também se achavam afetadas pela parálise. Havia aterrissado em uma cidadezinha para ver mais de perto.
- É fantástico! - disse.
- Sem dúvida, logo você terá ocasião de comprovar - falei - que o comportamento dessas pessoas é ainda mais fantástico quando recobram seu ritmo normal.
Havíamos tido um dia cheio. No instituto reinava uma atividade febril. John Irwood telefonou várias vezes para saber se tudo corria bem.

* * *

No dia seguinte, antes da alba, o professor Hersan, Olga, Wieburg e eu tomamos assento em um dos avicópteros que eram guardados nos hangares do Instituto e partimos.
O professor havia feito suas últimas recomendações a John Wild sobre o trabalho a ser realizado durante sua ausência.
Nossa viagem durou apenas duas horas.
Logo sobrevoávamos a zona "silenciosa" e alguns instantes depois estávamos sobre Baustadt.
Era uma cidadezinha de aparência agradável situada às margens do Báltico. Quando nos aproximamos da terra, pudemos constatar que as pessoas continuavam vivendo "devagar". Em outras palavras, pareciam imóveis.
Eu era o único a bordo que já havia visto antes este triste espetáculo. Impressionou muito mais aos meus companheiros.
- Tem-se a sensação - disse Daniel Hersan, - de que acabamos de chegar a um lugar onde o tempo parou.
Não aterrissamos na própria cidade, e sim em um pequeno campo de aviação que se encontrava muito perto e estacionamos nosso aparelho em um largo prado onde havia outros avicópteros.
Naturalmente, havíamos tido muito cuidado em fazer desaparecer do nosso tudo quando pudesse indicar que pertencia ao Instituto de Halburne. O secretário Irwood havia se preocupado inclusive em nos dar novas identidades. Eu me chamava Peter Born, Olga Darboa havia se transformado em Olga Darb, o professor se chamava Hersh e era professor na Basileia. Somente Hans Wieburg havia conservado seu nome.
Havia pouca gente no campo de aviação e todos estavam imóveis.

Era nossa intenção fazer-nos notar o menos possível, ou seja, dito em outras palavras, nos movermos o menos possível, até o momento em que toda a população recobrasse seu ritmo normal. Mas era necessário resolvermos uma certa quantidade de pequenos problemas de ordem prática e, antes de tudo, o do alojamento. O melhor que podíamos fazer, pensamos, era irmos nos instalar em um hotel tranquilo. Mas como fazê-lo sem chamar a atenção dos "lentos"?
Fomos andando até a cidade que distava somente um quilômetro. Mas não seguimos pela estrada, na qual vimos várias pessoas paradas como marcos no lugar em que se encontravam. Guiados por Wieburg, que conhecia o lugar, atravessamos pelos campos e pelas hortas, escondendo-nos o melhor que podíamos por trás das cercas.
Chegamos assim a uma rua onde tivemos que redobrar nossas precauções, visto que não estava deserta. Diante de nós, em um jardim, erguia-se um hotel com a placa: Gasthaus zum Goldnen Löwen (Hotel do Leão de Ouro) que nos pareceu muito acolhedor, mas tínhamos que cruzar a rua sub-repticiamente.
Ficamos imóveis por um instante em um canto. Olga assomava a cabeça de vez em quando para observar duas mulheres que se dirigiam para nós.
- E pensar que eu estive aqui - murmurou, - e que nem me dava conta do que estava se passando...
- Talvez não precisemos tomar tantas precauções - falei. - Olga, você acordou depois deste estado singular quando John Wild a devolveu a uma vida normal. Mas tenho motivos para pensar que quando essas pessoas recobram novamente seu antigo ritmo, não se lembram de nada. Me parece que este foi o caso de Greta, Fremstad e dos Lyndstron, quando os vi em Bodoe. Mas eles não voltaram a uma vida normal e sim a uma vida "condicionada". Se nos instalarmos neste hotel, os que nele se encontram sem dúvida não se surpreenderão pela nossa presença quando voltarem a se mover na mesma cadência que nós.
- É provável - disse Daniel Hersan - mas enquanto isto continuemos sendo prudentes. Proponho que cruzemos a rua o mais lentamente possível.
- Tentemos - disse Olga - mas vai ser muito demorado se não quisermos andar mais depressa que os habitantes da cidade.
Nos movimentamos novamente, o que não é mais que um mudo de falar, já que necessitamos de um bom quarto de hora para chegar ao centro da rua. E, entretanto, para aqueles que nos viam, especialmente para as duas mulheres que estavam somente a vinte passos de nós, devíamos dar a impressão de que íamos

a uma velo cidade louca.
Observei Olga e vi que na comissura dos seus lábios se avizinhava um sorriso. Esta aventura extraordinária parecia encantá-la. Ela murmurou entre os dentes:
- Começo a compreender o estado de espírito dos caracóis
Notei que ela estava a ponto de rir.
- Shhh!
Avançando sempre com a mesma cautela, acabamos por chegar diante da escadaria do hotel. Felizmente o jardim estava deserto, mas no hall tropeçamos com uma senhora gorda que estava de costas para nós limpando uma mesa. Ou melhor, fazia o gesto de secá-la, porque para nós parecia imóvel. À esquerda havia o escritório com porta de vidro, que estava vazio. Deslizei sem fazer ruído, enquanto meus companheiros permaneciam imóveis na portaria. Vi um painel onde estavam indicados os quartos ocupados e os que estavam vagos. Havia quatro livres no segundo andar e peguei as chaves. Então vi sobre o balcão as fichas que entregam aos viajantes para que as preencham. Preenchi quatro com nossos nomes e nossas identidades emprestadas e coloquei-as debaixo de um peso de papel, junto com outras que havia lá. Logo vi um livro de registros onde as fichas pareciam estar pregadas. Preenchi outras quatro e inseri-as no registo mencionado, pondo em cada uma delas o número do quarto que ocupavam.
Tudo isto testificava que nossa chegada havia sido devidamente registrada.
Voltei à portaria e Hans Wieburg me fez um sinal para que ficasse quieto e apontou para a senhora que estava limpando a mesa.
Ela devia ter nos ouvido, pois estava visivelmente se voltando, mas com uma lentidão exagerada. Ficamos imóveis prendendo a respiração. Foi preciso um quarto de hora para que seu rosto nos olhasse de frente. Tinha uma cara larga e alegre. Logo vimos como, pouco a pouco, uma boca sorridente iluminava seu rosto. Então sua cabeça e seu tronco se moveram em sentido inverso.
Durante intermináveis minutos esperamos que ela ficasse de costas novamente e subimos apressadamente a escada que ficava nos fundos da portaria.
Tivemos sorte de não encontrar ninguém enquanto subíamos para o segundo andar. E assim tomamos posse dos nossos quartos, que não eram luxuosos mas eram limpos e aceitáveis.
- Ufa! - disse Olga - Achei que ia ficar dormente de tanto permanecer imóvel. Me compadeço das modelos que posam para os pintores.
- Não façamos muito ruído - disse o professor. - É preferível que conversemos

em voz baixa e que caminhemos suavemente para que o piso não faça barulho.
Nos dirigimos para as janelas, que davam para um grande praça, no fundo da qual erguia-se um edifício que devia ser a Prefeitura. Na calçada, como manequins que tivessem sido abandonados em posição vertical, havia umas quinze pessoas bastante separadas entre si. Havia alguns automóveis estacionados, dois deles haviam subido a calçada e se chocado contra a parede. À esquerda distinguiam-se as lojas.
- Isto é uma coisa alucinante - disse Olga. - Prefiro pensar em outra coisa.
Sentou-se em uma poltrona, pegou um livro na sua bolsa e começou a ler.
- Confio em que não nos farão esperar demais - murmurou Daniel Hersan. - Dá a impressão de que estamos em outro mundo.
- Armemo-nos de paciência - falei. - Aqui nós estamos em um posto de observação magnífico. Quando alguma coisa acontecer, nós notaremos.

* * *

Assim começou nossa espera em Baustadt, nos quartos do hotel O Leão de Ouro. Nossa aventura era muito singular. Éramos os únicos da nossa espécie nesta cidade açoitada pela "lentidão". Ao nosso redor tudo parecia adormecido e mal nos atrevíamos a respirar. O professor Hersan parecia um pouco nervoso. Ele havia se sentado perto de uma janela com um cronômetro na mão e observava a movimentação das pessoas.
- Eles levam dois minutos para dar um passo - disse. - Uma hora para andar trinta passos. Devem precisar da metade de um dia para cruzar a praça. Estamos a 16 de agosto e eles estão assim desde o dia 13. Não devem ter feito muito mais movimentos que os que fazem normalmente em um quarto de hora. Tenho certeza de que ainda não tiveram tempo para se dar conta do que está lhes acontecendo. Além disso, estão submetidos a uma intensa preparação psíquica para que não lhes permitam se surpreender...
Após um silêncio, Olga falou:
- Estou com fome.
Havíamos tido a precaução de levar víveres em nossas malas. Minha noiva dispôs os pratos em cima da mesa do quarto onde estávamos os quatro e comemos com bom apetite. Depois de comermos, prosseguimos com nossa vigilância nas janelas. Daniel Hersan me mostrou um rapaz vestido com calças curtas e uma camisa branca que descia os degraus da Prefeitura.

- Há um momento atrás ele não estava lá. Deve ter saído enquanto estávamos comendo. Ele caminha relativamente depressa...
Passaram-se as horas. Nossa espera se fazia interminável, já que o espetáculo era monótono.
- Eu me pergunto - disse Wieburg - se isto não vai durar vários dias.
- Seria para dar raiva - gritou Olga.
- Tenhamos paciência - falou Hersan. - Poderíamos estar pior do que estamos. Foi uma sorte termos encontrado este hotel tão depressa.
Assim transcorreu a tarde: metade dela conversamos, metade ficamos calados.
Na casa não se percebia ruído algum. Pouco a pouco a noite chegou, mas as janelas dos imóveis vizinhos não se iluminaram de imediato. As pessoas deviam necessitar de um tempo infinito para alcançar os interruptores e ligar a luz... Entretanto duas lojas se iluminaram....
- Eles devem achar que há eclipses constantes - disse Olga, lembrando o que ela mesma havia vivido.
Para os habitantes daquele lugar a noite ia durar somente alguns minutos. Na aparência, pelo menos...
Lá para as dez da noite, como não tínhamos nada para fazer, comemos de novo. Quanto terminamos, Hans Wieburg perguntou:
- Que faremos agora?
- Acho - disse o professor - que é melhor nos deitarmos. Duvido muito que aconteça alguma coisa durante a noite. Apostaria que será em pleno dia que os Djarns devolverão a população ao seu ritmo normal.
Os Djarns! Nós nos perguntávamos se íamos vê-los logo... E também com que diabos eles se pareciam...
O professor ficou no quarto onde havíamos passado a tarde juntos. Era o quarto mais bonito e o maior. Olga, Hans e eu fomos para os que havia reservado e que estavam próximos.
Abrimos a porta com precaução. O corredor estava escuro e deserto.
- Prendam bem suas coifas protetoras sobre as cabeças para que não se desprendam durante o sono - disse o professor Hersan, e deu boa noite.
- Boa noite, professor...
* * * Demorei a dormir.
Um silêncio total, quase espantoso, reinava na pequena cidade. Como fazia muito calor, abri a janela completamente.
Nas ruas, sem dúvida alguma as pessoas continuavam se movendo lentamente.

E passariam assim a noite toda, sem compreender que o sentido da permanência havia se modificado neles extraordinariamente.
Acabei adormecendo.
Quando acordei, mesmo antes de abrir os olhos, tive a sensação que já era de dia e que os raios do sol caíam sobre minhas pálpebras.
Eu meu sonho, havia-me parecido ouvir que batiam em minha porta. Duas ou três batidas muito espaçadas... Mas talvez eu tivesse sonhado...
Abri os olhos.
Meu quarto estava iluminado pelo sol que entrava abundantemente pela grande janela aberta. Estive a ponto de dar um grito de surpresa e de medo: havia alguém no quarto.
Mas logo a seguir reconheci a mulher gorda que havíamos visto na véspera no hall, enquanto limpava uma mesa. Tinha uma bandeja nas mãos e sorria, mas permanecia quase imóvel.
Compreendi que ela estava me trazendo o desjejum ou outra coisa qualquer, já que não devia ter uma noção muito clara de que horas eram.
Deve ter passado a noite toda subindo a escada.
Observei-a durante um momento. Seu sorriso continuava impresso em seu rosto. Faria pelo menos uma hora que estava em meu quarto.
Em cinco minutos adiantou dois passos; eu não sabia o que fazer e aguardava, começando a me impacientar.
Mas logo aconteceu uma coisa que me pareceu extraordinária.
Ela moveu-se rapidamente e em três passos alcançou a mesinha que estava perto da cabeceira da minha cama, onde depositou a bandeja e pôs-se a falar voluvelmente.
- Vamos ter um dia magnífico, senhor... Aqui tem seu desjejum... Olhe que sol mais bonito...
Precisei de alguns segundos para compreender que ela acabara de recobrar seu ritmo normal. Mas na rua já se ouviam ruídos. Um motor que se punha em marcha, gente que se interpelava, postigos que se abriam batendo nas paredes, um tonel que deviam estar rolando pela calçada; todos os pequenos ruídos familiares de uma pequena cidade que despertada.
Assim então o período de calma havia terminado.
A gorda servente despejou café na minha xícara, mas logo exclamou:
- Ai, mas onde está minha cabeça? Eu lhe trouxe café frio e pão duro...

Compreendi que ela não se dava conta de que acabava de sair de um estado anormal. Para ela, a vida não fazia mais que continuar, sem mudança alguma. E o mesmo devia ocorrer com todos os demais. Acontecia-lhe o que havíamos pensado: Havia perdido a memória do que havia acontecido.
Observei-a com o mais vivo interesse e ela falou, rindo:
- Perdoe-me, senhor... Vou trazer-lhe café quente. Onde eu estava com a cabeça? Mas em um dia como hoje tudo se pode perdoar, não é verdade? Pois hoje é um grande dia e todo mundo está alegre. Tenho que me apressar, porque não quero perder a chegada dos Djarns. E o senhor tampouco, naturalmente... Que alegria para todos!
E com um revoluteio da saia saiu do quarto precipitadamente. Eu fiquei estupefato.
Então esta mulher já sabia que os Djarns iam chegar. Seu espírito já estava “condicionado”. Deve ter acontecido nela uma lenta incubação durante seu período de vida “espaçado”. E sem dúvida alguma o mesmo acontecia a todos os habitantes da cidade. Estavam dispostos a aceitar tudo o que os Djarns lhe pedissem. Iam-se submeter às imposições dos Djarns. E o que era mais lamentável: iam fazer isto com alegria.
Saltei da cama, me vesti depressa e corri para o quarto do professor Hersan. Ele acabara de acordar e olhava pela janela. Já havia se dado conta do que estava acontecendo, mas sabia menos que eu. Não sabia que os Djarns iam chegar, não sabia que sua chegada já era esperada. Eu o pus ao corrente, mas ele não pareceu muito surpreso pelo que eu lhe dizia.
- Não tivemos que esperar muito tempo - disse, - mas agora teremos que ter muito cuidado com nossos gestos e com nossas palavras.
Wieburg e depois Olga vieram reunir-se a nós. Já haviam se lavado e vestido.
A servente reapareceu com café quente. Estava radiante e, de acordo com a advertência do professor, fingimos compartilhar da sua alegria.
- Não sei o que aconteceu - disse ela, - mas só temos pão duro.
- Tanto faz - disse Hersan - Em um dia como hoje isto carece de importância...
- Sim, em um dia assim... - disse ela - Ah! A partir de agora vamos ser todos felizes.
Depois de tomarmos café, me arrumei a toda pressa. Da praça subiam os rumores mais vivos. Agora reinava uma grande animação, uma animação alegre, como se fosse um dia de festa. De vez em quando ouvia-se a palavra “Djarns”, só se falava deles. Eram esperados como o Messias. O encantamento do qual

todas aquelas pessoas eram vítimas, devia ser singularmente potente; e os que o haviam provocado deviam ser extraordinariamente poderosos.

Daniel Hersan veio para junto de mim. Pareceu-me mais tranquilo que na véspera e perfeitamente senhor de si.

- Temos que sair - disse, - devemos nos misturar com a multidão. Espero que não surjam dificuldades ao entrarmos em contato com os donos do hotel...

- Logo vamos ver isto. Olga e Wieburg nos esperam no corredor. - Descemos e eu entrei no escritório para deixar as chaves e encontrei uma mulher de uma certa idade que devia ser a dona.

Ela me olhou com um olhar afável e sem surpreender-se.

- Ah, sim! - disse. - São vocês os que ocupam os quartos do segundo andar? Quatro pessoas, certo?

Devia ter examinado nossas fichas.

- É isso mesmo - falei.

- Eu esqueci de anotar quantos dias vocês vão ficar - respondeu.

- Ainda não sabemos com certeza, sem dúvida três ou quatro dias.

- Bem, isto não tem importância. Que grande dia, não?

- Magnífico - declarei, com um amplo sorriso no rosto.

- Meu marido já saiu para o terreno onde vão ser construídos os "lobos"; estava com pressa de ir... E, como ele, todos os homens... Mas os Djarns só chegarão depois das dez... Ah, sim! Hoje é um grande dia...

Reuni-me com meus companheiros. O jardim e o hall estavam cheios de gente, de viajantes e turistas que residiam no hotel. Eles também falavam dos Djarns com entusiasmo. Evidentemente haviam chegado à cidade antes da operação de "apaziguamento" e também estavam "condicionados"

Falei ao professor sobre minha conversa com a dona do hotel.

- Pelo que ela falou, está claro que somente os homens devem trabalhar nos "lobos".

- Foi o que me pareceu também em Bodoe.

- Nós temos que ir ao terreno em questão, menos Olga. Foi uma sorte você ter obtido esta informação, sem a qual correríamos o perigo de nos metermos em uma enrascada. Devemos estar mais atentos que nunca. Sem dúvida ainda há muitas coisas que nos escapam e convém sabe-las para não chamar a atenção.

CAPÍTULO IX

Dez minutos mais tarde, o professor, Wieburg e eu nos dirigíamos para o leste da cidade, para o lugar onde seriam construídos os "lobos". Íamos em companhia de três senhores que também estavam no hotel; um viajante comercial de Hamburgo, um estudante bávaro e um artista pintor holandês.
Nossos companheiros pareciam cheios de entusiasmo e caminhavam alegremente. Dir-se-ia que haviam acertado no grande prêmio da loteria e que estavam indo recebê-lo.
Falavam dos Djarns e dos "lobos" como se sempre tivessem sabido deles, do que se tratava. De fato, e este era o caso de todos os homens cujas conversas escutamos, sabiam unicamente isto: os Djarns viriam às dez em ponto e a seguir se construiriam os "lobos". Mas mesmo assim estavam transbordantes de alegria.
O terreno que servia como lugar de reunião era um largo prado retangular situado a leste do campo de aviação onde nós havíamos deixado nosso avicóptero. Quando chegamos lá já havia muitos milhares de homens. Assim juntos, produziam um rumor alegre. O tempo era bom e o céu estava claro e azul.
O estudante bávaro reconheceu nosso hoteleiro entre a multidão e precipitou-se para ele, gritando:
- Que grande dia!
Nós nos apresentamos ao hoteleiro, dizendo-lhe que éramos seus hóspedes.
- Vocês chegaram bem a tempo - disse-nos, cordialmente. - Por minha parte, tenho pressa em trabalhar nos "lobos"; Observei os homens de todas as condições que estavam ao nosso redor. Todos tinham caras alegres, entretanto em seus olhos havia um não sei que de estático e tenso.
Olhei para meu relógio. Era nove e meia. O professor Hersan nos disse à meia voz:
- Não sei como as coisas vão acontecer, mas no caso dos Djarns inscreverem individualmente todos os homens que estão aqui, talvez fosse melhor que nós

nos apresentássemos juntos. Depois nos encontraremos novamente no hotel. Há uma coisa que me deixa tranquilo: a maior parte dos nossos companheiros usam chapéus. Inclusive, muitos usam boinas que se parecem com as nossas. Espero que não nos obriguem a descobrir-nos, pois neste caso se surpreenderiam com as estranhas coisas que temos na cabeça...
Eu não havia pensado nesse detalhe e de fato me pareceu um pouco inquietante.
- Se um de nós for descoberto - prosseguiu o professor, - os demais devem fugir imediatamente.
Wieburg se ofereceu para ir primeiro, no caso em que nos alistassem nominalmente.
À medida que os minutos passavam, ficávamos um pouco nervosos. Íamos assistir a um acontecimento que de qualquer forma seria prodigioso. E nós seríamos os únicos que teríamos consciência real disto.
De repente soou um grito:
- Aí estão eles! Aí estão eles!
Como se obedecessem a um imperativo secreto, os homens que estavam no prado se alinharam impecavelmente em três filas, formando um imenso quadrado. Nós também nos submetemos a esta disciplina, depois de nos havermos separados, mas sem nos distanciarmos muito uns dos outros, de forma que não nos perderíamos de vista.
Quando tudo ficou em ordem, produziu-se um grande silêncio.
No extremo oeste do quadrado que nós formávamos, havia ficado uma grande abertura. Estávamos situados perto dessa "entrada" e era por ali que os Djarns entrariam no terreno.
O silêncio se fez aterrador. Eu continha minha respiração. E de repente ouvi como uma música distante e acre, uma música estranha. Todos os homens que estavam perto de mim estavam com as feições estáticas. Pareciam presa de um arroubo sem limites. Dir-se-ia que uma charanga pequena e estranha se aproximava, vindo da cidade pelo caminho que nós mesmos havíamos seguido.
Um instante depois os Djarns faziam sua entrada no recinto.
Com a demora do tempo, eu não saberia dizer qual foi a exata impressão que eu tive. Sem dúvida foi uma mescla de curiosidade intensa, de espanto, de horror, de estupefação, de incredulidade.
Desde a primeira olhada compreendi que os Djarns não pertenciam ao nosso universo, que vinham de fora, e que nosso planeta havia sido objeto de uma invasão monstruosa e solapada. Compreendi como era imenso o perigo que

corria a humanidade. Compreendi porque em nossas premonições havíamos visto um "formigueiro escarlate".
Os Djarns eram tal e qual nos havia descrito Knut Olsberg, o chofer do caminhão. Era realmente um Djarn o que o lapão havia visto perto do posto de Strandorj.
Se naqueles momentos, e eu repito, se tivessem levado a sério essas advertências, ter-se-ia evitado muitos desastres e muitos danos à espécie humana.
Aqueles estranhos personagens tinham apenas a altura de garotos de doze ou treze anos e uma aparência que de longe poderia se assemelhar à humana. Mas estavam vestidos de uma espécie de carapaça escarlate e reluzente.
Avançavam em ordem, em filas de três.
As duas primeiras filas eram formadas pela "charanga" que havíamos ouvido. Eles tocavam uns pequenos instrumentos que se pareciam com flautas, dos quais extraí am uns sons estranhos.
Os que os seguiam pareciam-se todos uns com os outros, igualmente intercambiáveis como as formigas. No centro do cortejo, que somaria uns cento e vinte ou cento e cinquenta Djarns, uma dezena deles levavam sobre os ombros uma espécie de andor, onde descansava algo parecido com uma caixa ou uma maleta metálica e que estava recoberta por um trapo vermelho.
Mas cruzaram a entrada do quadro que nós formávamos e um grande clamor retumbou nas fileiras dos homens, um clamor que expressava júbilo e entusiasmo. Os "hurras" e os "bravos" ouviam-se frenéticos de todas as partes. Gritavam: "Viva os Djarns!" Os homens literalmente dançavam de alegria.
Enquanto isto, essas extraordinárias criaturas continuavam avançando, impassíveis, com seu passo mecânico, dirigindo-se para o centro do vasto quadrado.
Mas, qual não foi minha surpresa quando vi que atrás deles vinham caminhando, igualmente em filas de três, uns quinze homens. Vestiam-se à paisana e usavam braceletes. Sorriam e nos dirigiam gestos amistosos.
Meu espanto chegou ao máximo quando reconheci entre eles Gabriel Lyndstron, que eu havia visto na véspera em Bodoe. O que ele fazia ali? Que significava sua presença em Baustadt?
Tapei o rosto com uma mão para que ele não me reconhecesse e me perguntei que deveria fazer...
Eu teria gostado de comunicar minhas impressões ao professor Hersan, mas ele achava-se a dez passos de mim e vi que ele também gritava e aplaudia. Apressei-

me a imitá-lo para não ser notado.
Três caminhões conduzidos por homens seguiam a comitiva. Esta se imobilizou no centro do quadrado. Dos caminhões tiraram pequenas mesas, cadeiras e diversos instrumentos, dentre eles um megafone.
Um Djarn subiu em uma mesa e um instante depois retumbou uma voz que se diria que era ao mesmo tempo potente e esganiçada. Naturalmente deveria ser fraca, mas se tornava forte graças ao megafone. E esta voz, que se expressava em alemão defeituoso com um estranho acento, disse:
"Homens de Baustadt, nós os Djarns os saudamos. Chegou o grande dia. Uma imensa alegria enche vossos corações. Vocês nos esperavam com impaciência porque todos aspiravam construir os "lobos". Vossos desejos vão ser atendidos. A partir de hoje, vocês vão começar conosco esta grandiosa tarefa. E quando os "lobos" estiverem construídos, começará para todos a felicidade perfeita".
Uma ovação formidável acolheu estas palavras. Era fantástico. Era aterrador. Mas eu fiz o mesmo que todos meus semelhantes: agitei freneticamente os braços e fingir uivar de alegria.
A voz continuou:
"Vamos alistá-los imediatamente e distribuí-los por equipes. Haverá seis e cada equipe trabalhará quatros horas por dia. Quanto ao resto do tempo, podereis dedicá-lo às vossas ocupações habituais".
Houve uma nova ovação.
Os Djarns também haviam formado um quadrado no interior do que nós havíamos estabelecido. Uns quinze mesas estavam ali dispostas e atrás de cada uma delas instalou-se um Djarn. Era evidente que os homens que haviam acompanhado esses estranhos visitantes estavam ali para ajudá-los se fosse preciso. Recordei que Gabriel Lyndstron falava muito bem o alemão e sem dúvida havia sido contratado para ser intérprete.
O alistamento começou imediatamente. Quinze filas de homens se dirigiam em ordem para as quinze mesas, atrás de cada uma das quais estava um Djarn e um representante da nossa espécie. Entre estes, me pareceu que havia um ou dois a quem eu já conhecia de vista. Deviam ter sido recrutados na região de Bodoe. Eu estava em uma das filas e a coisa parecia andar rápido. Tranquilizei-me um pouco ao ver que os que usavam chapéu não os tiravam.
Wieburg estava a uns passos mais adiante na minha fila. Lyndstron não se encontrava no mesmo lado para o qual nos dirigíamos. Estava de costas. Portanto podia tentar a sorte.

Quando chegou a vez de Wieburg, senti um pequeno calafrio. Tudo dependia do que acontecesse. Tudo correu bem e ao se afastar ele lançou-me um sorriso furtivo.
Eu estava com a boca seca. Não havia mais que cinco homens na minha frente, que foram rapidamente despachados e então chegou a minha vez.
Finalmente pude examinar um Djarn de perto. O que estava à minha frente tinha um nariz pontiagudo, como se alguém tivesse colocado uma pirâmide no meio do seu rosto, olhos salientes, semelhantes a duas bolas brancas que tivessem no centro uma pupila cinzenta, lábios finos, de onde saía uma voz fraca. Seu crânio era perfeitamente liso e reluzente, de um vermelho mais sombrio que o resto do corpo. Tinha orelhas de formas quase humanas e seus braços eram pequenos. O conjunto dava a impressão de fragilidade.
Junto a ele estava um grande rapaz loiro que devia ser escandinavo. No centro do quadrado, sobre uma mesa, descansava a caixa coberta de tecido vermelho.
- Nome? - perguntou-me o Djarn.
- Peter Born - falei, com voz insegura.
- Idade?
- Vinte e oito anos.
- Profissão?
- Representante comercial. Eu não moro em Baustadt. Sou de Moguncia.
- Não tem importância. Tem vontade de trabalhar nos "lobos"?
- Com a maior alegria - falei, repetindo o que meu predecessor havia respondido à mesma pergunta.
Então interveio um homem loiro e me falou com um sotaque que me confirmou que ele era escandinavo.
- De fato, o fato de você ser de Moguncia não tem importância. Fique no hotel em que está e quanto chegar a vez de Moguncia receber os Djarns, poderá voltar se quiser.
O Djarn havia anotado em um registro os dados que eu havia lhe falado, com uma habilidade extraordinária. Suas mãos pareciam com as nossas, mas tinha dedos mui to mais compridos.
Ele ficou me olhando durante um breve momento, com um olhar de intensidade extraordinária e eu tive a impressão de que alguma coisa estava errada, mas ele me disse:
- Inscrito no grupo B, subgrupo 17. A equipe começará a trabalhar à meia-noite. Sabe o que terá que fazer?

- Perfeitamente - falei, da mesma forma que tinha ouvido falar meu predecessor. Na realidade eu não tinha a menor ideia, mas isto nós resolveríamos em seu momento.
- Ponha sua mão sobre a mesa - disse o Djarn.
Eu coloquei a mão e o loiro grandalhão aplicou um carimbo nela. Depois o Djarn disse com uma pequena inclinação de cabeça:
- Obrigado e saúde.
Estava terminado, eu estava contratado. Retirei-me e olhei para minha mão onde estava impresso, com tinta colorida, a matrícula 729 GH 44. Dir-se-ia o número da placa de um carro.
Foi inútil tentar apagar esta marca depois. Era mais indelével que uma tatuagem. Ainda a levo comigo e há milhões de homens no mesmo caso.
Pouco depois encontrei meus companheiros. Hersan parecia muito inquieto, por mais que se esforçasse em esgrimir o mesmo sorriso de todos os que, como nós, voltavam para a cidade. Havia sido incluído entre os que começavam a trabalhar às vinte horas. Wieburg estava na mesma equipe e no mesmo subgrupo que eu.
Encontramos Olga no hotel. Da janela do seu quarto ela havia visto o desfile dos Djarns e havia ficado muito impressionada. As mulheres da cidade não haviam se mostrado menos entusiasmadas que os homens.
Mas já era a hora do almoço e nos sentamos na mesa. Ao nosso redor reinava a alegria e nos portamos de forma que não desfizesse aquela atmosfera de regozijo. Mas escutávamos com atenção tudo que se dizia, porque os homens que ali estavam sabiam - posto que haviam sido sugestionados - que tipo de serviço teriam que fazer nos "lobos" e isto podia informá-los.

* * *

Depois de comermos, nos reunimos no quarto do professor para trocar impressões. O mínimo que posso dizer é que não foram muito otimistas. O poder dos Djarns nos parecia tanto mais espantoso quanto nos parecia incompreensível e útil. Era inimaginável que um punhado de pequenos seres de aparência frágil tivesse podido subjugar toda uma população.
Fomos interrompidos em nossas reflexões por um rumor que vinha da praça. Das janelas nós vimos formar-se um grupo e descemos imediatamente. Adivinhei o que estava acontecendo. Um homem estava estendido no chão no meio da multidão. Tinha o rosto completamente azul.

Neste dia, segundo soubemos na manhã seguinte, umas setenta pessoas foram vítimas da morte azul em Baustadt. Os Djarns não sentiam ternura alguma por aqueles que não participavam da alegria geral. Mas não parecia que alguém tivesse estabelecido uma relação de causa e efeito entre sua chegada e esta doença estranha e fulminante.
Durante os quatro dias que se seguiram levamos uma vida muito estranha, vigiando constantemente nossos gestos e nossas palavras.
Quando cheguei pela primeira vez ao local do trabalho, em companhia de Wieburg, estávamos inquietos, naturalmente. Felizmente o estudante bávaro que morava em nosso hotel havia sido integrado ao nosso subgrupo e havíamos resolvido calcar nossa atitude de acordo com a sua.
Começávamos nosso trabalho à meia-noite. O terreno no qual estivemos pela manhã já havia se transformado consideravelmente, já que o trabalho havia começado desde o meio-dia. Parecia agora pronto para uma grande obra. Os Djarns haviam mobilizado, ao mesmo tempo que aos homens, um material abundante. Mais exatamente, vários homens haviam recebido a incumbência de levar consigo tudo que fosse necessário para realizar os trabalhos. Havia ali muitos caminhões, escavadeiras, betoneiras, todas as ferramentas necessárias. Descarregava-se pedras, areia e sacos de cimento. Tudo parecia transcorrer na mais perfeita ordem. Havia uma grande esplanada disposta apara ser pavimentada. Grandes projetores iluminavam a obra.
Wieburg e eu não nos afastávamos nem um passo do estudante bávaro. Com uma precisão de um autômato ou de um sonâmbulo, ele dirigiu-se para um caminhão e se pôs a descarregar sacos de cimento. Nós o imitávamos e levávamos os sacos até uma betoneira. E foi assim durante quatro horas, ao cabo das quais confesso que já estava farto.
Durante este tempo vimos muitos poucos Djarns. Por outro lado, reconheci muitos dos homens que os haviam ajudado pela manhã. Distinguiam-se facilmente devido às suas braçadeiras. Vigiavam o que nós estávamos fazendo e de vez em quando nos davam ordens breves. Tudo era feito em silêncio, mas constatei que todo mundo trabalhava com um ardor incomparável.
Eu só tinha um temor: tropeçar com Lyndstron, mas felizmente não o vi.
Na volta nos encontramos com o professor, que havia largado do trabalho à meia- noite. Ele estava no mesmo grupo do pintor holandês e havia-lhe imitado em tudo. Seu trabalho foi menos duro que o nosso. Consistia em cravar piquetes no chão de vez em quando. Ele também não havia visto os Djarns.

Devo dizer que após quatro dias nós não sabíamos muito mais que depois do primeiro. Particularmente, continuávamos ignorando para que iriam servir os "lobos" que estávamos construindo.
Daniel Hersan havia se arriscado a interrogar, de forma mais ou menos indireta, aos que trabalhavam junto dele. Mas havia batido em retirada prudentemente, ao notar que o olhavam de soslaio.
- Por outro lado - disse, - tenho a impressão de que eles não sabem mais que nós. Cada um tem a convicção de que trabalho em uma grande obra, em uma coisa necessária e magnífica, mas isto é tudo. Mesmo os homens com braçadeiras que os Djarns trouxeram da Escandinávia me dão a impressão de que se encontram no mesmo caso. Foram "condicionados" para realizar um trabalho mais concreto, e o fazem.
Estas eram as opiniões dos três. E esta era também a de Olga, que por sua vez havia tentado, inutilmente, averiguar alguma coisa entre as mulheres.
À falta de outra coisa, nos afirmamos na hipótese de que os "lobos" serviriam de habitação para aquelas estranhas criaturas. Seriam com fortalezas, nas quais se sentiriam inexpugnáveis e de onde então empreenderiam algo que não sabíamos o que fosse.

* * *

Mas nós não podíamos ficar eternamente em Baustadt.
No Instituto de Halburne não tardariam a ficarem inquietos por nossa ausência e, também o secretário Irwood devia estar impaciente para ter notícias nossas. Por outro lado, nós também gostaríamos de ter sabido mais coisas.
Três dias depois da nossa chegada, duas grandes torres de pedra e cimento erguiam-se no chão. Segundo diziam os homens das braçadeiras, deveriam estar terminadas dentro de dez dias. Então talvez pudéssemos nos dar conta do uso a que eram destinadas. Mas não podíamos permanecer ali por mais tempo.
Segundo o parecer do professor Hersan, nossa obrigação mais urgente que atualmente nos aguardava, era a de formar em Halburne o maior número possível de alunos, a fim de constituir, de certo modo, um pequeno exército de defesa psíquica.
Foi então quando Wieburg ofereceu-se para ficar.
- Voltem - disse ele. - Por minha parte eu continuarei observando o que

acontecer aqui. É uma pena que não possamos nos comunicar telepaticamente por causa das nossas coifas protetoras. Sem elas eu poderia deixá-los ao corrente, todo dia, de tudo que fosse notando. Mas quando tiver notado alguma coisa importante, eu voltarei...

- Sim, mas por que meios você vai voltar? - perguntou o professor.

- Oh, eu encontrarei alguma coisa. Se precisar eu roubarei um avicóptero. Não deve ser muito difícil.

- Seria melhor que alguém viesse lhe buscar. E preferencialmente à noite. Fixemos data e horas exatas e um lugar não menos preciso, em pleno campo. Você emitirá sinais luminosos para guiar nosso aparelho.

Procuramos um local cômodo e discreto e o encontramos naquele mesmo dia. Era uma clareira em um bosquezinho, a três quilômetros ao sul da cidade. A data do encontro foi fixada para 5 de setembro.

Naquela mesma noite, Daniel Hersan, Olga e eu nos dirigimos para o campo de aviação. Não deixávamos de ter um certo medo, posto que ignorávamos se tropeçaríamos com alguma dificuldade para nos apoderarmos do nosso aparelho. Por outro lado, como eram dez horas da noite e o professor devia voltar do seu trabalho nos "lobos" as oito, talvez já o tivessem procurando.

Mas tudo correu bem. O campo de aviação estava completamente deserto. Ninguém o guardava. Os Djarns deviam ter uma tal confiança em seu poder psíquico, que sem dúvida estavam convencidos de que ninguém pensaria em se evadir. Nosso avic6ptero estava onde o havíamos deixado.

Dez minutes mais tarde partíamos na direção oeste.

CAPÍTULO X

John Wild não havia perdido tempo durante nossa ausência no Instituto de Halburne. Havia selecionado duzentos e cinquenta pessoas que foram julgadas aptas a receberem nossos ensinamentos; e dessas, trinta pareciam especialmente dotadas e haviam sido submetidas a um treinamento intensivo.
Mas John Wild - que só tomava ao dia algumas breves horas de descanso - havia feito melhor ainda. Ajudado por seus próprios alunos, havia se dedicado a realizar uma série de experiências do mais alto interesse
Graças a isto ele havia conseguido obter, por meios puramente psíquicos, primeiro sobre os animais e logo depois sobre seres humanos, fenômenos de "aquietamento vital". Haviam constatado que os indivíduos submetidos a esse estado de semiletargia eram muito mais sensíveis às sugestões que durante o simples sono hipnótico; e que ditas sugestões podiam ser exercidas à distância e ao que parece eram particularmente duradouras.
Assim então, nosso colega havia reconstituído pelo menos um dos métodos empregados pelos Djarns.
- Ontem mesmo - disse ele - nos lançamos a uma experiência decisiva, com o pleno assentimento do secretário de Estado. Sem sair do Instituto, nós "abrandamos" a vida em uma aldeia vizinha de Halburne. Então, nesta mesma manhã, sugerimos aos habitantes daquela aldeia, uns cinquenta, que viessem trabalhar aqui para preparar o terreno sobre o qual íamos construir três casas pré-fabricadas. Eles o fizeram e inclusive fizeram com muito zelo. Ficaram muito surpresos do que lhes tinha acontecido quando os livramos deste estado de hipnose...
O professor Hersan ficou muito impressionado com as revelações de John Wild e felicitou-lhe calorosamente pelo bom trabalho que tinha feito.
John Irwood, por sua vez, também estava muito satisfeito, mas as notícias que lhe trouxemos de Baustadt o inquietaram muito. Depois do nosso regresso ele tinha vindo nos ver acompanhado por outros membros do Governo e nos disse que tinha obtido crédito ilimitado para nós e que o poder público projetava

criar um imenso centro de defesa em Halburne, com a nossa ajuda.
Agora nos levavam completamente a sério. Davam-se conta de que contra o açoite que ameaçava a humanidade inteira nenhuma arma era útil, exceto talvez aquela que fossemos capazes de inventar.
Mas nós não sabíamos o que fazer. Tínhamos que fazer frente a tantas coisas ao mesmo tempo e com uma pressa febril!
Os membros do governo que vieram para Halburne tiveram uma conferência com nosso pequeno estado maior para determinar o programa das próximas semanas. Ficou combinado que no momento nos lançaríamos em novas incursões nas "zonas silenciosas". Além disto, tínhamos em Wieburg um observador em Baustadt ao qual íamos recorrer em 5 de setembro e que naquele momento poderia nos dar novas informações. O mais urgente era prosseguir com as experiências processadas por John Wild, para formar novos quadros e acelerar a fabricação de coifas protetoras que já havia começado em uma fábrica de Chicago.
Mas não bastava organizar a "defesa", tínhamos que pensar imediatamente ou mais tarde em passar para a ofensiva. E o professor Hersan resumiu muito bem a situação nestes termos:
- Nosso último objetivo consiste em destruir os Djarns e fazer as populações que eles subjugaram voltarem ao normal. Para destruir os Djarns, que não me parecem ser muito numerosos, ignoro se os meios psíquicos que conhecemos, e que nos permitem matar à distância não importa que criatura terrestre, serão eficazes no que que concerne a eles. Deveremos testar e para isto será necessário aproximar-se muito deles. Temos que correr um grande risco, visto que os envolvidos deverão fazer isto sem a coifa protetora e pode ser que sejam eles que caiam. De qualquer forma, não o saberemos até que a tentativa seja realizada. No caso do resultado ser negativo, não vejo mais que uma solução: criar umas espécies de comandos constituídos por pessoas com coifas protetoras e atacar os Djarns com as armas habituais. Por outro lado, os dois métodos poderiam ser combinados. Mas acho que de qualquer forma, antes de tudo teremos que instruir o maior número de alunos possível, para que possam manejar os poderes psíquicos mais perigosos, ou seja, fazer alunos capazes de matar à distância somente com o exercício da sua vontade. John Wild me parece o mais qualificado entre nós para formar este corpo especial.
Todo mundo foi de acordo com este programa.
Ao partirem, os membros do Governo que nos haviam honrado com sua visita

pareciam um pouco menos pessimistas. Mas depois deles saírem, o professor Hersan não ocultou seus temores.
- Teremos que nos bater, sem dúvida alguma, com adversários de uma inteligência diabólica e certamente estamos muito longe de conhecer todos os recursos que dispõem. Mas não adianta se lamentar, ao trabalho!

* * *

A semana seguinte foi de uma atividade louca. Dormíamos muito pouco e apenas usávamos o tempo necessário para comer. Eu me levantava às quatro da madrugada e meia hora mais tarde começava a fazer os testes com os candidatos que me haviam sido enviados. Isto durava até o meio-dia. Depois de ter comido alguma coisa, dava um curso durante algumas horas. Depois assistia à conferência de John Wild, para me iniciar melhor no manuseio da arma psíquica. Então voltava novamente a passar os testes. E depois de um rápido lanche à noite, dava aula até a meia-noite, especialmente a sessenta militares jovens escolhidos ao acaso que não estavam destinados a se transformarem em parapsicólogos, mas que formariam o primeiro comando projetado por Hersan. Parecia-nos conveniente dar-lhes pelo menos certas noções de parapsicologia.
Com um tal regime de trabalho, a maior parte das pessoas teriam sucumbido logo, mas nossa própria formação nos permitia aguentar muito melhor que ninguém, graças a certos procedimentos psíquicos que púnhamos em prática.

* * *

No dia 5 de setembro fui buscar Wieburg, como havíamos combinado. Saí de maneira que pudesse chegar a Baustadt à noite, na hora fixada.
Encontrei facilmente o bosque onde devia esperar meu colaborador, mas não vi os sinais luminosos elétricos que ele devia me fazer, em resposta aos que eu mesmo emitia.
Isto me inquietou muito. Eu me perguntava se teria acontecido alguma coisa a Hans. Voei lentamente ao redor do local combinado e então fui sobrevoar Baustadt, para ter certeza de que não tinha me enganado. Ao passar perto do terreno onde havíamos começado a construir os “lobos”, reconheci cinco grandes torres brancas. Voltei à clareira e então descobri um fraco brilho no solo. Sem dúvida alguma vinha de uma lanterna elétrica, se não de um fogão a

lenha.
Haveria gente neste lugar? Era esta a razão pela qual Wieburg não se atrevia a se manifestar? Eu estava perplexo.
Afastei-me e voltei novamente.
Este fogo, apesar de tudo, era um sinal destinado a mim? Hans não podia ter feito outra coisa?
Desci o mais baixo possível, disposto a subir ao menor alarme. Era com efeito um fogo de lenha que eu via ardendo. Não me atrevi a pousar, mas imediatamente, através do fraco rugido do motor, acreditei ter ouvido uma voz que gritava pelo meu nome.
- Peter! Peter!
Desta vez não havia dúvida alguma. Acendi um farol e dirigi seus raios para o solo. Reconheci meu amigo e pousei perto dele.
- Suba depressa! - gritei.
Ele parecia hesitar. Estava terrivelmente pálido e suas vestes estavam amarrotadas e manchadas de barro. Dei-lhe a mão para que sentasse ao meu lado. Ele deixou-se cair no assento lançando um suspiro. Então me dei conta de que tinha uma bandagem na mão esquerda.
- Que lhe aconteceu? - perguntei.
- Você tem alguma coisa para comer?
Eu lhe dei um lanche que havia levado mas que ainda não tinha tocado. Ele lançou-se sobre a comida como um faminto.
Fazia pouco que eu havia retomado altura e velocidade novamente e voávamos em direção leste.
- Acelere tudo - ele me disse enquanto comia. - Não tenho certeza de que não estão nos perseguindo.
Acelerei ao máximo enquanto lhe perguntava:
- Mas o que lhe aconteceu?
Ele me indicou com sinais que queria beber. Passei-lhe meu cantil que continha whisky com água, que ele bebeu com avidez e então me disse:
- Vou contar tudo, mas eu tinha necessidade de me refazer.
Minha curiosidade estava ao vermelho rubro. Temi que tivesse acontecido algo desagradável que viesse complicar nosso trabalho. De fato, só faltava isso.
- Faz cinco dias - prosseguiu Wieburg - que eu estava em perigo de vida. Aconteceu como vou lhe contar. Há cinco dias atrás um homem com uma braçadeira veio ver-me no hotel, lá pelas onze e meia da noite, quando eu já me

preparava para ir para os “lobos”. Ele me disse: “Você está designado para o subgrupo 19. O trabalho é no mesmo horário. Passe diante da torrezinha antes de começar seu novo trabalho”;
- Torre? Que torre? - perguntei a Wieburg.
- É uma inovação - respondeu. - No dia seguinte após vocês partirem, foi edificada uma pequena torre na entrada do terreno onde estão os “lobos”. Lá há um Djarn permanentemente em serviço. Ele está ali precisamente para dar instruções por meio de sugestão aos que trocam de trabalho. Eu já sabia disto vagamente, mas não estava livre de temores. Me apresentei então ante o Djarn à meia-noite menos dez minutos e ele me disse: “Mostre sua matrícula”. Eu lhe mostrei o dorso da mão e logo a seguir ele contentou-se em olhar-me durante um momento e logo disse: “Obrigado, pode ir”. Eu me afastei indeciso, sem saber o que tinha que fazer. Segui ao acaso a um homem que havia passado antes de mim e que se dirigiu a um lugar onde descarregavam tijolos. Mas ao cabo de dez minutos um homem com braçadeira veio me olhar e disse: “Não é aqui onde você deve trabalhar. Não sei o que pode ter acontecido. Volte para ver o Djarn que está de serviço na torrezinha...” Você pode imaginar qual foi minha inquietação
- E então? - perguntei.
- Então eu voltei. O Djarn me olhou de novo e pude literalmente ler sua surpresa no que lhe serve de rosto... Depois ouvi uma campainha de alarme e vi que apareciam uns homens com braçadeiras. Então eu corri... E graças à escuridão desapareci entre o mato que havia lá perto. Já era tempo. Os projetores que iluminavam o trabalho se voltaram na direção para onde eu havia fugido. Compreendi que se não fosse pela minha coifa protetora, eu teria sucumbido no ato à morte azul...
Wieburg calou-se um instante.
- E depois?
- Depois eu consegui saltar em um carro abandonado na beira da estrada para fugir mais depressa. Parei no bosque, a uns trinta quilômetros de Baustadt. Desde então tenho vivido como um animal perseguido, escondendo-me no mato, alimentando-me de frutos silvestres e raízes, esperando que algum de vocês viesse me buscar. Só me aproximei novamente de Baustadt esta noite, para ir à clareira do bosque onde você me encontrou. Eu já não tinha minha lâmpada elétrica e só me restava uma caixa de fósforos.
- Tudo isto é muito grave - falei.

- Sim. E para mim o mais grave é que agora os Djarns sabem que há pessoas refratárias contra as quais a morte azul não é eficaz.
- Não resta dúvida de que eles vão multiplicar suas precauções.
- E já o fizeram. Ontem eu encontrei um jornal de Baustadt em uma sarjeta que tinha a data de anteontem. Estou com ele no bolso e vou mostrar-lhe quando chegarmos. Trás na primeira página um grande artigo convidando a população a avisar sobre minha presença Meus sinais são exatos e tem também o meu número de matrícula. Além disso, no artigo se lê mais ou menos o seguinte: "Ninguém pode tolerar que alguns indivíduos suspeitos obstaculizem a grande obra empreendida por nossos benfeitores os Djarns". E dão normas para descobrir os suspeitos. Enfim, do artigo se deduz que os Djarns criaram uma polícia especial usando homens.
- Eu me pergunto se eles suspeitarão que seu caso tenha algo a ver com o Instituto de Parapsicologia.
- Isto eu ignoro... Espero que não.
- Você está ferido na mão?
- Não é nada. Quando estava fugindo eu caí sobre um ancinho que havia no campo.
De vez em quando Wieburg voltava-se para olhar pela vigia da parte posterior do nosso avicóptero.
- Parece que eles não estão nos perseguindo - disse.
- Melhor assim.
Ficamos um momento sem dizer nada e logo lhe perguntei:
- Viu alguma coisa interessantes antes de fugir?
- Sim e não. Fatos interessantes, sim, mas que me parecem absolutamente incompreensíveis Oito dias depois de vocês partirem, já havia sido concluída a construção dos "lobos". Vi como instalavam máquinas e a fabricação começou no dia seguinte, se é que a isto se pode chamar de fabricação. No alto das torres é introduzido o material, em uma espécie de silo...
- Então trata-se realmente de uma fábrica. E em que consiste a matéria-prima?
- Não importa o que... Terra, pedras, madeira, detritos... literalmente, não importa o que.
- Ah! - exclamei surpreso. - E o que é que isto produz?
- Dá um produto estranho que sai por um tubo na parte de baixo da torre e que vai parar em um hangar onde os caminhões veem recolhê-lo. É um produto que se parece com fios ligeiramente translúcidos. Uma espécie de macarrão. Tenho a

impressão de que o tratamento da própria matéria se faz por meio de radiações... Mas não posso dizer que tipo de radiação.
- E para que servem esses fios, esses macarrões?
- Está me perguntando mais do que sei. Tudo que cheguei a averiguar é que os fardos que eles confeccionam com isto vão para um aeroporto a cinquenta quilômetros de distância, onde os carregam em grandes aviões de transporte que desaparecem na direção norte.
- O mistério está cada vez mais profundo.
- Sim. E ainda devo falar-lhe de uma outra coisa que me chocou muito, mas que também me pareceu incompreensível. Os Djarns fizeram construir entre as altas torres dos "lobos" um pequeno compartimento quadrado. Não demorei a notar que nenhum homem se aproximava dele, nem sequer os homens com braçadeiras. Deve existir uma "proibição psíquica" a que todo mundo obedece. Mais uma razão para espicaçar minha curiosidade. Uma noite eu deslizei para esse compartimento e tive logo a seguir uma sensação de frio intenso. Sobre uma mesa, estava colocada a caixa coberta de um pano vermelho que vimos no dia da chegada dos Djarns. Eu me aproximei e levantei o pano e o que vi me encheu de surpresa. Na caixa metálica, sobre um leito de pedaços de gelo, descansava uma massa disforme gelatinosa, uma coisa que se parecia com as medusas que encontramos nas praias...
- Que coisa mais esquisita...
- Sim, muito esquisita.
Esta revelação me deixou pensativo. Íamos de mistério em mistério. Logo Wieburg me contou outros fatos de menor importância. Depois da nossa partida, cinquenta pessoas haviam sido atingidas pela morte azul. Da mesma forma que em Bodoe, a "epidemia" havia se atenuado depois. Os habitantes continuavam demonstrando o mesmo entusiasmo e os trabalhos normais continuavam meio esquecidos. Enfim, ele me contou que dois dias antes da sua fuga, todos os homens com braçadeiras haviam sido substituídos. Os que os Djarns haviam trazido da Escandinávia haviam partido para um destino desconhecido. Os "novos" haviam sido recrutados no próprio local. Parece que os Djarns os haviam submetido a um procedimento especial. Outro detalhe: ninguém recebia salário algum, mas todo mundo achava isto completamente normal.

* * *

Em Halburne, as revelações de Wieburg fizeram sensação, mas não encontramos explicação lógica alguma para os fatos que ele havia anotado.
Foi em vão que refletimos para formar pelo menos uma hipótese. Mas nosso Instituto ia ver-se transtornado, desde o dia seguinte à volta do meu colaborador, por um acontecimento imprevisto e dramático.
Antes de relatar isto vou abrir um parêntese.
Havíamos combinado com John Irwood - e, em termos gerais, com o governo dos Estados Unidos e com alguns governos estrangeiros também associados ao nosso empreendimento - que nossos preparativos permaneceriam estritamente secretos. Mas tínhamos que nos defender constantemente contra os assaltos dos repórteres. Antigamente não se falava o bastante do nosso Instituto. Agora existia o costume de se falar muito mais do que seria nosso desejo.
O público ainda ignorava a existência dos Djarns. Oh, não se havia ocultado que a situação era grave e nem sequer que talvez devêssemos temer o pior. Mas havia base para achar que mencionando os Djarns teríamos denunciado a estes que sabíamos da sua existência. E para conhecer sua existência, era necessário que alguém vindo da zona normal tivesse entrado nos "lobos" e que tivesse podido partir indene. Isto teria equivalido a incitá-los a tomarem mais precauções ainda que as atuais, pois inclusive no caso de Wieburg, podia existir a dúvida quanto à procedência deste suspeito.
Mas como agora havia muita gente que estava mais ou menos a par do segredo, o que tinha que acontecer aconteceu e houve um vazamento. Na manhã do dia 6 de setembro, um grande jornal de Nova York explicou extensamente tudo que nós havíamos descoberto em Baustadt. Era certo que nos dirigiam grandes elogios, dos quais com muito prazer teríamos nos privado.
O artigo, que foi imediatamente difundido por todas as estações de televisão, provocou sensação e uma viva emoção. Nós do Instituto ficamos furiosos, mas não achávamos que as consequências, caso acontecessem, fossem tão imediatas.
Surgiram naquela mesma noite. E foi uma sorte que John Irwood tivesse tido a boa ideia de fazer instalar uma guarda ao redor das nossas instalações.
Era uma da madrugada e eu estava dormindo a sono solto depois de uma jornada muito dura, visto que desde a volta de Wieburg eu havia começado novamente meu trabalho. Fui arrancado do meu sono pelo estampido dos disparos.
Saltei da cama, peguei o revólver que eu tinha na mesa de cabeceira e corri para

o corredor. Tropecei com Olga que levava uma metralhadora nas mãos.
Nos precipitamos para a grande entrada. Lá fora retumbava o fogo da fuzilaria.
Tal como soubemos mais tarde, a guarda havia sido surpreendida por um ataque busco, realizado com bastante energia por uns sessenta homens armados com metralhadoras e bombas asfixiantes, que haviam conseguido penetrar no terreno do Instituto.
Ouvi a voz de Daniel Hersan que gritava:
- Coloquem as coifas protetoras.
Era um conselho sensato, já que também poderíamos ser atacados com armas psíquicas. Eu estava com a coifa no bolso do pijama e coloquei-a no ato. Olga voltou correndo para seu quarto para pôr a sua. Hersan uniu-se a mim. Levava na mão uma carabina de repetição.
Quando nos aproximávamos da entrada, um dos oficiais da guarda apareceu no intel. Ele titubeava, cuspia, estava sufocado. Balbuciou:
- Eles estão usando gases asfixiantes. Não pudemos conter seu ataque e conseguiram penetrar no parque. Estão incendiando o pavilhão da direita e atacando a ala do Instituto deste mesmo lado.
Olga havia se unido a nós quando nos lançamos para fora.
Eu gritei:
- Fique abrigada, isto não é trabalho para mulheres. Ela me respondeu:
- Haverá bastante para todo mundo.
Mas eu a vi vacilar e cair, enquanto uma saraivada de balas silvava em nossos ouvidos. Levantei-a precipitadamente, peguei-a nos braços e levei-a até a portaria, mas seu sorriso me tranquilizou.
- Não foi nada - disse. - Apenas uma bala na panturrilha. Deixe-me, eu me arranjarei sozinha.
Eu deixei-a e saí novamente. Na avenida tropecei com um cadáver. Uni-me a Hersan e ao pequeno grupo que o rodeava e que haviam se refugiado atrás de um pequeno quiosque do jardineiro. Os soldados retrocediam até eles, meio asfixiados. O cheiro acre dos gases flutuava no parque. O adversário disparava sem parar e avançava visivelmente. Percebiam-se suas silhuetas nas sombras. Deviam estar usando máscaras anti-gás, o que lhes dava uma enorme superioridade sobre nós. Era evidente que queriam nos aniquilar e me pareceu que a situação era crítica.
Foi então que apareceu John Wild, seguido por quatro ou cinco dos seus colaboradores. Chegaram correndo, dobrados em dois. Quanto estavam perto

de nós, Hersan gritou-lhes:
- Ponham as coifas protetoras! Mas John sacudiu a cabeça.
- Para o que queremos fazer, não - disse. - Há qualquer um de nós à nossa frente?
- Tenho certeza que não - disse o oficial. - E temo muito que daqui a pouco tenhamos que recuar.
John Wild não respondeu. Pôs um joelho em terra e ficou imóvel por um momento, depois de ter feito sinal para seus colaboradores. Então me dei conta de que nem ele nem eles levavam armas nas mãos. A alguns metros à nossa esquerda explodiu uma granada e eu engoli uma onda de gases asfixiantes. Mas um instante depois, diante de nós só havia o silêncio.
- O que está acontecendo? - perguntou o oficial - O que eles estarão tramando?
- Eles não estão fazendo nada - respondeu John. - Estão mortos.
- Mortos?
- Sim, mortos. Podemos ir vê-los e saber como são. John Wild levantou-se e seguiu adiante.
- Atenção! - gritou o oficial. - Não cometam nenhuma imprudência.
Quando nos dirigíamos para o lugar de onde tinha vindo o ataque, o tiroteio recomeçou em outros pontos do parque e nos dirigimos rápido para lá. E as coisas voltaram a acontecer como antes. Todos nós havíamos tirado as coifas e todos aqueles que como eu tinham alguma noção do que era a arma psíquica, ajudamos Wild e seus colaboradores a aniquilar os assaltantes.
Meia hora depois um silêncio total reinava novamente nos arredores do Instituto. E Daniel Hersan proclamou:
- Eis aqui a prova de que podemos destruir os Djarns.
Infelizmente, quando começamos a procurar os cadáveres sob a luz dos refletores não encontramos nenhum daqueles pequenos seres revestidos de uma crosta vermelha. Eles próprios não haviam agido, haviam lançado contra nós um grupo de homens "condicionados".
Todos os mortos que recolhemos já haviam tomado essa coloração azulada que me era conhecida, o que confirmava todas nossas suposições quanto aos efeitos do "raio psíquico". Tivemos uma surpresa - eu, Daniel Hersan e Wieburg - ao descobrimos entre os assaltantes alguns dos homens com braçadeiras que havíamos visto em Baustadt.
Alguns deles haviam escapado à "morte azul", mas haviam sido feridos por nossas balas. Já eu fiquei pasmado ao encontrar Gabriel Lyndstron atrás de uma

cerca. Tinha uma perna partida e estava desmaiado. No seu bracelete havia um pequeno triângulo dourado. Ele devia ter representado um papel importante no ataque. Talvez até fosse o próprio chefe dos assaltantes.
Achávamos que os sobreviventes - e especialmente Lyndstron - poderiam nos dar novas informações sobre os Djarns, mas quando os interrogamos observaram um mutismo absoluto. Pensando bem, isto não nos surpreendeu muito, pois estavam "condicionados" a ficarem calados. Eles teriam se deixado matar a revelar alguma coisa que soubessem.
Só nos restava "desenfeitiçá-los". Foi John Wild quem se encarregou desta tarefa. Lyndstron, que era o ferido menos grave, e que já havia recebido diligentes cuidados, foi o primeiro a ser posto na cadeira especial. Ele nos olhava com um olhar in tratável e até odioso. Mas a hipnose de que era vítima não tardou a dissipar-se e logo o vimos sorrir.
Havia voltado a ser o Lyndstron que Olga e eu havíamos conhecido em outros tempos. Estendeu-nos suas mãos, mas imediatamente a mais viva surpresa pintou-se no seu rosto. Estava claro que não compreendia o que estava fazendo ali.
Era evidente que ele havia perdido a memória de tudo quanto lhe havia acontecido quando estava enfeitiçado e que voltava a começar a vida no mesmo ponto em que a havia deixado em Bodoe, cerca de dois meses atrás. Custou-lhe muito acreditar no que nós lhe contamos.
A mesma coisa aconteceu com os demais feridos, quando por sua vez pudemos "despertá-los".
Estávamos desesperados por ter tido de matar uns homens que em seus estados normais deviam ser magníficos, mas que outra coisa poderíamos ter feito?
Me horrorizava pensar no que teria acontecido se nós não tivéssemos pelo menos uma guarda para aguentar o primeiro choque. Eles nos teriam liquidado e, neste caso, não se sabe como a espécie humana teria podido se salvar...
John Irwood - que havia sido encarregado oficialmente de manter contato entre o Governo e nós - veio saudar as primeiras vítimas do nosso Instituto, já que infelizmente havíamos tido vítimas: um morto do nosso estado maior, John Carey, e oito mortos entre os alunos, caídos no mais estranho campo de batalha que se possa imaginar. Tivemos também uns vinte feridos, entre os quais se contavam Olga e Luc Seabright. John Irwood saudou também os restos dos desgraçados que haviam agido sem saber o que faziam, já que eles eram também vítimas dos Djarns.

Ao alvorecer, encontramos nos arredores do Instituto os dez avicópteros que os haviam trazido.
O secretário de Estado ficou surpreso por não termos sido objeto de um ataque aéreo. Teriam bastado algumas bombas explosivas para destruir-nos. Deve-se presumir que os Djarns ainda não estavam muito familiarizados com as armas terrestres e que não lhes havia ocorrido aquela solução.
Pelo menos um ponto havia ficado demonstrado: eles próprios não se atreviam a sair das zonas que tinham em seu poder. Da mesma forma, nos parecia que os homens "embruxados" não faziam nada mais que obedecer, sem jamais tomarem iniciativas próprias.
No resumo das contas, o ataque de que havíamos sido objeto nos reconfortou mais que nos abateu. Se o adversário havia tentado nos destruir, é porque nos achava perigosos. E acabávamos de dar-lhes uma prova de que não estavam enganados.
Os militares ficaram literalmente estupefatos quando se deram conta de que nós podíamos efetivamente matar por meios puramente psíquicos. No curso da primeira reunião do nosso estado maior, Hersan felicitou calorosamente John Wild. Combinou-se que aceleraríamos ainda mais a formação do que já chamávamos de "equipes de choque das formações parapsicológicas". Wild era do parecer que os Djarns eram vulneráveis, já que ele julgava indispensável um comprimento de onda comum entre o que lança a morte e o que a recebe e que o processo era sempre reversível. Hersan compartilhava desta opinião.
No Instituto foram redobradas as precauções. O voo sobre uma vasta zona, da qual nós éramos o centro, foi proibido. Patrulhas aéreas circulavam dia e noite. Foram cavados abrigos subterrâneos. Nossa escola tomava o aspecto de uma fortaleza.
E nós prosseguíamos nossos preparativos a toda velocidade.

CAPÍTULO XI

Durante os três meses que se seguiram e até princípios de 1977, não fizemos novas incursões nas zonas silenciosas.
Estas haviam se estendido. Em 20 de setembro, os Djarns haviam prolongado seu poder até o centro da Alemanha. Em 17 de outubro conquistaram outra faixa de terreno no norte da Rússia; em 1 de dezembro fizeram sua aparição na Groenlândia e no norte do Canadá. Já não havia dúvida possível: eles haviam se lançado inexoravelmente à conquista do nosso planeta.
Todos quantos podiam fugir para o hemisfério sul o faziam. E isto levava consigo grandes desordens na economia mundial.
Novamente - depois das esperanças suscitadas pelas revelações feitas sobre as possibilidades do nosso Instituto e sobre nossos métodos - o pessimismo prevalecia.
Agora todos reprovavam nossa inação. Novamente nos apontavam como se fôssemos charlatães. Não obstante, nosso trabalho prosseguia dia e noite. E o fato de que três ataques aéreos tinham sido dirigidos contra nós, devia ter demonstrado que não éramos considerados como inimigos insignificantes por nossos inimigos. Esses ataques haviam sido devidamente rechaçados, mas era evidente que os Djarns desejavam esmagar-nos e que haviam aprendido a eficácia das armas humanas.
Quanto a nós, não queríamos começar nada antes de estarmos prontos.
De acordo com os poderes públicos e os chefes militares que agora colaboram conosco, havíamos fixado os primeiros objetivos para os nossos comandos, o primeiro dos quais devia lançar-se contra os "lobos" de uma pequena cidade alemã. Queríamos ter certeza de que os Djarns eram sensíveis aos efeitos do raio psíquico, capturar alguns deles vivos, se possível, e destruir os "lobos" do lugar onde operássemos. Se nossa operação tivesse êxito, no dia seguinte, com a ajuda das informações que tivéssemos recolhido, uma frota aérea, cuja tripulação estaria completamente provida de coifas protetoras, iria sobrevoar as zonas silenciosas para destruir todos os "lobos" que pudesse alcançar.

Havíamos hesitado muito antes de decidirmos esta última medida, uma vez que in- felizmente haveria muitas vítimas entre a população oprimida. Mas o perigo geral era grande demais para que nos detivéssemos muito em considerações sentimentais dessa ordem.
Em 7 de janeiro já estávamos prontos. Havíamos escolhido como ponto de ataque a pequena cidade de Neuheim, que ficava próxima ao limite entre a zona silenciosa e a zona normal, a fim de podermos nos retirar por via terrestre, caso fosse necessário.
Dispúnhamos naquele momento de duas mil coifas protetoras. Mil delas deviam ser reservadas para equipar os aviadores que operariam no segundo dia. As outras mil eram destinadas ao nosso comando. Este era formado por um grupo de uns sessenta "atiradores psíquicos", dos quais eu fazia parte, juntamente com Olga, sob o comando de John Wild. Um segundo grupo reunia cem parapsicólogos armados, destinados a apoiar eventualmente o primeiro. Enfim, o grosso da tropa contava com oitocentos militares portando armas leves mas eficazes. Como seu papel consistia em varrer o terreno, não teriam de tirar suas coifas.
Foi preciso toda a autoridade de John Irwood para que Daniel Hersan consentisse em não fazer parte desta expedição. Ele era um homem precioso demais para ser exposto ao perigo. Bastava que John Wild estivesse presente.
Mas eu não havia conseguido convencer Olga a ficar em Halburne. Ela queria absolutamente me acompanhar. Ademais, havia mais umas quinze mulheres em nosso grupo, três das quais haviam-se distinguido como notáveis "fuzileiras psíquicas".

* * *

Os vinte grandes avicópteros que nos transportavam pousaram suavemente no solo perto de Neuheim. Diante de nós, a quinhentos metros, perfeitamente visíveis na noite fria mas clara, elevavam-se nove torres brancas e, a uma certa distância delas, distinguia-se uma outra inacabada mas de formato totalmente diferente. Era enorme e completamente metálica.
Pusemo-nos em marcha e o tumulto louco começou. Os Djarns estavam em alerta, como devia acontecer em todas as partes, nas zonas em que eles reinavam. Teriam sabido de alguma coisa? Sem dúvida deviam contar com espiões, homens "condicionados", que lhes passavam informações.

Mal tínhamos avançado cem metros quando uma chuva de fogo de metralhadora e de bombas lançadas por granadeiros se opuseram ao nosso avanço. Mas os soldados regulares que seguiam à nossa frente logo se deram conta de que a defesa era menos importante do que se supunha e, consequentemente, cercaram a posição de onde partiam os projéteis - e que estava na própria entrada do recinto dos “lobos”, - e que era formada por “homens condicionados”.
Até então tudo tinha corrido bem e a manobra do cerco do terreno prosseguia rapidamente.
Mas quando chegamos no recinto a resistência ficou mais dura. O dia começava a declinar. Os homens corriam diante das torres brancas e entre eles vimos alguns Djarns. Os “operários” dos “lobos” se defendiam duramente. Agruparam-se diante de um edifício quadrado, igual ao que Wieburg havia me descrito. Ouvi John Wild que gritava:
- Cessem o fogo!
Foi preciso que a ordem fosse repetida duas vezes pelos oficiais, já que os militares, contrariamente às ordens precisas recebidas, continuavam disparando. Havia mortos e feridos em suas fileiras e estavam possuídos pelo furioso desejo de se baterem.
Nosso grupo de “atiradores psíquicos” havia se resguardado atrás de um pequeno muro. Via-se sete ou oito Djarns misturados com os homens diante do edifício quadrado e um daqueles pequenos seres se arrastava pelo solo. Havia sido ferido por uma bala ou metralha de morteiro.
Eu me mantinha ao lado de Wild. Vi quando ele tirou sua coifa protetora e nos fez sinal para que o imitássemos. Alguns dos nossos companheiros pareceram hesitar, mas finalmente se decidiram.
Mal eu tirei a frágil cobertura que nos protegia contra as radiações psíquicas e tive sensação de uma queimadura sob meu cérebro. Durante alguns segundos pareceu que eu ia desmaiar, mas endureci minha vontade até o máximo da tensão. Observei que John Wild havia empalidecido horrivelmente e uma careta torcia seu rosto. Nossos companheiros sofriam igualmente do mesmo mal. Um deles caiu de costas, se desmaiado ou morto eu ignorava. Concentrei todo meu pensamento, todos meus poderes psíquicos, na vontade de matar. Wild pouco a pouco recobrava sua face normal e eu me senti menos violentamente torturado. Alguns militares que haviam se refugiado atrás de nós nos olhavam com uma visível surpresa, mesmo inteirados do que íamos fazer.

Nossos adversários acharam que havíamos cessado o fogo porque queríamos bater em retirada ou porque estávamos sem munições? Não sei. A verdade é que se precipitaram sobre nós atirando e lançando granadas.
John Wild levantou os braços e baixou-os rapidamente. Era o momento combinado para que exercêssemos o supremo esforço psíquico: o que devia matar. Tive a sensação que meu cérebro estava a ponto de explodir, tão tensas estavam minhas forças internas.
Mas no mesmo instante vi que os assaltantes caíam desordenadamente e lancei um grito de vitória. Os Djarns também haviam caído!
Eu ia lançar-me para diante com os militares, que estavam espantados de que nós havíamos feito em um segundo o que suas armas não puderam conseguir, quando assisti uma cena que poderia ter sido horrorosa.
Um dos nossos "atiradores psíquicos" havia sacado seu revólver do bolso e o apontava para John Wild. Só tive tempo de baixar seu braço. A bala afundou no chão.
Compreendi imediatamente o que havia acontecido. Este homem não nos havia traído, ele não pôde resistir às ondas psíquicas que emanavam dos Djarns. Havia sido "condicionado" instantaneamente, do mesmo modo que os trabalhadores dos "lobos", e dominado pelo desejo de matar-nos. Foi preciso a ajuda de quatro homens fortes para segurá-lo.
Havia naquilo um risco em que não havíamos pensado. A partir de agora teria que ser feita uma seleção mais escrupulosa entre os que estariam destinados a tirar sua coifa protetora na presença dos Djarns.
Mas a batalha continuava em outro ponto do terreno, onde alguns elementos adversários haviam se entrincheirado. Entre eles encontravam-se três Djarns.
- Devemos tentar pegar estes vivos - disse-me John Wild.
Começou a manobra do cerco. As armas usuais tinham tomado a palavra novamente e nossas perdas foram severas. Vi meu amigo Wieburg cair perto de mim, morto por uma bala na cabeça.
Mas nosso ataque foi totalmente levado a cabo. Havíamos isolado um pequeno grupo composto por quatro homens e um Djarn. Em momento algum, mesmo que sua situação fosse desesperada, eles deram sinais de quererem se render. Foi preciso saltar literalmente sobre eles para dominá-los. Uma seção de soldados do exército, que deu provas de uma grande valentia, conseguiu.
Por fim tínhamos um Djarn. Um Djarn vivo!

* * *

Outros elementos da nossa tropa estavam explodindo os "lobos". As grandes torres brancas desabaram com um ruído infernal.

John Wild e eu nos precipitamos para deter esta destruição, cuja ordem havia sido dada prematuramente por um dos chefes militares. Era nossa intenção - se tivéssemos oportunidade para isto - examinar as estranhas construções edificadas pelos Djarns e ver para que diabos serviam.

Duas das torres ainda se mantinham de pé, da mesma forma que a pequena construção quadrada da qual havia nos falado o pobre Wieburg e que nos havia parecido, como também a ele, extraordinariamente misteriosa. Nos dirigimos para ela. Seus arredores estavam semeados de cadáveres. Evidentemente era o ponto que os Djarns tinham querido defender com maior empenho. Talvez descobríssemos a chave do seu poderio.

Entramos em uma sala nua com as paredes simplesmente pintadas de cal. Um oficial estava na entrada e nos explicou que não era prudente que entrássemos na sala, pois lá reinava um frio intenso. Mas não fizemos caso da sua recomendação e entramos. Um manto gelado caiu sobre nossas costas. Estendidos no chão havia dois Djarns.

John e eu nos dirigimos para a mesa que estava no centro da sala e sobre a qual descansava uma caixa metálica. Um fedor penetrou em meu nariz. Só vi na caixa um líquido amarelado e empestado no qual flutuavam alguns pedaços de gelo.

John chamou o oficial e perguntou:

- Você olhou o que havia aqui quando entrou?

- Sim, mas não vi outra coisa mais nesta caixa além de uma geleia estranha.

John e eu deixamos escapar uma exclamação e no mesmo instante um soldado ofegante entrou na sala.

- Depressa... Os Djarns mandaram reforços... Uma esquadrilha está aterrissando a menos de uma milha de onde nos encontramos.

E com isto ouvimos novamente o estampido da fuzilaria e saímos precipitadamente. Não era possível entrarmos em um novo combate. Nosso comando tinha objetivos precisos, o principal dos quais - que era o de capturar um Djarn - havia sido alcançado. Arriscaríamos pôr tudo a perder nos entretendo aqui.

Imediatamente foi dada a ordem de retirada geral e nos lançamos para nossos avicópteros.

Enquanto eu corria, um pensamento angustiante cruzou meu espírito:
- Onde está Olga?
Eu não a havia visto deste o momento em que abandonamos o abrigo do muro para nos dedicarmos à captura de um Djarn. Não a encontrei nos avicópteros. Não obstante, a retirada havia sido feita em boa ordem. Cada um voltava para o mesmo avicóptero em que havia chegado. Minha angústia se tornou mais viva. Tê-la-iam matado? Ou ferido? O chefe dos militares me assegurou que todos os feridos tinham sido recolhidos e todos os mortos tinham sido identificados.
- Apressemo-nos! Apressemo-nos! - gritavam de todos os lados os comandantes das seções.
- Você tem as listas?
- Ainda não... Mas este não é o momento de examiná-las - respondeu-me brutalmente o oficial.
Lancei um olhar desesperado a John Wild, a quem correspondia dar a ordem de partida
- Sem dúvida ela subiu em outro avicóptero - disse ele.
Isto não correspondia à maneira de ser de Olga, sempre tão tranquila e precisa. Mas evidentemente John estava querendo me tranquilizar. Não podia tomar a terrível responsabilidade de atrasar a partida. Os obuses já explodiam muito perto de nós.
Subi em nosso aparelho com a alma angustiada e o avicóptero retomou os ares imediatamente.

CAPÍTULO XII

Como eu temia, Olga não havia subido em nenhum dos nossos aparelhos, os quais só conseguiram alcançar a base por puro milagre, já que fomos perseguidos. Ela também não constava na lista de baixas que parecia ter sido redigida com o maior cuidado.

Mas, continuando uma investigação pessoal a qual me dediquei desde nossa chegada, pude constatar que nossos adversários haviam feito alguns prisioneiros no momento do segundo ataque que havíamos feito para capturar um Djarn. Várias testemunhas militares afirmavam isto com toda segurança. Um pequeno grupo de "atiradores psíquicos", cerca de meia dúzia, havia sido cercado. E entre eles devia haver uma ou duas mulheres.

De fato, quando se examinou minunciosamente todas as listas, verificou-se que tínhamos cinco desaparecidos, que com certeza tinham sido feitos prisioneiros pelos Djarns e seus cúmplices involuntários. Já não havia dúvida alguma: Olga tinha sido capturada.

Eu me perguntava se não teria sido preferível que ela tivesse morrido em plena ação, já que indubitavelmente estava destinada à morte azul ou alguma coisa pior.

Os pais da minha infeliz noiva estavam tão desesperados como eu.

Para me consolar, Daniel Hersan e John Wild esforçavam-se em me demonstrar que no drama que estávamos vivendo os destinos individuais contavam muito pouco. Sem dúvida eles tinham razão, ainda mais levando-se em conta que nosso Instituto havia sofrido perdas cruéis com isto. Além de Hans Wieburg, que morreu ao meu lado, havíamos perdido do nosso estado maior, James Blend e Jane Sears. Havíamos perdido também dez dos nossos alunos melhores dotados que já pertenciam ao Instituto antes dos atuais acontecimentos e mais vinte e cinco entre os novos.

O único consolo que encontrei em meu desespero foi o trabalho. Mas não devo me entreter falando dos meus sofrimentos pessoais e volto aos fatos.

Nossa expedição havia tido uma divulgação extraordinária no mundo todo. Foi

apresentada como uma vitória; e na realidade era. A alegria que produziu nas multidões quase se transformou em entusiasmo, quando no dia seguinte à noite - depois do ataque aéreo lançado contra vários pontos da "zona silenciosa", - pode-se anunciar que os "lobos" haviam sido destruídos nas cercanias de uma quinzena de cidades e particularmente os gigantescos "lobos" edificados na proximidade de Hamburgo.

Todo mundo achou que íamos acabar rapidamente com aquele pesadelo. Mas em Halburne estávamos menos otimistas, já que nós sabíamos que temível inimigos tínhamos que enfrentar. E tínhamos razão.

Durante os dias que se seguiram, nossas equipes aéreas, providas de coifas protetoras, continuaram destruindo as instalações dos Djarns, mesmo isto sendo cada vez mais difícil, visto que eles haviam organizado sua defesa. De qualquer forma, chegou um momento em que pareceu que todos os "lobos" existentes haviam sido aniquilados. Nossas esquadrilhas, que cruzavam os espaço em todas as direções, não viam traços alguns deles em parte alguma.

Entretanto as "zonas silenciosas" continuavam silenciosas e impenetráveis. Os Djarns deviam ter encontrado outra forma. Sem dúvida estavam construindo suas instalações sob o solo e já sabemos com que rapidez eles faziam executar os trabalhos.

Durante as semanas seguintes, uma multidão de voluntários, protegidos por nossas coifas, foram lançados de paraquedas em vários pontos dos territórios que haviam caído sob o domínio daquelas criaturas extraterrestres. Tinham por missão conseguir informações do que os Djarns estavam fazendo. Mas nenhum deles voltou ou foi encontrado pelos avicópteros encarregados de recuperá-los nas datas combinadas. Sem dúvida haviam sido rapidamente desmascarados pelo inimigo. Já não era possível passar-se impunemente pela "zona silenciosa" com uma coifa protetora dissimulada por uma boina. O pior era que as populações "enfeitiçadas" deviam estar cooperando com entusiasmo na busca dos espiões.

Nós no Instituto estávamos novamente perplexos sem saber que conduta seguir. E o secretário Irwood, que continuava nos visitando frequentemente, compartilhava da nossa perplexidade. Os governos estavam começando a ficar vivamente inquietos. Logo nos convencemos que não restava outro recurso a não ser criar um exército gigantesco, composto por soldados providos de coifas e de "atiradores psíquicos" e tentar um ataque geral. Mas sua preparação exigiria vários meses e inclusive anos. Até onde se estenderia então o poder do adversário? Teria ficado invulnerável?

Assim se passou janeiro, fevereiro e março. Pelo menos os Djarn não haviam se lançado em novas incursões, exceção feita das zonas inabitáveis das calotas polares. Sem dúvida estavam ocupados demais se reorganizando e preparando sua própria defesa. Mas nada se perdia em esperar. E estávamos convencidos de que iam se manifestar de uma maneira espetacular antes que transcorresse muito tempo. E não nos equivocamos. E a maneira como se manifestaram foi ainda mais espetacular e mais terrível do que pudéramos imaginar. No dia 2 de abril estávamos à espera de acontecimentos terríveis.

* * *

Talvez surpreenda que eu ainda não tenha falado do Djarn que havíamos feito prisioneiro em Neuheim. Não o fiz porque até este momento ainda não havia nada interessante para dizer. Muita gente acreditava, e ainda acredita, que durante cerca de quatro meses guardamos em segredo, no Instituto, as revelações que esta estranha criatura finalmente fez. Juro por minha honra que não foi assim.

Naturalmente, mal havíamos regressado da nossa expedição a Neuheim e nos dedicamos a fazer o nosso prisioneiro falar por todos os meios. Mas foi inútil o fato de Hersan e Wild usarem todos os recursos da ciência.

Como todo mundo já leu em centenas de livros, os Djarns eram seres mais semelhantes aos vegetais que a qualquer outra criatura viva. Mas mesmo assim possuíam uma inteligência em muitos aspectos semelhante à nossa. Por outro lado, uma infinidade de pessoas os viram em ação e se aproximaram muito mais deles do que eu. Por isto me absterei de falar detalhadamente dos seus aspectos físicos e morais.

Voltando ao que interessa, direi que dia e noite ele foi rigorosamente vigiado no Instituto, pois temíamos que atentasse contra sua vida. À todas as nossas perguntas ele opunha um silêncio absoluto, mas parecia compreender perfeitamente todo que nós lhe perguntávamos. Durante várias semanas, alternadamente, Hersan e Wild experimentaram com ele todos os métodos psíquicos e hipnóticos, todos os outros procedimentos mecânicos em que tinham prática, mas sem resultado. O máximo que conseguiram foi uma mudança de expressão no rosto do Djarn, mudança esta que nos pareceu que talvez pudesse ser interpretado como um sorriso irônico.

Em momento algum o cativo pediu comida ou bebida. Temendo que morresse, passamos a alimentá-lo à força. Mas na dúvida do que conviria dar-lhe, nos

limitamos a dar injeções de água destilada. Este regime pareceu totalmente aprovado. Assim se passaram três meses. Agora era John Wild que estava mal.
- Esses seres são mais fortes que nós - murmurava.
Tivemos que impor uma semana de repouso forçado a John.
Foi neste momento que surgiram os horríveis acontecimentos de que vou falar.

* * *

Ninguém esqueceu do terrível dia 3 de abril de 1977 e menos ainda do fato horrível que se seguiu.
Depois de longas horas de trabalho pesado, escutávamos o rádio na sala de reunião do nosso estado maior. Eu por minha parte mal o ouvia, pois pensava em Olga com o coração oprimido, quando de repente as notícias foram interrompidas. Um locutor, com voz trêmula, anunciou que ia dar uma notícia da mais alta gravidade.
Os Djarns acabavam de lançar um ultimato. Uma emissora da zona silenciosa havia acordado há uns minutos antes e imediatamente havia difundido seu texto através do mundo. Este texto ia ser repetido por todas as emissoras de rádio e televisão do planeta. Muitas pessoas ainda se lembram.
Acusaram a nós do quadro do Instituto de Halburne, durante as semanas seguintes e até o momento da liberação, de termos sido os responsáveis desta terrível catástrofe. É falso. Eu juro pela minha honra. Mas me apresso a acrescentar que se a responsabilidade de tomar a decisão tivesse sido nossa, não teríamos trabalhado de modo diferente daqueles que a tomaram. E os acontecimentos têm provado que nós teríamos razão.
Que dizia o ultimato?
Os Djarns começavam afirmando que as pessoas que viviam sob seu domínio eram perfeitamente felizes, coisa que de certo modo era bastante exata.
Mas imediatamente seguia-se uma monstruosa ameaça: se a condição que eles exigiam não fosse aceita, aniquilariam, diziam, todas as criaturas humanas que viviam em uma zona de cem milhas de largura ao sul da que eles ocupavam. Esta ameaça pesava sobre milhões de pessoas da Alemanha, da Holanda, da Polônia, da Rússia, do Canadá...
Quando à condição, era expressa em duas linhas: pediam que lhes fosse entregue o Instituto Halburne e todos que nele se encontravam, assim como um território de algumas milhas quadradas ao redor do mesmo.

Os Djarns não exigiram outra coisa. Davam aos homens dez horas de prazo para responder.
Mal havíamos acabado de ouvir este espantoso ultimato, que se referia a nós de forma tão direta, quando Hersan foi chamado ao telefone por John Irwood e ele fez com que o pusessem em comunicação no mesmo salão em que nos encontrávamos. Ligou o dispositivo que nos permitia ouvir a voz do secretário de Estado e logo, voltando-se para nós, disse:
- Se alguma coisa do que vou responder lhes surpreender, façam-me saber em seguida. A conversa começou no ato.
- Já conhece o ultimato? - perguntou Irwood. - Que devemos fazer? Hersan respondeu com voz tranquila:
- Não nos corresponde influir sobre sua decisão nem sobre a dos seus colegas dos demais governos do planeta, pela razão de que se trata de nós...
O professor se voltou e olhou para nós. Com um movimento de cabeça fizemo-lo compreender que o aprovávamos.
- Não obstante... - ia dizendo Irwood.
- Não, meu caro. O assunto é grave demais... Nossa sorte não deve preocupar os homens de Estado no terrível dilema de consciência que lhes agita. Trata-se, para começar, da vida de milhões de seres humanos e, por último, do destino da nossa espécie. Levem isto em consideração e decidam.
Passaram-se alguns segundos de um pesado silêncio e logo Irwood declarou:
- Tenho a impressão de que esse ultimato é uma tremenda fanfarronada.
- Não penso assim - disse Hersan. Novo silêncio, ainda mais pesado.
- O fato dos Djarns quererem destruí-los - respondeu Irwood - indica claramente que eles consideram vocês como os únicos capazes de resistirem a eles.
- A dedução me parece correta.
- Você está seguro de que venceremos os Djarns?
- Não posso dar tal garantia.
- Mas pelo menos temos chances de vitória?
- Enquanto respirarmos há esperança. Mas eu a vejo unicamente a longo prazo. Não estamos preparados para uma ofensiva.
Houve um novo silêncio, sempre igualmente tenso, e foi Hersan quem o interrompeu.
- Não hesite em nos sacrificar se considerar que não há outra solução para que a humanidade sobreviva, antes que submeter-se à férula dos Djarns.

Irwood não respondia. Ouvia-se sua respiração angustiada através do aparelho. Então disse bruscamente:
- Vou lutar com todas minhas forças para que o ultimato seja rechaçado. Eu o farei, mesmo se tiver certeza de que amanhã milhões de meus semelhantes vão perecer. É preferível a morte que esta asfixia solapada. Os Djarns só ocupam uma pequena parte do planeta. Mesmo se executarem sua ameaça, ainda teremos tempo para contra-atacarmos. E então teremos necessidade de vocês. Até logo, Hersan.
Eis aqui exatamente como aconteceram as coisas, diferentemente do como foi contada. Eis aqui qual foi a atitude muito digna e muito correta do nosso professor, atitude que todos nós aprovamos.
É inútil dizer que passamos uma noite horrível.
Eram dez da noite quando o ultimato foi lançado. E expirava às oito da manhã. O rádio e a televisão não davam noticia concreta alguma sobre a resolução dos governos. Mas era de se supor que pontos de vista tresloucados corriam pelas ondas e que nas zonas ameaçadas devia existir um pânico indescritível. Soubemos que Irwood - assim como muitos outros homens de Estado de todos os países - havia saído em um aparelho ultrarrápido para Paris, onde se reunia com extrema urgência a conferência que ia tomar uma decisão definitiva.
Tínhamos pouca confiança em não ser sacrificados. O exército que preparávamos ainda estava em estado embrionário. Não havíamos feito nada de positivo há três meses e já começavam a nos acusar de inércia. Para mim tudo era indiferente e teria aceito a morte sem vacilar, pois não duvidava que se fôssemos entregues aos Djarns sua primeira providência seria suprimir-nos.
A resposta ao ultimato não foi difundida até cinco minutos antes das oito. Contrariamente às nossas previsões, estava sendo rechaçado.
Foi então quando nossa espera tomou a forma de uma horrível angustia. Mas uma hora mais tarde sabíamos a que nos ater.
Todos quantos não puderam fugir da zona designada - e foram milhões e milhões, visto que as estradas estavam engarrafadas - haviam sido feridos pela morte azul. Uma carniçaria estendia-se sobre uma zona de cem milhas de largura ao longo da fronteira com os Djarns. Mas não quero insistir sobre esse espantoso acontecimento.

* * *

O que se seguiu foi quase igualmente atroz: um pânico sem precedentes e, em alguns países, revoluções contra os governos que haviam se pronunciado no sentido de rechaçar o ultimato. Mais mortes ainda. E por todas as partes uma desordem indescritível durante uma longa semana.
Bandos de energúmenos tentaram inclusive atacar o próprio Instituto, que acusavam de ser a causa de todos esses males. Em contrapartida, muitas pessoas se mostravam decididas a resistir, acontecesse o que acontecesse, e recebíamos de todas as partes mostras de encorajamento e ofertas de ajuda.
Até o final de abril houve uma certa calma, mas todos sabíamos que era uma calma enganadora. Nós no Instituto estávamos bastante deprimidos e eu estava mais que todos. Mas nem por isto deixávamos de prosseguir nosso trabalho de mais de quinze horas diárias, apesar de estarmos vivendo à espera de alguma nova catástrofe.
Chego agora à última fase, a mais dramática para nós, a mais confusa também, a bem menos conhecida no que concerne à atitude do Instituto de Parapsicologia de Halburne. Muitos detalhes continuam sendo ignorados pelo público ou foram mal explicados, pela razão de que as principais testemunhas, ou estão mortas, ou estiveram como eu, durante meses, na impossibilidade de se expressarem de uma forma mais coerente depois dos terríveis choques nervosos que receberam.
Durante a primeira metade do mês de maio nada de novo aconteceu. Então, no dia 15 de maio - sem pré-aviso nem ultimato - uma nova parte do território russo, tão grande como a metade do Texas, foi englobado na zona silenciosa. Nossos aviadores, providos de coifas protetoras, foram imediatamente sobrevoar esse território. Foram rechaçados pelos caças e tiveram que regressar imediatamente às suas bases. Mas tiveram tempo de constatar que os habitantes não haviam sido mortos, mas simplesmente postos em estado de "vida lenta", como precedentemente. Oito dias mais tarde, um segundo voo revelou que aparentemente haviam recobrado suas atividades normais. Mas os observadores não viram "lobos" sendo construídos. Ali também as instalações dos Djarns deviam ser subterrâneas.
Tudo isto pareceu mais tranquilizador para certas pessoas.
No dia 2 de junho a polícia conduziu ao nosso Instituto um indivíduo que havia sido preso na antevéspera e que podia ser tomado por um espião dos Djarns. Não nos tomou muito tempo confirmar que, com efeito, tratava-se de um "enfeitiçado" e John Wild tratou de "despertá-lo". Mas ele naturalmente não

sabia de nada. Era um cidadão americano que se encontrava em Hamburgo no momento em que os Djarns haviam tomado posse da cidade. Assim já não havia mais dúvida possível. Os invasores deviam ter agentes que lhes informavam sobre o estado de espírito das populações em todas as partes do planeta que eles ainda não haviam conquistado. Foram detidos outros e ficou demonstrado que alguns deles se dedicavam a uma propaganda que tendia a demonstrar que depois de tudo era equivocado não considerar os Djarns como amistosos, posto que só se propunham a nos beneficiar. Esta propaganda começava inclusive a dar seus frutos.
Em 6 de junho os jornais publicaram uma pequena informação de unas quinze linhas que passou quase desapercebida no tumulto geral em que vivíamos: os astrônomos de diversos países achavam que podiam comprovar que nosso planeta havia saído ligeiramente da órbita que descreve ao redor do sol. Os jornais punham em dúvida a exatidão desta informação. Além disso, ninguém, nem mesmo nós, pensou em estabelecer alguma relação entre esta descoberta e a presença dos Djarns sobre nossa terra.
No fim, em 14 de junho, quando menos se esperava e quando a vida havia quase recobrado um ritmo normal em um mundo que parecia resignado a deixar-se corroer, os donos da zona silenciosa lançaram um segundo ultimato. Era ainda mais terrível que o primeiro. Ameaçavam fazer desaparecer os habitantes de territórios muito mais vastos e mais povoados do que da vez anterior. No total, mais de cinquenta milhões de pessoas. A condição continuava sendo a mesma: a entrega do Instituto. Mas desta vez o prazo para a resposta era de uma semana.
Os Djarns sabiam muito bem o que estavam fazendo dando um prazo tão longo. Se tivessem procedido de igual modo na primeira vez, com certeza teriam ganho a partida.
A fim de que as pessoas ameaçadas não se aproveitassem desta semana de prazo para fugir, eles as haviam diabolicamente encarcerado entre sua própria zona e uma estreita faixa de terra que haviam posto em estado de silêncio vital no mesmo momento de lançar o ultimato. Os desgraçados estavam presos em uma ratoeira.
Foram oito dias horríveis. Uma hora depois da difusão da notícia, Irwood estava entre nós, lívido e abatido. Hersan lhe falou em igual termos de antes... O próprio Hersan se sentia muito pessimista. Não achava saída. Estava convencido de que os dirigentes do nosso planeta capitulariam.
- É isto que eu temo - disse Irwood. - Há dois meses tive que superar hesitações

terríveis para conseguir que fosse rechaçado. Duvido que desta vez eu consiga. Tanto mais porque vão acontecer pressões populares...
Não se equivocava o homem de Estado. Desde o primeiro dia se desencadearam violentas campanhas contra nós por todo o mundo. A cada momento os "djarnistas" ganhavam terreno. Nos jogavam na cara nossas próprias declarações. Não havíamos dito, há uns meses atrás, depois da incursão que fizemos em Baustadt, que as pessoas da "zona silenciosa" pareciam muito contentes de sua sorte? Antes de perecer, não seria muito melhor viver como eles? Iam deixar degolar toda a humanidade para satisfazer o Instituto de Parapsicologia?
Estes argumentos impressionaram muitas pessoas e em várias cidades se produziram muitos tumultos. As estações de rádio da zona ameaçada, mesmo que estivéssemos cortados dela, continuavam funcionando. Seus habitantes suplicavam ao resto do mundo que capitulasse. Grande número deles havia se lançado para a "zona silenciosa". Preferiam ser "enfeitiçados" a serem mortos. Em Paris, a conferência internacional, novamente aberta, celebrava sessões tumultuadas. A humanidade inteira vivia em um estado de tensão e de desordem que raiava a loucura.
- Eu repito que estamos dispostos a sermos sacrificados - havia declarado Hersan a Irwood, quando da sua segunda visita no quarto dia depois do ultimato.
Irwood havia baixado a cabeça.
- Sem dúvida será inevitável - tinha respondido. - Mas isto será como dar um passo atrás para saltar melhor.
E nos deixou com a morte na alma.

* * *

Esperávamos nosso fim com triste resignação, quando ao sexto dia aconteceram dois fatos quase simultâneos no próprio Instituto. Um deles concerne a mim da maneira mais direta. O outro foi suscitado por John Wild.
Começarei pelo primeiro, que ademais foi o primeiro, na ordem cronológica. Isto aconteceu em 19 de junho.
Os membros do nosso estado maior estavam reunidos na sala de costume. Eram dez da noite. Esperávamos o professor Hersan e John Wild. Ambos estavam com o Djarn prisioneiro. Contra toda esperança, ao que parece tentavam

conseguir com que falasse. John Wild não era nem a sombra do que fora - já que fazia dois meses, por assim dizer, que não provava nem o sono nem a comida; - continuava passando longas horas, todos os dias, junto àquela estranha criatura, submetendo-a a múltiplas experiências a fim de arrancar seus segredos.
Como nossa espera se prolongava (o professor Hersan sempre chegava pontualmente às nossas reuniões) e começávamos a suspeitar de que talvez algo insólito estava acontecendo, saí para obter notícias e me dirigi ao laboratório onde encontravam-se os dois homens. Não havia andado ainda dez passos pelo corredor, quando os vi aparecer. Estavam correndo e tinham o rosto transtornado. Me levaram consigo sem poder articular uma palavra. Quando estávamos junto dos nosso colegas, Hersan balbuciou sufocado:
- O Djarn falou...
O espanto cortou nossa respiração. Hersan prosseguiu:
- Que alguém previna Irwood. É necessário que ele venha imediatamente. Tentem contatá-lo em Paris.
Um de nós se precipitou para o telefone e Hersan voltou-se para John Wild:
- Conte, John. A você corresponde esta honra. John limpou a fronte banhada de suor.
- Sim - disse em voz fraca; - o Djarn falou... Eu lhes direi somente o essencial, porque já estou sem forças. No momento, saibam vocês que os Djarns são somente escravos...
Demos um grito de surpresa.
- Sim, escravos.... Os amos verdadeiros têm um aspecto muito diferente.
Somente
Wieburg viu um vivo, mas não soube o que era...
Estávamos todos na expectativa, mas eu já havia compreendido.
- Se isto tivesse nos ocorrido antes - acrescentou John - que os Djarns também estavam "embruxados", há muito tempo que eu tinha feito falar este que temos conosco. Mas eu estive trabalhando estupidamente por outros caminhos. Quando há duas horas atrás tive a intuição de que ele não podia ser nada mais que um "escravo condicionado", comuniquei ao professor Hersan. Dez minutos mais tarde havíamos "acordado" o Djarn...
- E o que ele disse? - gritou Luc Seabright.
John fez um gesto para acalmar a impaciência do nosso colega. Parecia fatigado até o último extremo.
- Abreviando – disse, - não somente o acordamos, como rapidamente

despertamos também sua memória atávica, as mais distantes recordações da sua espécie. Coisa curiosa, e muito ao contrário do que acontece com os homens, ele se recordou dos mais recentes acontecimentos. Isto sem dúvida deve-se ao fato de que estava condicionado deste seu nascimento. Eis aqui, em resumo, o que nos comunicou: Eles chamam os verdadeiros amos de os Kirns, ou melhor, o Kirn, já que de fato existe apenas um. Pode dividir-se mas continua sendo único.
- Dividir-se? - perguntou Dave Aslim.
- Sim. O Kirn não é outra coisa mais que uma espécie de massa gelatinosa, prodigiosamente inteligente.
- Há um momento que eu tive esta certeza - exclamei.
- Não me surpreende - disse John. - O que Wieburg viu na caixa metálica da edificação quadrada era um Kirn, ou melhor, um fragmento seu que em Baustadt dirigia todos por meios puramente psíquicos. Mas segundo nosso Djarn, o Kirn Central, o amo supremo, encontra-se em algum lugar do Grande Norte, provavelmente em um banco de gelo, já que não suporta o calor. Ele só pode viver em um meio cuja temperatura esteja abaixo de zero.
- Fantástico - murmurou Aslim.
- O Djarn ignora há quanto tempo sua espécie está submetida aos Kirns. Provavelmente há milhares de anos. O Certo é que o Kirn, que é cego e surdo e não conta com outros recursos além da sua formidável inteligência e o seu poder psíquico, não pode viver sem o concurso das criaturas que subjuga. Quando, em troca de quantas mutações biológicas e outros fenômenos os Kirns têm encadeado outras espécies ao seu destino, é uma coisa que o Djarn ignora. Sem dúvida isto se perde nas noites do tempos.
John fez uma pausa, esgotado.
- E de onde eles veem? - perguntou Rowbny.
- Deduzimos das declarações do Djarn - respondeu penosamente John, - que eles chegaram em um foguete minúsculo, que sem dúvida navegou durante anos. Sem dúvida procedem de um planeta de Aldebarã. O Kirn, prisioneiro em uma semente microscópica e mantendo a temperatura necessária, ignora-se por quais procedimentos, e os próprios Djarns não eram outra coisa neste foguete senão sementes em estado de germinação. Os Djarns se reproduziram como os vegetais, se transformaram em criaturas móveis e depois, como estavam “condicionados para isto, tomaram o Kirn aos seus cuidados. Eles o têm alimentado e logo se terá transformado em uma coisa suficientemente poderosa para ocupar-se dos homens por intermédio dos Djarns.

- Por que o Kirn não exterminou nossa espécie? - perguntei.
- Por várias razões. O Kirn precisa de nós. Além disto, o Kirn não pode nos exterminar de uma vez, já que seu poder psíquico assassino se exerce - pelo menos por enquanto - a uma distância relativamente limitada. E se o Kirn tem necessidade de nós, é porque em nosso planeta os Djarns não têm a força física suficiente para executar certos trabalhos. Resistem ao calor melhor que seu amo, mas apesar disto adoecem rapidamente, inclusive nos climas temperados.
John calou-se de novo para tomar fôlego.
- E para que servem os "lobos"? - perguntei.
- Os "lobos servem unicamente para fabricar a comida do Grande Kirn. Como nos disse Wieburg, não importa o que, para procurar a matéria-prima. Esta é submetida a radiações sobre cuja natureza as declarações do Djarn não lançaram muita luz. É transformada em uma substância assimilável pelo Kirn. Todos os dias ele absorve quantidades enormes que os Djarns transportam. Segundo nosso prisioneiro, o Grande Kirn sobre o banco de gelo onde se encontra, já deve cobrir centenas de metros quadrados. Através da galáxia, os Kirns são donos de muitos planetas gelados cujas terras estão quase inteiramente cobertas por uma massa de aparência gelatinosa que constitui seus corpos. E só desejam estender-se. Lançam foguetes minúsculos, carregados de sementes, em todas as direções.
- Mas - falou Luc Seabright, - além das calotas polares, nosso planeta não parece convir-lhes muito...
- Esperem... Isto é o mais grave. Com efeito, nosso planeta não convém ao Kirn nem a muitos dos seus escravos e servidores dos Djarns. Mas eles têm a intenção de consertar isto, e nosso Djarn não o ignora. No momento o Kirn se serve do homem a fim de que este execute os primeiros trabalhos, mas isto é somente provisório. Sua intenção e afastar nosso planeta do sol, até um ponto em que a temperatura seja ideal para ele...
Não pudemos evitar um exclamação de incredulidade.
- Ademais, a operação já começou! Lembrem que outro dia lemos uma informa nos jornais dizendo que a Terra havia saído ligeiramente da sua órbita...
- Isto é inaudito! - gritou Aslim.
- O Djarn não fez mais que confirmar-nos que isto não era uma pura ilusão. Em Neuheim, além das torres brancas dos "lobos", nós vimos um edifício metálico em construção. É um no qual o Kirn vai fazer instalar as máquinas para cooperar nesta operação, por meio de uma fonte de energia que nós ignoramos e

que nosso prisioneiro não pôde nos revelar... A espécie humana está destinada a perecer. O Kirn, depois de tê-la explorado dando-lhe um falso sentimento de euforia, a jogará fora como um limão espremido que já não serve para nada. Nem sequer será necessário exterminá-la. A humanidade morrerá quando seu planeta se transformar em um bloco de gelo. E então só subsistirão o Kirn e seus dóceis escravos, os Djarns. Eis aqui o que acabamos de nos inteirar.
Houve um momento de silêncio esmagador.
- O Djarn sabe exatamente onde se encontra o Grand Kirn? - perguntei.
- Desgraçadamente não. Ele pertence à terceira geração de Djarns em nosso planeta. Viu a luz perto de Hamburgo e sabe somente que o grande Amo está em algum lugar da zona glacial.
John teve um acesso de tosse, ficou lívido, esverdeado, e desmaiou. Havia chegado ao limite das suas forças.
Enquanto nos agrupávamos em torno dele, um dos assistentes entrou na sala como uma tromba.
- Venham depressa! - gritou. - O Djarn parece muito doente.
Nos precipitamos para lá. A estranha criatura escarlate estava sentada em uma poltrona, presa de uma terrível crise. Contorcia-se de dor e parecia sufocar. Lançou-nos um olhar carregado de súplica e logo pôs-se a gritar com sua voz penetrante:
- Quero morrer!... Vinguem minha espécie! Matem o Kirn! Oh, matem-no, eu lhes suplico.
O Djarn empertigou-se, deu duas ou três sacudidelas e imobilizou-se. Estava morto. Sem dúvida ele não tinha podido resistir ao choque que havia lhe causado sua volta ao estado de liberdade mental.
- Matar o Kirn - disse Hersan. - Ele já nos disse isto antes. Ao que devo acrescentar o que John esqueceu de dizer-lhes: os Djarns, mesmo subjugados, continuam em estado de perfeita lucidez. Mas são obrigados a fazer o que ele lhes ordena. Todas suas faculdades de vontade e de defesa estão subjugados...
- Matar o Kirn! - murmurei. - Mas o Kirn é vulnerável?
- É sim! - gritou Hersan, com um súbito ardor. - Vocês já mataram um em Neuheim, o que estava na caixa metálica. Quando morreu, ele se decompôs, e eis porque vocês só encontraram um líquido nauseabundo na caixa.

* * *

Irwood, que finalmente tínhamos podido localizar em Paris onde se encontrava, não podia nos encontrar até a madrugada. Por outro lado, ele hesitava em vir. Adivinhava-se que para ele a partida estava perdida. E o ultimato expirava trinta horas mais tarde. Foi preciso toda a influência de Hersan para que se decidisse a vir.
Como era de se supor, passamos grande parte da noite em conferência. Apesar das revelações do Djarn, a situação continuava parecendo negra para nós. Poderíamos tentar inverter a terrível corrente de opinião que havia se formado contra nós antes que expirasse o prazo do ultimato? Era pouco provável. E mesmo admitindo que assim fosse, que podíamos propor de positivo? Hersan teve a sensatez de dizer:
- É melhor irmos descansar enquanto esperamos Irwood. É possível que logo precisemos de todas nossas forças.
Assim então fui me deitar.
Foi pouco depois que surgiu o segundo fato dessa noite memorável. Eu acabava de sair de um sono febril quando senti uma espécie de coceira interior que me era bem conhecida. Quase no mesmo instante uma voz - ou o que equivalia a uma voz - murmurou dentro de mim:
- Peter!
Quase saltei na cama
Olga! Era Olga! Viva! E acabava de entrar em comunicação telepática comigo!
Lancei minha onda mental, carrega de alegria.
Imediatamente os sinais lançados através do espaço por minha noiva se imiscuíram em meu espírito com uma rapidez fulgurante. Ela dizia:
- Depressa, Peter, depressa... Pode ser que eu só disponha de alguns segundos para o que tenho a lhe dizer. Estou prisioneira de Kirn o Grande, o senhor dos Djarns. Anote o essencial, depressa, depressa: 89º 2' 27” de latitude Norte. 32º 15'
7” de longitude Leste...
Então fez-se silêncio. Um silêncio profundo que havia se formado no fundo do meu ser. Foi em vão que durante um quarto de hora em lançasse chamadas desesperadas. Nada...
A aurora já apontava em minha janela quando saltei da cama e me vesti a toda pressa. Ouvi um avicóptero passar rente ao edifício. Era Irwood que chegava.
Cinco minutos mais tarde estávamos em conferência com o homem de Estado. Ele tinha um aspecto profundamente abatido. Hersan expôs-lhe rapidamente o

que o Djarn havia revelado. Então tomei a palavra e em meio minuto contei o que acabava de me acontecer. Nem Hersan nem os meus companheiros duvidaram que Olga tinha realmente entrado em comunicação telepática comigo. Sabíamos onde se encontrava o Grand Kirn e nosso objetivo agora era tentar localizá-lo e destruí-lo.
O professor voltou-se para o homem de Estado.
- Agora toca a você tirar a conclusão - disse.
Irwood, que havia nos escutado com um interesse prodigioso, refletiu por um momento e disse:
- Que pena que não tenhamos sabido disto há um mês atrás. No ponto onde as coisas estão agora, me parece impossível fazer os governos voltarem atrás em sua decisão, já que devo revelar-lhes que a condição exigida pelos Djarns foi aceita por unanimidade. Eu mesmo votei assim. Todo mundo estava convencido de que a partida estava perdida e que era necessário aceitar o mal menor para sobrevivermos. Nossa decisão será difundida amanhã pela manhã, uma hora antes que o prazo se expire. Estou certo de que suas revelações nada podem mudar. Vocês seriam acusados de tê-las inventada do princípio ao fim para se salvarem. Inclusive, o próprio governo do qual faço parte se negaria, neste momento, a pôr um soldado ou um avião à disposição de vocês. Meus colaboradores mais sensatos renderão homenagens aos seus esforços, mas dirão: "Agora é muito tarde". Querem evitar uma nova matança a qualquer preço... E eu vou fazer-lhes uma penosa confissão: É verdade que as forças do exército que rodeavam seu Instituto estão aqui para protegê-los, mas também receberam ordem de impedir a fuga de vocês no caso de tentarem...
- Você sabe que... - insinuou Hersan.
- Sim, eu sei que há muito tempo vocês fizeram o sacrifício das suas vidas... Mas temem demais que a condição que nos exigem não seja cumprida. Entretanto, eu creio que ainda nos resta algo a tentar, depois do que vocês me revelaram. Estou disposto a ajudá-los se vocês estiverem dispostos a enfrentar o Grande Kirn.
- Faremos tudo - disse Hersan com ar sombrio, - para tentar salvar nossa espécie.
- Então não temos um minuto a perder. Seus avicópteros não poderiam empreender o voo. Eu lhes ofereço o que me trouxe aqui. É um aparelho ultrarrápido que pode carregar trinta pessoas, ou quarenta, apertados. O piloto é um homem seguro que os admira como eu. Escolham seus homens e partam rapidamente. Assumo toda a responsabilidade. Eles podem fazer comigo o que

quiserem, quando souberem da minha atitude, mas não me importo...

CAPÍTULO XIII

Meia hora mais tarde estávamos voando. Todos que restavam no nosso estado maior haviam embarcado no avicóptero de Irwood, além de trinta alunos escolhidos ao acaso.

Não estarei exagerando ao afirmar que esta foi a expedição mais extraordinária dos todos os tempos. Mas no fundo, que estávamos arriscando? Perecer? Esta era a sorte que nos estava reservada. Não obstante, no fundo do meu coração havia uma louca esperança: a de que teríamos êxito e que eu conseguiria libertar Olga.

John Wild estava entre nós. Tinha saído do seu desmaio uma hora antes da nossa partida, mas estava melhor. Nós o havíamos reanimado à força de injeções.

Estávamos voando diretamente para o norte e tínhamos um só objetivo: o ponto para o qual Olga me havia dado a longitude e a latitude. Ela estava ali. E também o Grande Kirn, não restava dúvida.

Não levávamos armas, posto que não posso considerar como tais os revólveres que havíamos pegado instintivamente. Nada de armas, quando se nos tivessem confiado uma simples granada atômica, estaríamos muito mais seguros de vencer. Não tínhamos nada mais que nossas coifas protetoras, nossa vontade e nosso saber. Não estávamos equipados para enfrentar os desertos de gelo. Apenas havíamos reunido, depressa e correndo, os trajes mais quentes de que podíamos dispor.

Vou passar por alto nossa viagem e o que conversamos. Só direi que Daniel Hersan, mesmo estando evidentemente no limite da sua resistência, deu provas de uma admirável serenidade e de uma confiança que ele próprio talvez não sentisse, mas que queria infundir-nos.

Havíamos chegado nas infinitas estepes geladas sem encontrar aparelhos voadores acima da “zona silenciosa” e estávamos nos aproximando do nosso objetivo. Observamos com os binóculos o espaço que se estendia abaixo de nós, sob a pálida luz solar, sem ver alguma coisa mais que imensos desertos brancos

cortados por braços de mar.
De repente ouvimos uma dissonância no ronronar dos motores.
- Que está acontecendo? - perguntamos ao piloto, estranhando aquilo.
- Não entendo - disse ele. - Isto é muito anormal. Dir-se-ia uma perturbação causada por um agente externo.
Não tardamos em entender. O rendimento dos motores a reação baixava mais e mais, sem nenhuma razão mecânica, segundo confirmava o piloto. Já não havia dúvida possível. Kirn o Grande era capaz de influenciar em nossos controles eletrônicos a longas distâncias. Fomos obrigados a aterrissar e o piloto resumiu a situação. Estávamos a umas dez milhas a sudoeste do local que procurávamos. O manto de neve estendia-se diante de nós, sem fim.
- Temos que continuar a pé - disse Hersan.
Saímos do avicóptero e um frio glacial deu em cheio em nossos rostos. John Wild sugeriu que usássemos alguns assentos do aparelho como trenós.
- Será necessário - disse - que os mais fortes reboquem os mais fatigados para irmos até o fim. Com certeza este será meu destino.
Deste modo saímos. Mas quando ao cabo de uma hora abordamos um terreno difícil e nos sentimos presos na tempestade de neve, tive a sensação de que estávamos perdidos, de que era uma empresa vã. Ao meu desespero se mesclava um certo consolo, pensando que pelo menos morreria perto do lugar onde Olga estava. Wild já não podia caminhar, mas sua energia era indomável. Hersan foi o segundo a ocupar um dos trenós improvisados. Tivemos que insistir muito para que o fizesse. Outros três logo se encontraram na impossibilidade de um passo a mais.
Andamos assim durante oito horas, à custa de sofrimentos indizíveis. Felizmente, no lugar onde nos encontrávamos, e nesta estação, o sol praticamente não se põe.
Estávamos alertas. Eu avançava como batedor em companhia de Luc Seabright, cujo vigor físico me animava. Ainda não havíamos notado nada de suspeito. É verdade que a visibilidade estava impedida pela neve a menos de dez passos adiante de nós.
Bruscamente o tempo mudou e o vendaval parou. À nossa direita erguia-se um montículo de gelo. Seabright e eu o escalamos e tiramos nossos binóculos dos estojos com grande dificuldade, pois sentíamos que nossos dedos estavam quase congelados mesmo sob nossas grossas luvas.

- Ali adiante! - disse imediatamente Seabright com o braço estendido.
Naquele mesmo instante ouvimos o motor de um avicóptero que passou acima das nossas cabeças. Aterrissou duas milhas além.
- Com certeza é um aparelho trazendo víveres para o Grande Kirn. Mas onde está ele?
- Ali - repetiu Seabright agitando o braço. - Ali, diante de nós. Olhe, só pode ser ele... Esta imensa mancha amarela...
Com efeito, consegui vislumbrar, a cerca de meia milha adiante de nós, alguma coisa que tinha ligeiramente a cor da neve; uma espécie de tapete cremoso que se estendia até se perder de vista.
Então era aquilo o ser monstruoso que há meses aterrorizava nosso planeta; um magma confuso de células vivas, prodigiosamente inteligentes e que se regalava naquele frio terrível. O espetáculo tinha um não sei que de alucinante e inimaginável.
Os outros se aproximaram e Aslim, que era dotado de um olhar agudo, nos apontou um ponto, bastante longe, na direção esquerda.
- São barracas metálicas quase perdidas entre a neve. Com certeza é ali que moram os Djarns que cuidam do Grande Kirn.
Meu coração estava a ponto de explodir. Sem dúvida alguma Olga também estava ali.
Daniel Hersan observava com o binóculo o terreno que tínhamos diante de nós.
John Wild estava pálido e calado. Tive a impressão de que ele ia desmaiar. Indicou-me por sinais que queria uma injeção para levantar o ânimo e eu me apressei a dar- lhe. Então murmurou:
- Não me faça falar. Estou concentrando todas minhas forças para o grande momento que se aproxima.
Hersan fez sinais para que nos aproximássemos dele.
- O que me surpreende - disse, com voz fraca - é que os Djarns não tenham vindo ao nosso encontro para tentar destruir-nos com armas terrestres antes que alcancemos o Grande Kirn... E sei que ele não ignora nossa presença, uma vez que nos obrigou a aterrissar.
- Pode ser que se deva ao fato - falei - de que os Djarns são fisicamente incapazes de se servirem de metralhadoras e canhões. Em Neuheim eu não vi nenhum deles manejando armas. Contentavam-se em dirigir a resistência. Além disto, o Grande Kirn sem dúvida está convencido de que pode nos esmagar se tentarmos entabular com ele uma luta psíquica...

- É possível - disse Hersan. - Mas já está na hora de agir. Me pergunto se devemos fazê-lo daqui onde nos encontramos ou se será melhor que nos aproximemos mais desse monstro.
- O mais perto possível... - murmurou John Wild, cujos olhos brilhavam com um febre estranha.
- Também acho - respondeu o professor.
Olhei para meus companheiros e vi que tinham os rostos azulados pelo frio, mas seus olhares estavam impregnados de resolução e desespero. Compreendi que todos achavam que iam morrer.
Houve um momento de silêncio.
Então Hersan levantou-se do trenó onde estava sentado e nos disse com uma voz forte e tranquila:
- Vou na frente. Preparem-se para uma luta inaudita, da qual dependerá o destino da nossa espécie. Que cessem em vocês os tormentos físicos que os agoniam. Pensem somente em exercer sua vontade ao máximo. Quando estivermos a vinte passos do Kirn eu pararei. Não deixem de olhar fixamente para mim. Quando eu tirar a coifa protetora, tirem as suas também. E firam-no de imediato, não pensem em nada mais que ferir. Mobilizem toda sua energia psíquica, os recursos de todas suas células vitais e matem! Matem! Sabemos que podemos vencer. Devemos vencer! Adiante!
Estas foram suas heróicas palavras pronunciadas antes do terrível combate. As últimas palavras que Hersan pronunciou na vida.
Nos pusemos em marcha e vi que Hersan vacilava. Então peguei-o por um braço para sustentá-lo enquanto Luc Seabright pegava no outro. John Wild também fazia um esforço desesperado, mas inútil, para se levantar. Então fez um sinal para que arrastassem seu trenó.
Avançávamos para o Kirn. Ao longe, à esquerda, começávamos a ver os Djarns, cujas minúsculas silhuetas escarlates recortavam-se sobre a neve. Íamos o mais rápido que podíamos. Já não sentíamos nosso cansaço nem a mordida do frio. Eu era presa de uma exaltação terrível. Pensava em Olga, que estava ali naquelas barracas metálicas, tão perto de mim e tão longe...
Quando chegamos a cem passos do monstro, tivemos a violenta e espantosa sensação de que de fato se tratava de uma criatura viva. Aquele ser gelatinoso - coisa que ainda não nos havíamos dado conta - tinha vários metros de espessura. À medida que nos aproximávamos, íamos vendo como uma espécie de fosforescência cobria sua superfície. Evidentemente, o Kirn não era nada mais

que um enorme cérebro.
Tudo aconteceu então com a rapidez de um relâmpago.
Hersan, com uma suprema força de vontade, havia se livrado da ajuda que Luc e eu lhes prestávamos. Adiantou-se a menos de vinte passos do monstro e de repente imobilizou-se. Todos nossos olhares estavam cravados nele e já levávamos as mãos às nossas coifas protetoras. Ele arrancou a sua com um gesto brusco e nós o imitamos instantaneamente.
Tive a sensação de que um raio partia meu cérebro em dois. Foi pior do que havia experimentado em Neuheim. Me pareceu que todo meu corpo ia se se quebrar, se desintegrar. Não obstante eu sentia uma lucidez extraordinária e minha vontade férrea não havia cedido um ápice. Não poderia dizer - é completamente impossível - se aquilo durou segundos, minutos ou talvez horas. Apesar disto, posso afirmar com toda certeza que naquele mesmo instante em que tiramos as coifas, vi como uma quinzena dos nossos caíam fulminados pelo fulgor ao qual eu havia resistido. Então vi os outros caírem, um a um. O professor Hersan levantou o braço para o céu e caiu sem uma palavra e eu não fiz um gesto para socorrê-lo. Ele havia dito: "Se eu cair, continuem com a luta". Estava como que hipnotizado pela fluorescências, cada vez mais vivas, que se formavam na superfície do Kirn. Apesar dos horríveis sofrimentos que me traspassavam, como se meu crânio, meus membros e todo meu corpo tivessem sido triturados em um torno, continuava projetando intensamente diante de mim, sobre o monstro, minha vontade de matar.
De repente - mas quando digo de repente não sei positivamente se é exato - éramos somente uma dezena resistindo. Dei uma olhada em John Wild que estava à minha esquerda. Ainda estava vivo. Seus olhos literalmente saíam das órbitas.
Subitamente tive a espantosa impressão de que me encontrava preso em um torvelinho de estrelas assassinas, que havia chegado ao fim, que aquilo era meu fim. Um grito desesperado saiu, arrancado do fundo do meu ser: "Adeus Olga!". Um véu negro passou diante dos meus olhos. Logo senti uma brusca descarga, como uma fantástica diminuição de tensão que quase me quebrou as pernas, mas que me deixou consciente. Eu havia fechado os olhos. Abri-os novamente e vi Luc Seabright gesticular como um louco.
Queria falar mas só conseguia murmurar. Não obstante vi que ele me fazia sinais. Diante de nós o monstro começava a se liquefazer.
Lancei um rugido selvagem e gritei:

- O Kirn está morto! Nós o matamos!
Não podia ser outra coisa. Agora já não sentíamos outros sofrimentos além dos que causavam nosso esgotamento e o frio terrível; mas na embriaguez da nossa vitória nem o sentíamos.
Mas, ai, éramos somente nove os sobreviventes; e haviam saído uns quarenta. E Hersan, nosso venerado professor, havia sucumbido. Precipitei-me para John Wild que estava de olhos fechados, sempre sentado em seu trenó. Sacudi seus braços e ele olhou para mim. Um sorriso cruzou seus lábios azulados.
- O Kirn morreu - murmurou. - Eu também vou morrer, mas estou muito contente. Você cerrará minhas pálpebras, Peter.
Ele sucumbiu em meus braços mais tarde. E de imediato vi aparecer sobre seu rosto a terrível máscara da morte azul. Assim, pereceram heroicamente, sobre este esmagador campo de batalha, os dois homens que mais haviam feito para salvar a espécie humana.
Éramos somente oito: Seabright, Townby, Aslim, três dos nossos alunos, o piloto do avicóptero - que não havia tirado a coifa protetora - e eu.
Nos precipitamos para as construções metálicas que havíamos visto à esquerda. Eu gritava como um louco: "Olga! Olga!"
Chapinhamos no líquido viscoso e nauseabundo que não era coisa senão o cadáver do Grande Kirn. A esperança de encontrar minha noiva viva me dava asas. Logo caímos sobre um grupo de Djarns. Mas como eles não adotaram nenhuma atitude de ataque contra nós, não nos preocupamos em suprimi-los. Com certeza não teria sido possível, porque estávamos completamente vazios de toda nossa energia psíquica. Os Djarns se fizeram mais e mais numerosos e se contentavam em nos ver passar, imóveis, como presos por uma espécie de estupidez.
Longe, à cabeça do nosso grupo, cheguei primeiro às barracas, que eram muito maiores que tínhamos imaginado. Na entrada, rodeada por um grupo de criaturas escarlates que não a tocavam, havia uma mulher. Estava vestida com um estranho abrigo e tinha a cabeça coberta por uma das nossas coifas protetoras. Estava muito magra e muito pálida, mas eu a reconheci no ato.
- Olga! - gritei.
Lancei-me em seus braços, mas foi para perder os sentidos imediatamente.
Esta é a história - a primeira, rigorosamente exata - do que aconteceu no lugar do Oceano Glacial Ártico, que logo foi batizado com o nome de "ponto Kirn".

* * *

Todo mundo conhece o resto da história e eu escrevo brevemente só para conservar sua memória. Quando souberam que tínhamos "fugido" do nosso instituto, houve um clamor de indignação. Irwood, apesar do seu alto cargo, foi preso e encarcerado por ter sido nosso cúmplice. Não tendo sido cumprida a condição imposta pelos Djarns, apesar do ultimato ter sido aceito, esperava-se a matança das populações ameaçadas e outras represálias ainda mais terríveis. Mas durante o dia que se seguiu à expedição do ultimato, e quando todos os rádios e todos os jornais nos tratavam como covardes, acabaram por se dar conta de que a ameaça não havia sido posta em execução.

Irwood teve conhecimento disto na prisão e compreendeu que devíamos ter triunfado, pelo menos em parte. Esgoelou-se então, como um pobre diabo, para tentar que se informassem do que devia ter acontecido. Mas não queriam acreditar nele. Apesar de tudo, conseguiu com que um avião fosse enviado secretamente e fizesse o reconhecimento acima da "zona silenciosa". O piloto e o tripulante, quando regressaram, declararam que tinham a impressão de que estava acontecendo alguma coisa anormal. As pessoas estavam desamparadas. Em certos lugares, pareciam haver voltado a um vago estado de letargia.

Irwood foi libertado. Mas ainda teve que batalhar durante longas horas para conseguir com que se fizesse um novo reconhecimento. E que desta vez fosse acompanhado por um grupo de alunos que desceriam em terra. Esta missão efetuou-se em tempo recorde. Todos os que não conheciam o segredo prediziam que ninguém voltaria. Voltaram todos, seis horas depois da sua partida. Haviam pousado perto da cidade de Cassel, na Alemanha. Confirmaram que a população estava desamparada, aturdida, "pausada" em seus movimentos - menos que no princípio do "feitiço", mas não obstante, de uma forma mais perceptível. Um dos nossos alunos havia tido inclusive a audácia de tirar a coifa protetora e não foi molestado.

Outras dez missões foram então enviadas simultaneamente a diversos lugares da "zona silenciosa". A primeira que voltou trouxe informações do maior interesse. Havia feito as mesmas constatações que a precedente, mas havia descoberto algo melhor. Havia encontrado os "lobos" subterrâneos, mas que não havia atividade alguma na obra. Haviam visto os Djarns que permaneciam tão inofensivos e tão tontos como os homens. Inclusive parecia que era difícil para eles se arrastarem. Era evidente que o poder dos Djarns havia-se desvanecido.

- O poder do Kirn! - gritou Irwood com voz atroadora e dirigindo-se aos seus colegas. - Vocês compreenderam finalmente que eu tinha razão e que a primeira coisa a fazer, como venho repetindo há cerca de quarenta e oito horas, é enviar socorro aos homens heroicos que nos salvaram e que devem estar agonizando na neve, vencidos sem dúvida pelo Grande Norte, depois de terem vencido o Kirn? Vamos continuar esperando, sabendo onde se encontram?
Desta vez todo mundo se convenceu e o próprio Irwood tomou o comando da expedição que voou em nosso auxílio.

A primeira coisa que nossos salvadores viram foi o avicóptero que nos havia transportado. Encontraram-no vazio. Mas ao fazer um novo voo, logo viram as barracas dos Djarns. Quando entraram na primeira delas, a maior, acharam estar entrando em um depósito de carne. Uma dezena de seres humanos - entre eles uma mulher - jaziam sobre o solo, rodeados por centenas de cadáveres de criaturas escarlates. Irwood me contou mais tarde a impressão de horror que havia experimentado à vista de tal espetáculo. Pensou então que ali tinha havido uma carnificina sem piedade - o que era inexato. - Somente um ser - um homem - permanecia de pé: o piloto do nosso avicóptero, o mesmo piloto de John Irwood. Mas estava louco...
Mas logo os salvadores comprovaram que havia sobreviventes. Aslim e um dos nossos alunos haviam sucumbido. Os demais ainda respiravam. Inclusive alguns Djarns se moviam debilmente. Nenhum pôde ser resgatado com vida. Quanto a mim, eu ainda não havia saído do meu desfalecimento. Jazia junto a Olga que pegava na minha mão.
Transportaram-nos rapidamente para os avicópteros de salvamento. Recolheram também os mortos que haviam ficado sobre o terreno onde haviam lutado e sucumbido.

Que mais posso dizer? Vivi cerca de dois anos em uma espécie de letargia mental; e precisei de cerca de seis meses para recobrar todas minhas faculdades. Olga, que havia sofrido choques nervosos de outro gênero, não menos terríveis que os nossos, precisou de um tempo igual ao meu para recuperar sua saúde física e mental.
Ela havia sido feita prisioneira junto com quatro dos nossos companheiros. Um

deles, ferido, havia morrido no avicóptero que o trasladava para o norte. Os quatro sobreviventes haviam sido submetidos, sob a ordem do Grande Kirn - e por intermédio dos Djarns - a atrozes torturas psíquicas, uma vez que o Kirn queria penetrar no segredo de suas estruturas mentais e saber porque eles haviam conseguido semear a morte em Neuheim. Somente Olga havia sobrevivido a tais suplícios. Na barraca, onde ficou retida como prisioneira, era vigiada por quatro Djarns - e quando digo vigiada, quero dizer espionada até em seus pensamentos mais íntimos. - Por qual milagre ela pôde se aproveitar de um momento de distração dos seus guardiães para lançar-me sua mensagem, é o que ela mesma ainda não chegou a compreender. Tudo quanto se lembra é que esteve aguardando durante semanas à menor falha de vigilância mental de que era objeto.
Ainda que Olga Darboe seja atualmente minha esposa, não hei de deixar de proclamar que foi ela quem salvou nossa espécie, - embora sua modéstia se ressinta disto - já que sem sua coragem indomável, sem sua mensagem final, nada teríamos podido fazer.
Hoje em dia, além da minha mulher e eu, não restam muitas testemunhas desse última drama: Luc Seabright, que acaba de recobrar seu equilíbrio e que logo ocupará seu posto ao meu lado; Fred Townby, que se recupera lentamente; e dois dos nossos alunos que estão entre os mais brilhantes, mas que tampouco estão plenamente recuperados. Espero dentre em breve acelerar suas curas.
E quando ao desgraçado piloto, que também foi um valente, continua vivo, mas temo que não conseguirá tirar do seu espírito as trevas em que naufragou.
A humanidade demorou bastante tempo em acreditar em sua libertação. E durante um longo período - dois ou três meses - não cessou de nos considerar suspeitos. Não obstante, durante os dias que se seguiram ao nosso salvamento, centenas de homens valentes lançaram-se para a "zona silenciosa". Viram ali os Djarns, inofensivos, morrerem como moscas. Descobriram nas misteriosas caixas metálicas dos "lobos" um líquido malcheiroso. Viram os homens condicionados saírem pouco a pouco do seu "feitiço" e da estupidez em que estavam mergulhados, mas guardando desta vez a recordação horrorizada de tudo quanto havia-lhes acontecido.
Folheando recentemente as publicações aparecidas durante os longos meses em que eu não estava em condições de ler, constatei que havia-se divagado muito sobre as razões que tinham nos permitido finalmente vencer. Confesso que eu mesmo não sei, mas acho que havíamos chegado ao limite de tudo quanto

podíamos fazer. Creio também que o fato de que lutávamos pela vida da nossa espécie, e sobretudo do nosso próprio planeta, nos deu uma grande força. De qualquer forma, ignoraremos para sempre qual era a estrutura física e mental de Kirn, o Grande. O que é uma lástima.

Tem-se perguntado também por que os Kirns que se achavam nos "lobos", protegi - dos por uma atmosfera glacial, não haviam sobrevivido e prosseguido a luta. Creio que quando a isto eu já respondi de uma forma precisa. Mas para nós do Instituto de Halburne, e também para os Djarns, não havia dúvida. O Kirn, mesmo dividido em pedaços, continuava sendo uma criatura única. Os fragmentos que se encontravam nos "lobos" recebiam todos seus impulsos vitais do Grande Kirn central. Quando esses impulsos foram interrompidos, sucumbiram e se liquefizeram. Estou convencido de que o mesmo aconteceu com os Djarns. Estavam tão ligados, e há muito tempo, ao plano biológico e sobretudo mental do Grande Kirn, que não puderam sobreviver. É sabido que em menos de uma semana todos pereceram... Sinto muito. Eles haviam sido reduzidos à escravidão e por este motivo mereciam nossa simpatia. Além disso, teriam podido nos explicar muitas coisas que para nós continuam um mistério.

Passaram-se três anos, e a humanidade - no que se refere ao hemisfério norte - apenas começa a recobrar seu equilíbrio. Atualmente tem-se confiança em nosso Instituto e se honra muito nossos mortos que deram suas vidas para salvar as dos demais.

Ah, bem que se pode perdoar os homens por haverem duvidado de nós. Desconfiem dos julgamentos muito rápidos se semelhante aventura tiver que começar de novo. Pois, infelizmente, agora já sabemos que não estamos ao abrigo das ameaças que podem vir da estrelas que brilham à noite acima das nossas cabeças.